



Universidade de Aveiro
2024

**LIANG
ZHIYUAN**

**O emprego do modo conjuntivo na aprendizagem
do português por falantes nativos de chinês**



Universidade de Aveiro
2024

**LIANG
ZHIYUAN**

O emprego do modo conjuntivo na aprendizagem do português por falantes nativos de chinês

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica da Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira, Investigadora Doutorada do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha orientadora, aos meus pais, à minha namorada e a todos que me acompanharam ao longo do caminho, pelo seu incansável apoio e ajuda.

o júri

presidente

Prof. Doutor Leonardo Lennertz Marcotulio (orientador)
Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Prof.^a Doutora Sílvia Isabel do Rosário Ribeiro (arguente)
Professora Adjunta da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda - Universidade de Aveiro

Doutora Emília Maria Rocha de Oliveira (orientadora)
Investigadora Doutorada do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Antes de mais, gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, a Doutora Emília Oliveira, que examinou cuidadosamente cada palavra deste trabalho, e fez correções e deu sugestões valiosas. Além disso, deu-me um grande apoio, desde o acesso a obras e trabalhos relevantes até à elaboração e execução do inquérito.

Gostaria ainda de agradecer a todos os professores e alunos, incluindo os anónimos que responderam ao meu inquérito. Sem a sua compreensão e colaboração, teria sido impossível realizar esta dissertação.

E, por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer sinceramente aos meus pais. Quando andava no liceu, eles queriam que eu fosse um médico, mas mesmo assim apoiaram a minha decisão de aprender português e de estudar no estrangeiro. Nos momentos em que quis desistir, foi o encorajamento deles que me fez continuar.

palavras-chave

Modo Conjuntivo, Metodologias de Ensino, Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, Ensino do Português na China.

resumo

Com base na nossa experiência pessoal e em bastantes observações que fizemos, percebemos que é difícil aos alunos cuja língua materna é o chinês dominarem o modo conjuntivo na aprendizagem do português. Perante esta situação, elaborámos este trabalho de investigação, com o objetivo de descobrir as razões deste problema e sugerir melhorias para o ensino do português aos chineses. No primeiro capítulo, revemos uma série de trabalhos e obras de referência na matéria, para apresentar uma base teórica completa do nosso estudo. No capítulo seguinte, apresentamos um inquérito por questionário a estudantes universitários com especialização no português, a fim de identificarmos e demonstrarmos os problemas que os falantes nativos de chinês revelam na aprendizagem do conjuntivo em português. No último capítulo, analisamos as possíveis causas dos problemas refletidos no inquérito, e sugerimos também algumas melhorias para o ensino desse tópico gramatical aos chineses.

keywords

Subjunctive Mood, Teaching Methodologies, Portuguese as Foreign/Second Language, Education of Portuguese in China.

abstract

Based on our personal experience and many observations we made, we realized that it is difficult for students whose mother tongue is Chinese to understand the subjunctive when learning Portuguese. Faced with this situation, we developed this research work, with the aim of discovering the reasons for this problem and suggesting improvements for teaching Portuguese to Chinese. In the first chapter, we will review a series of works and reference material, to present a complete theoretical basis for our study. In the next chapter, we present an investigation using a questionnaire applied to university students specializing in Portuguese, in order to identify and demonstrate the problems that native Chinese speakers reveal when learning the subjunctive in Portuguese. In the last chapter, we analyze possible causes of the problems reflected in the investigation, and we also suggest some improvements for teaching the grammar topic to Chinese people.

Índice Geral

Introdução	7
Capítulo 1 Visão geral do modo conjuntivo na língua portuguesa.....	10
1.1 Definição do modo conjuntivo no português.....	10
1.2 Tempos do modo conjuntivo.....	11
1.2.1 Presente do Conjuntivo (faça).....	12
1.2.1.1 Conjugação do Presente do Conjuntivo.....	15
1.2.1.2 Uso do Presente do Conjuntivo.....	15
1.2.2 Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo (tenha feito)	15
1.2.2.1 Conjugação do Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo.....	15
1.2.2.2 Uso do Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo.....	16
1.2.3 Futuro do Conjuntivo (fizer).....	17
1.2.3.1 Conjugação do Futuro do Conjuntivo.....	17
1.2.3.2 Uso do Futuro do Conjuntivo.....	18
1.2.4 Futuro Composto do Conjuntivo (tiver feito)	19
1.2.4.1 Conjugação do Futuro Composto do Conjuntivo.....	19
1.2.4.2 Uso do Futuro Composto do Conjuntivo.....	20
1.2.5 Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (fizesse).....	21
1.2.5.1 Conjugação do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	21
1.2.5.2 Uso do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.....	22
1.2.6 Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo (tivesse feito)	24
1.2.6.1 Conjugação do Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo.....	25
1.2.6.1 Usos do Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo.....	26
1.3 Usos do Modo Conjuntivo.....	28
1.3.1 Nas orações simples.....	28
1.3.2 Nas orações compostas.....	29
1.3.2.1 Nas orações subordinadas subjetivas.....	30
1.3.2.2 Nas orações subordinadas completivas e objetivas.....	30

1.3.2.3 Nas orações adjetivas.....	33
1.3.2.4 Nas orações adverbiais.....	35
Capítulo 2. Inquérito e Descobrimto.....	39
2.1 Apresentação do inquérito.....	39
2.2 Análise dos resultados do inquérito.....	40
2.2.1 Análise da verificação de antecedentes.....	40
2.2.1.1 Avaliação do conhecimento.....	41
2.2.1.2 Atitudes dos alunos relativamente aos livros didáticos de português escritos em chinês no que concerne ao modo conjuntivo.....	42
2.2.2 Análise estatística do questionário de conhecimentos.....	43
2.2.2.1 Análise dos resultados das perguntas de preenchimento.....	43
2.2.2.2 Análise dos resultados das perguntas de escolha múltipla.....	78
2.3 Problemas refletidos nos resultados do inquérito.....	83
2.3.1 Problemas técnicos revelados pelos resultados estatísticos do inquérito.....	84
2.3.1.1 Incapacidade de utilizar o conjuntivo no momento certo.....	84
2.3.1.2 Incapacidade de utilizar o tempo simples do conjuntivo adequado.....	85
2.3.1.3 Incapacidade de utilizar os tempos compostos do conjuntivo adequados	86
2.3.1.4 Erros de conjugação e de escolha da pessoa verbal.....	87
2.3.2 Problemas profundos manifestados pelas estatísticas do inquérito.....	88
2.3.2.1 Dependência dos livros didáticos.....	88
2.3.2.2 Pensamento estereotipado dos alunos.....	92
Capítulo 3. Reflexões e propostas de melhoria.....	95
3.1 Estará o ensino universitário na origem dos problemas identificados?.....	95
3.1.1 Aulas numa organização de ensino e formação.....	96
3.1.2 Inquérito a um estudante do ensino secundário imigrante	97
3.2 Sugestões de melhoria.....	99
3.2.1 Antecipar e evitar ideias preconcebidas nos alunos.....	101
3.2.2 Atender à lógica gramatical em fases iniciais do ensino/aprendizagem.....	102

3.2.3 Ajustar a ordem pela qual os tempos verbais são ensinados.....	103
3.2.4 Acentuar e enfatizar as relações entre os tempos.....	103
3.2.4.1 Relação entre os tempos simples e compostos.....	104
3.2.4.2 Relação entre o futuro e o presente.....	105
3.2.4.3 Relação entre o pretérito e o presente/futuro.....	106
3.2.5 A relação entre o conjuntivo e o indicativo.....	108
3.2.5.1 Criar frases exemplificativas, sobretudo contrastantes.....	109
3.2.5.2 Estabelecer contextos, nomeadamente os contrastivos.....	111
3.3 Uma questão de hegemonia cultural.....	112
Conclusão.....	116
Bibliografia.....	118
Anexo.....	120

Índices de Gráficos e Tabelas

Tabela 1	Conjugações regulares do presente do conjuntivo.....	12
Tabela 2	Conjugação completamente irregular do presente do conjuntivo.....	13
Tabela 3	Conjugação irregular do presente do conjuntivo com padrão.....	13
Tabela 4	Conjugação do pretérito perfeito do conjuntivo.....	15
Tabela 5	Conjugação do futuro do conjuntivo.....	17
Tabela 6	Conjugação do futuro composto do conjuntivo.....	19
Tabela 7	Conjugações do pretérito imperfeito do conjuntivo.....	20
Tabela 8	Conjugações do pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo.....	24
Gráfico 9.1	40
Gráfico 9.2	41
Gráfico 10	43
Gráfico 11	43
Gráfico 12	44
Gráfico 13	45
Gráfico 14	46
Gráfico 15	46
Gráfico 16	47
Gráfico 17	47
Gráfico 18	48
Gráfico 19	48
Gráfico 20	49
Gráfico 21	50
Gráfico 22	51
Gráfico 23	52
Gráfico 24	53
Gráfico 25	54
Gráfico 26	55

Gráfico 27.....	56
Gráfico 28.....	57
Gráfico 29.....	57
Gráfico 30.....	58
Gráfico 31.....	59
Tabelas 32 e 33.....	60
Gráfico 34.....	60
Gráfico 35.....	61
Gráfico 36.....	62
Gráfico 37.....	63
Gráfico 38.....	64
Gráfico 39.....	65
Gráfico 40.....	66
Gráfico 41.....	67
Gráfico 42.....	68
Gráfico 43.....	68
Gráfico 43.2.....	69
Gráfico 44.....	70
Gráfico 45.....	71
Gráfico 46.....	72
Gráfico 47.....	72
Gráfico 48.....	73
Gráfico 49.....	74
Gráfico 50.....	75
Gráfico 51.....	75
Gráfico 52.....	76
Gráfico 53.....	77
Gráfico 54.1.....	77

Gráfico 54.2.....	78
Gráfico 55.....	78
Gráfico 56.....	79
Gráfico 57.....	79
Gráfico 58.....	80
Gráfico 59.....	80

Introdução

No século XV, o último vestígio do Império Romano dispersou-se sob as muralhas do Imperador Teodósio. Os europeus foram forçados a encontrar novas rotas comerciais para o Oriente. Naquela época, Portugal, um país no ponto mais ocidental do continente europeu, foi o primeiro a abrir novas rotas para o Oriente, dando início à Era dos Descobrimentos e da colonização europeia. À medida que os Portugueses foram comercializando e expandindo para o estrangeiro, a sua língua espalhou-se de “onde a terra se acaba e o mar começa” para todo o mundo. Hoje, esta língua, antigamente falada num país pequeno e marginal do continente, é a sexta língua mais falada no mundo (e diz-se que é a quinta mais falada, juntamente com o árabe), e é falada por mais de 230 milhões de pessoas em todo o mundo (dados de 2013¹). É também a língua oficial de nove países, religiões e territórios, incluindo Portugal e o Brasil.

Face ao enorme mercado de mais do que 230 milhões de pessoas, nenhum país ignora a sua relação com ele, e a China não é exceção. A história do ensino da língua portuguesa na China moderna não é curta. Segundo a página oficial da Universidade Politécnica de Macau², em 1961, a China tinha poucas universidades que ofereciam ensino de português, como a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim. Mas, naquela altura, durante a Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a União Soviética, a China continental estava no centro do espaço socialista, enquanto a maioria dos países lusófonos integravam o espaço capitalista, pelo que a China tinha muito pouco contacto económico e cultural com os lusófonos. Isto resultou numa escassez de talentos do português na China durante muito tempo.

O ponto de viragem aconteceu em 2001. Naquele ano, a China aderiu à Organização Mundial do Comércio e os seus intercâmbios económicos e culturais com o mundo, especialmente com os países ocidentais, tornaram-se cada vez mais frequentes, de forma que se aumentou a procura de talentos em línguas estrangeiras. Em 2008, a Universidade de

¹ Enciclopédia de Baidu: <https://baike.baidu.com/item/%E8%91%A1%E8%90%84%E7%89%99%E8%AF%AD/676611>

² Universidade Politécnica de Macau: <https://www.mpu.edu.mo/zh/highlights.php?hlight=30246>

Línguas Estrangeiras de Dalian, onde estudei como licenciado, ofereceu o português como disciplina de graduação. É uma das primeiras universidades na China continental a fazê-lo. Naquela altura, existiam menos de 10 universidades na China que ensinavam português. Uma tão grande lacuna de talentos deveria atrair mais universidades para oferecerem o ensino da língua portuguesa. Como resultado, segundo a página oficial da Universidade Politécnica de Macau, até 2017, a China teve já mais do que 40 universidades a oferecerem a língua portuguesa como disciplina de graduação³.

No entanto, enquanto o português tem ganhado cada vez mais atenções na China, muitas dificuldades e problemas ignorados no seu ensino têm também surgido. Isto é particularmente verdade no que diz respeito ao modo conjuntivo. Como língua independente, o chinês não tem modo conjuntivo, ou mesmo qualquer conceito de modo ou tempo. Como resultado, muitas pessoas pesquisam e pensam que as dificuldades que os chineses têm em aprender o modo conjuntivo são causadas pelas diferenças culturais. Isto não é errado, mas trata-se de uma generalização. Nos últimos 30 anos, o inglês, tal como o português como língua flexional, penetrou nas salas de aula da maioria dos alunos do ensino secundário e primário na China. E as diferenças culturais não tiveram grande impacto no ensino do inglês na China, embora este idioma tenha conceitos gramaticais semelhante ao conjuntivo do português.

Durante a nossa formação na universidade da China, sentimos que os professores prestavam maior atenção ao presente do conjuntivo, seguido do futuro e do pretérito imperfeito. Quanto aos tempos menos usados como os pretérito perfeito e mais-que-perfeito, raramente eram ensinados. Compreendemos então como era difícil aprender o modo conjuntivo durante os anos de licenciatura na China, mas, nessa altura, não investigámos as razões por detrás dessas dificuldades.

No primeiro ano de mestrado, ou seja, no ano letivo transato, ensinámos três estudantes com bases linguísticas diferentes: uma estudante universitária no curso de graduação em português e dois imigrantes com poucos ou nenhuns fundamentos de português,

³ Universidade Politécnica de Macau: <https://www.mpu.edu.mo/zh/highlights.php?hlight=30246>

frequentando, respetivamente, o 1.º ciclo do ensino básico e o secundário. Ao ensiná-los, adquirimos uma compreensão mais profunda das dificuldades do ensino do conjuntivo, bem como alguma consciência e perceção dos problemas no ensino do conjuntivo nesta fase.

Neste caso, queremos, e cremos que consigamos, alterar o estado atual da aprendizagem e ensino do conjuntivo na China. E assim nasceu esta dissertação. Primeiramente, explicaremos o conceito, a conjugação e o uso do modo conjuntivo do português. A seguir, faremos uma reflexão sobre a explicação e os exemplos relativos a vários tempos do modo conjuntivo no livro didático mais utilizado para as disciplinas de língua portuguesa nas universidades chinesas nos últimos 10 anos, *Português Universitário* (Ye, 2010). Simultaneamente, lançaremos um inquérito por questionário a alunos chineses de língua portuguesa, com diferentes níveis de proficiência, a fim de descobrirmos, nesta fase, quais são, para os alunos chineses, as principais dificuldades na aprendizagem do modo conjuntivo. Finalmente, com base nos dados recolhidos, este estudo analisará as dificuldades e sugerirá algumas recomendações de melhoramento, indicando algumas estratégias que possam ser mais eficazes no ensino e aprendizagem do conjuntivo.

Capítulo 1. Visão geral do modo conjuntivo na língua portuguesa

1.1 Definição do modo conjuntivo no português

Segundo a *Infopédia*, um dos dicionários *online* de português mais usados, existem três modos em português: o indicativo, o conjuntivo e o imperativo. No entanto, segundo alguns autores, “em português, os gramáticos distinguem cinco modos verbais, o indicativo, o conjuntivo, o condicional, o imperativo e o infinitivo.” (Rang, 2020, p. 4). Seja como for, o modo indicativo é geralmente usado para descrever factos, assim o seu uso está fortemente relacionado com acontecimentos reais. Quanto ao uso do modo conjuntivo, é distinto do do indicativo. Normalmente, o conjuntivo está relacionado mais com algo que não é, ou que ainda não se tornou um facto.

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Cunha & Cintra (1984, p. 464) descreveram o conjuntivo deste modo:

“Como o próprio nome indica, o CONJUNTIVO (do latim *conjunctivus*, «que serve para ligar») denota uma ação, ainda não realizada, e concebida como ligada a outra, expressa ou subentendida, de que depende (de onde a designação alternativa SUBJUNTIVO, preferida pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*). Emprega-se normalmente na oração subordinada.”

Nesta definição, Cunha & Cintra chamam a atenção para o facto de o conjuntivo, no Brasil, ser designado “subjuntivo”, o que nos leva a constatar que, apesar da referência à irrealidade, ambos os nomes significam mais “ligar” e “conjuntar”.

Em chinês, o significado do nome do conjuntivo não tem nada que ver com “ligar”, “conjuntar” ou “subordinar”. De acordo com Wang & Lu (1999, p. 299) e Ye (2010, p.177), o “modo conjuntivo” é traduzido para “虚拟式 (*XvNiShi*)”. Este é também o único nome do conjuntivo em chinês. O significado de *XvNiShi* é “o modo da virtualidade, irrealidade e suposição”. Por isso, na China, quase todos os livros didáticos de português ignoram a outra função do conjuntivo: “serve para ligar”.

Sendo uma língua analítica e diferente das aglutinantes como o português, o chinês não tem nenhuma flexão ou conjugação nas palavras e nos caracteres. Em português, os tempos e os modos podem ser expressos pela conjugação de verbos, mas em chinês isso só pode ser realizado através da posição das palavras, do uso de palavras auxiliares, e mesmo do contexto. Isso leva ao facto de que em chinês não há base para a existência do modo conjuntivo, que requer a conjugação e a flexão de palavras. Quanto à possibilidade, potencialidade e irrealidade expressas pelo conjuntivo em português, geralmente são expressas por alguns verbos e advérbios específicos. Explicamo-lo agora através de dois pares de exemplos.

Exemplo 1: 我还以为她到了呢 e *Achei que ela tivesse chegado*.

Neste par de exemplos, 我 significa *eu*, 以为 significa *achar*, 她 significa *ela*, e 到 significa *chegar*. O advérbio isolado 了 determina que *chegar* deve ser usado nos tempos perfeitos. E a adição do advérbio 还 determina a irrealidade da ação expressa pela oração subordinada e leva ao uso do conjuntivo em *chegar*. O advérbio 还 implica o significado do tempo pretérito. E no final, 呢 é uma palavra intensificadora, que se pode tornar um ponto de exclamação na frase em português.

Exemplo 2: 我相信他会来吧 e *Creio que ele venha*.

Neste par de exemplos, 我 significa *eu*, 相信 significa *crer*, 他 significa *ele*, e 来 significa *vir*. E a adição do advérbio 吧 determina a possibilidade e potencialidade da ação expressa pela oração subordinada e leva à utilização do conjuntivo no verbo da oração subordinada *vir*. Quanto a 会, é um símbolo do tempo futuro, expressando que a ação *vir* ocorre depois da ação *crer*, e determinando que *vir* deve usar no presente do conjuntivo em vez do perfeito pretérito.

1.2 Tempos do modo conjuntivo

No modo conjuntivo, há, no total, seis tempos. São, respetivamente: o presente simples (*faça*), o pretérito perfeito composto (*tenha feito*, como se fosse um “presente composto”),

o futuro simples (*fizer*), o futuro composto (*tiver feito*), o pretérito imperfeito (*fizesse*) e o pretérito mais-que-perfeito composto (*tivesse feito*, como se fosse um “pretérito imperfeito composto”). De acordo com Raposo et al. (2013, p. 534), na medida em que são em número mais reduzido que os tempos no modo indicativo, os tempos do conjuntivo têm de diversificar os seus valores, para poderem corresponder semanticamente aos do indicativo. Isso traz duas consequências. Uma é que cada tempo do conjuntivo tem mais usos relativamente aos do indicativo, e outra é que é muito mais difícil ensinar um tempo do conjuntivo do que um do indicativo.

Além disso, a conjugação de todos os tempos do conjuntivo é mais complexa do que a dos tempos do indicativo, na medida em que derivada da do indicativo. No meu primeiro ano letivo na Universidade de Aveiro, ouvi com frequência alguns colegas usarem a forma verbal *ser* em vez de *for*.

Assim, apresentaremos agora a conjugação e o uso básico de cada tempo do conjuntivo.

1.2.1 Presente do Conjuntivo (*faça*)

1.2.1.1 Conjugação do Presente do Conjuntivo

A conjugação do presente do conjuntivo deriva normalmente da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo. Para os verbos terminados em *-ar*, o *-o* da primeira pessoa do singular do verbo é substituído por *-e*. Quanto aos verbos terminados em *-er* e *-ir*, o *-o* será substituído por *-a*. Na tabela (1) abaixo, usaremos os verbos *estudar*, *comer* e *abrir* como exemplos para mostrar a flexão do presente do conjuntivo nas diferentes conjugações. Não incluímos em nenhuma das tabelas que apresentaremos a conjugação da 2.^a pessoa do plural, *Vós*, em virtude de estar em desuso.

Tabela 1 Conjugações regulares do presente do conjuntivo

	<i>-ar</i>	<i>-er</i>	<i>-ir</i>
Pessoa	<i>Estudar</i>	<i>Comer</i>	<i>Abrir</i>

Sufixo			
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>estude</i>	<i>coma</i>	<i>abra</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>estudes</i>	<i>comas</i>	<i>abras</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>estude</i>	<i>coma</i>	<i>abra</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>estudemos</i>	<i>comamos</i>	<i>abramos</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>estudem</i>	<i>comam</i>	<i>abram</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

Além da conjugação regular listada na tabela, há um grande número de formas irregulares no presente do conjuntivo. A irregularidade na primeira pessoa do singular dessas formas verbais, tais como *possa* (*poder-posso-possa*), *faça* (*fazer-faço-faça*) e *consiga* (*conseguir-consigo-consiga*), deve-se à irregularidade da 1.ª pessoa do singular do indicativo a partir da qual se forma o conjuntivo. Deve-se ressaltar que a conjugação das restantes pessoas verbais (do singular e do plural) segue a da 1.ª pessoa do presente conjuntivo. Não as discutiremos aqui porque são perfeitamente regulares na transição da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo para o presente do conjuntivo.

Existem, no entanto, dois tipos de flexão irregular no presente do conjuntivo que nada têm que ver com a do presente do indicativo. Uma é completamente irregular, enquanto a outra, diferente do que acontece na maioria dos verbos, segue um padrão. Nas tabelas 2 e 3 mostraremos esses dois casos. No primeiro caso apresentamos *ter*, *estar* e *ir* como exemplos, que são os mais usados, apesar de os verbos cuja conjugação é completamente irregular no presente do conjuntivo serem muito mais do que esses três exemplos.

Tabela 2 Conjugação completamente irregular do presente do conjuntivo

Pessoa Sufixo	<i>ter</i>	<i>estar</i>	<i>ir</i>
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>tenha</i>	<i>esteja</i>	<i>vá</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>tenhas</i>	<i>estejas</i>	<i>vás</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>tenha</i>	<i>esteja</i>	<i>vá</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>tenhamos</i>	<i>estejamos</i>	<i>vamos</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>tenham</i>	<i>estejam</i>	<i>vão</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

Quanto aos verbos que têm conjugação irregular que segue um padrão, são os que terminam em *-çar*, *-gar* e *-car*. Quando tais verbos são conjugados no presente do conjuntivo, a sua grafia é ajustada (*-çar* para *-ce*, *-gar* para *-gue* e *-car* para *-que*), a fim de se manter inalterada a pronúncia do seu radical. Na tabela seguinte (3), os verbos *dançar*, *entregar* e *ficar* serão dados como exemplo.

Tabela 3 Conjugação irregular do presente do conjuntivo com padrão

Pessoa Sufixo	<i>dançar</i>	<i>entregar</i>	<i>ficar</i>
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>dance</i>	<i>*entregue</i>	<i>fique</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>dances</i>	<i>*entregues</i>	<i>fiques</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>dance</i>	<i>*entregue</i>	<i>fique</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>dancemos</i>	<i>entreguemos</i>	<i>fiqemos</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>dancem</i>	<i>entreguem</i>	<i>fiquem</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

*Observação: um dos participípios passados do verbo *entregar* tem a mesma forma que a

conjugação do presente do conjuntivo.

1.2.1.2 Uso do Presente do Conjuntivo

O presente do conjuntivo é o mais comum dos seis tempos do conjuntivo. Na maioria dos casos, é usado quando uma ação ocorre no presente, ou seja, “numa oração composta, quando o verbo da oração principal está no presente, o verbo da subordinada está no presente do subjuntivo.” (Wang, 1999, p. 312). Ao mesmo tempo, numa oração simples em que o tempo está no presente, se for necessário usar o conjuntivo, geralmente, usa-se o tempo presente do conjuntivo:

É/Será bom que ele esteja na biblioteca agora.

Precisamos de uma pessoa que fale português.

Oxalá eles venham com um carro.

Além dos casos dados cujas ações ocorrem no presente, o presente do conjuntivo também se usa quando uma ação ocorre no futuro. E este uso não entra em conflito com o futuro do conjuntivo. Isso também se aplica não apenas a orações simples, mas também a orações compostas:

É/Será possível que eu vá outra vez à Grécia num próximo futuro.

Caso partas amanhã, traz um guarda-chuva contigo.

Deus queira que não chova quando saíres amanhã.

1.2.2 Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo (*tenha feito*)

1.2.2.1 Conjugação do Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo

Na Tabela 2, a conjugação do tempo presente do conjuntivo de *ter* já foi mencionada. A conjugação do pretérito perfeito do conjuntivo é baseada na conjugação do presente de *ter*

(pode também ser *haver*), mais o particípio passado do verbo principal, ou seja, *tenha* (*haja*) e *feito*. Por isso, a irregularidade no pretérito perfeito do conjuntivo é normalmente causada pela irregularidade do particípio passado. Na tabela 4 mostraremos a sua conjugação, tomando como exemplos *ficar*, *ter* e *entregar*.

Tabela 4 Conjugação do pretérito perfeito do conjuntivo

Pessoa Sufixo	<i>ficar</i>	<i>ter</i>	<i>entregar</i>
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>tenha ficado</i>	<i>tenha tido</i>	<i>tenha entregado</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>tenhas ficado</i>	<i>tenhas tido</i>	<i>tenhas entregado</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>tenha ficado</i>	<i>tenha tido</i>	<i>tenha entregado</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>tenhamos ficado</i>	<i>tenhamos tido</i>	<i>tenhamos entregado</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>tenham ficado</i>	<i>tenham tido</i>	<i>tenham entregado</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

Alguns verbos têm dois particípios passados, um regular e um irregular. Neste caso, é usado no pretérito perfeito do conjuntivo o particípio passado regular. Por exemplo, na tabela 3, mencionei outro particípio passado de *entregar*, *entregue*. Portanto, a conjugação de *entregar* na tabela 4 é *tenha entregado* em vez de *tenha entregue*.

Mais, vale a pena notar que o particípio passado no perfeito do conjuntivo faz parte da sua conjugação verbal, logo não tem flexão de género e número. Por exemplo: *Espero que as meninas já tenham partido* não se pode escrever como **Espero que as meninas já tenham partidas*.

1.2.2.2 Uso do Pretérito Perfeito Composto do Conjuntivo

Os usos do pretérito perfeito composto do conjuntivo são semelhantes aos do presente

do conjuntivo. A diferença é que este tempo enfatiza a conclusão de uma ação, ou seja, a ação que ele denota deve preceder a ação denotada pelo verbo no indicativo (presente ou futuro) na oração principal (Wang, p. 318). Também pode significar que uma ação seja concluída antes de um determinado ponto do tempo. Por exemplo:

Espero que as meninas já tenham partido.

Talvez eu já tenha saído quando chover.

Tomara que vocês tenham feito o vosso trabalho.

Na primeira frase, a ação de *as meninas partirem* acontece antes de *eu esperar*. Na segunda, *eu sair* acontece antes de *chover*. E na última frase, *vocês fazerem o trabalho* conclui-se antes do momento da enunciação.

1.2.3 Futuro do Conjuntivo (*fizer*)

1.2.3.1 Conjugação do Futuro do Conjuntivo

A conjugação do futuro do conjuntivo é sempre derivada da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo. O sufixo *-ram* na 3.^a pessoa do pretérito perfeito é substituído pelo *-r*, que é a característica mais óbvia do tempo futuro do conjuntivo. Ou seja, no futuro do conjuntivo, pode-se considerar que todas as irregularidades de conjugação são causadas pela irregularidade da 3.^a pessoa do pretérito perfeito do indicativo. Na tabela seguinte, *ficar*, *sair* e *fazer* serão dados como exemplo.

Tabela 5 Conjugação do futuro do conjuntivo

Pessoa Verbo	<i>ficar</i>	<i>sair</i>	<i>fazer</i>
3.^a Pessoa Plur. do Pretérito	<i>ficaram</i>	<i>sáiram</i>	<i>fizeram</i>

Perfeito do Indicativo <i>Eles/Elas</i>			
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>ficar</i>	<i>sair</i>	<i>fizer</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>ficares</i>	<i>saíres</i>	<i>fizeres</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>ficar</i>	<i>sair</i>	<i>fizer</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>ficarmos</i>	<i>sairmos</i>	<i>fizermos</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>ficarem</i>	<i>saírem</i>	<i>fizerem</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

Na tabela 5, pode-se ver que, quanto aos verbos regulares, a conjugação do futuro do conjuntivo tem a mesma forma que o seu infinitivo pessoal. Por isso, alguns utilizadores da língua portuguesa confundem as duas formas. E então, usando *fazer* em vez de *fizer*, por exemplo.

Além disso, a conjugação de *sair* não corresponde exatamente à regra mencionada anteriormente. Na 3.ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, existe um acento agudo na conjugação das 2.ª pessoa e 3.ª pessoas do plural. Isso ocorre porque em *saíram*, *sa* e *i* correspondem a duas sílabas diferentes. Sem o acento agudo em *i*, *sa* e *i* fundir-se-iam na mesma sílaba, *sai*. O agudo serve para o mesmo fim em *saíres* e *saírem*.

1.2.3.2 Uso do Futuro do Conjuntivo

No quadro das línguas românicas, o futuro do conjuntivo só existe em português e em galego (Raposo et al., 2013, p. 541). Como o seu nome indica, o futuro do conjuntivo usa-se quando a ação da oração subordinada acontece no futuro. Mas, ao contrário do presente do conjuntivo, o futuro do conjuntivo é usado apenas em algumas situações muito específicas. De acordo com Raposo, et al., o futuro do conjuntivo simples normalmente ocorre em orações relativas e em orações subordinadas adverbiais, temporais e condicionais (2013, p. 541). Mas na minha própria experiência, também pode ser usado nas orações

subordinadas substantivas. Por exemplo, *Quem tiver acertado nos números do Totoloto está rico* (Raposo et al., 2013, p. 684).

As pessoas que tiverem gripe serão atendidas amanhã.

(Quem tiver gripe será atendido amanhã.)

Sempre que tiveres dificuldade, não hesites em dizer-ma.

Se tiverem frio, ponham o cachecol.

Repara-se que, ao expressar ações que podem ocorrer no futuro, apenas orações adverbiais condicionais guiadas por *se* e *se não* admitem o futuro do conjuntivo. Outras conjunções/locuções conjuncionais, tais como *caso* e *a não ser que*, são seguidas do presente.

Além disso, o futuro do conjuntivo também pode ocorrer em orações comparativas correlativas, envolvendo valores de quantificação, introduzidos por *quanto mais* e *quanto menos*:

Quanto mais depressa formos, mais cedo chegaremos ao restaurante.

Quanto menos barulho fizermos, menos possibilidades temos de ser apanhados.

Neste caso, a localização do verbo no futuro do conjuntivo da oração subordinada é futura relativamente à da enunciação, “podendo, no entanto, sobrepor-se a ela”. Por exemplo, na primeira frase, se num automóvel o falante e o interlocutor forem mais depressa no momento da enunciação, chegarão mais cedo ao seu destino. (Raposo et al., 2013, p. 542)

1.2.4 Futuro Composto do Conjuntivo (*tiver feito*)

1.2.4.1 Conjugação do Futuro Composto do Conjuntivo

Semelhante ao pretérito perfeito, o futuro composto do conjuntivo é também formado por *ter* (pode também ser *haver*), que aparece no futuro do conjuntivo, e o particípio passado

do verbo principal, ou seja, *tiver* e *feito*. A seguir, *ficar*, *ter* e *entregar* servirão como exemplos.

Tabela 6 Conjugação do futuro composto do conjuntivo

Pessoa Verbo	<i>ficar</i>	<i>ter</i>	<i>entregar</i>
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>tiver ficado</i>	<i>tiver tido</i>	<i>tiver entregado</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>tiveres ficado</i>	<i>tiveres tido</i>	<i>tiveres entregado</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>tiver ficado</i>	<i>tiver tido</i>	<i>tiver entregado</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>tivermos ficado</i>	<i>tivermos tido</i>	<i>tivermos entregado</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>tiverem ficado</i>	<i>tiverem tido</i>	<i>tiverem entregado</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

Como se mostrou na tabela 4, em 1.2.2.1, a conjugação de pessoa concentra-se no verbo auxiliar *ter*, e, quanto aos verbos com dois participípios passados, o regular também será usado no futuro composto. Além disso, o participípio passado no futuro composto também não tem flexão de género e número.

1.2.4.2 Uso do Futuro Composto do Conjuntivo

As regras para a utilização do futuro composto são semelhantes às para o futuro, mas enfatiza-se a conclusão de uma ação. A ação no futuro composto deve ocorrer antes do verbo da oração principal (Wang, 1998, p. 321), mas pode ocorrer antes e depois da enunciação. Raposo et al. (2013, p. 542) defendem que, em alguns casos, o futuro composto do conjuntivo pode marcar um tempo futuro relativamente ao tempo da enunciação (como acontece com o futuro simples do conjuntivo), noutros, este tempo pode marcar um tempo passado em relação ao da enunciação, como nos exemplos seguintes:

Digam-me assim que vocês tiverem chegado à casa.

Quem tiver pago o título poderá entrar no cinema.

Na primeira frase, *vocês chegarem* acontece antes da ação expressa pelo verbo da oração subordinante *dizerem*, mas depois da enunciação. Neste caso, a frase pode ser substituída por *Digam-me assim que chegarem à casa*. Quanto à segunda, a ação de *pagar* ocorre antes de *poder entrar*. Então é possível que aconteça antes do momento da enunciação. Se for assim, *Quem pagou o título poderá entrar no cinema* tem o mesmo significado que a segunda frase.

1.2.5 Pretérito Imperfeito do Conjuntivo (*fizesse*)

1.2.5.1 Conjugação do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

A conjugação do pretérito imperfeito e a do futuro são relativamente semelhantes, sendo ambas derivadas da 3.^a pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo. Contudo, no pretérito imperfeito, o que substitui *-ram* é a terminação *-sse-* em vez de *-r*, sem exceção. Por isso, assim como no futuro, toda as irregularidades no imperfeito do conjuntivo têm origem na 3.^a pessoa do pretérito perfeito.

Tabela 7 Conjugações do pretérito imperfeito do conjuntivo

Pessoa Verbo	ficar	sair	fazer
3ª Pessoa Plur. do Pretérito Perfeito do Indicativo <i>Eles/Elas</i>	<i>ficaram</i>	<i>saíram</i>	<i>fizeram</i>
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>ficasse</i>	<i>saísse</i>	<i>fizesse</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>ficasses</i>	<i>saísse</i>	<i>fizesse</i>

2.ª Pessoa Sing. Você	<i>ficasse</i>	<i>saísse</i>	<i>fizesse</i>
3.ª Pessoa Sing. Ele/Ela			
1.ª Pessoa Plur. Nós	<i>ficássemos</i>	<i>saíssemos</i>	<i>fizéssemos</i>
2.ª Pessoa Plur. Vocês	<i>ficassem</i>	<i>saíssem</i>	<i>fizessem</i>
3.ª Pessoa Plur. Eles/Elas			

Como se mostra na tabela acima, no pretérito imperfeito, não existem apenas acentos agudos para manter a sílaba inalterada (p.e., *saísse*), mas também para manter a sílaba acentuada inalterada na 1.ª pessoa do plural. Quando o fim do radical é *-a* e *-i*, o acento é agudo (p.e., *ficássemos* e *partíssemos*), e quanto a *-e*, o acento pode ser circunflexo (timbre fechado, p.e., *escrevêssemos*) ou agudo (timbre aberto, p.e. *fizéssemos*).

1.2.5.2 Uso do Pretérito Imperfeito do Conjuntivo

Quando o verbo principal está num tempo passado ou no condicional, o pretérito imperfeito do conjuntivo pode ser usado no verbo na oração subordinada (Wang, 1998, p. 316). Na nossa opinião, o pretérito imperfeito é o tempo mais difícil e complexo entre todos os tempos do conjuntivo. No entanto, a utilização deste tempo pode ser dividida em três categorias.

A primeira função deste tempo é modificar e suavizar o tom de comando, fazendo com que os pedidos e desejos se tornem mais delicados. Nesta utilização, o verbo da oração subordinante fica no pretérito imperfeito do indicativo ou no condicional. E embora se utilize o tempo pretérito, a ação não tem lugar no passado ou antes de algum ponto do tempo de anúncio:

Eu queria que o administrador permitisse o meu acesso ao laboratório BSL-4.

Agradeceria muito se o administrador permitisse a minha solicitação.

Seria bom que me trouxessem mais um pão grátis.

Quanto ao primeiro e segundo exemplos, um possível cenário seria que um investigador precisa de um certo vírus no laboratório BSL-4 para completar a sua experiência, mas, antes disso, ele precisa de solicitar o acesso ao administrador. E é muito possível que a sua solicitação seja rejeitada por razões de segurança. Ao solicitá-lo, o investigador pode proferir estas palavras para que o pedido dele seja mais respeitoso.

E a terceira frase pode enunciar-se num cenário destes: mesmo que já tenha comido o prato principal e todos os pães grátis dados pelo restaurante, o cliente ainda não está satisfeito, e ele não tem a certeza de que pedir mais pães grátis neste restaurante seja permitido. Quando o empregado do restaurante lhe pergunta se precisa de algo mais, o cliente pode responder como a terceira frase. O uso do tempo pretérito imperfeito em ambas as orações, subordinante e subordinada, tornam a enunciação do desejo mais eufemística.

O segundo uso do pretérito imperfeito do conjuntivo é expressar e indicar um ato que acontece no passado relativamente ao tempo da enunciação. Se a ação expressa na oração subordinada ocorrer depois da expressa na oração principal, ou acontecer em simultâneo com a ação da principal, deve ser dada preferência à utilização do pretérito imperfeito na oração subordinada:

O doutor esperou que o administrador permitisse a sua solicitação.

Foi/Era melhor que o completássemos mais cedo no dia seguinte.

Eu precisava de um funcionário que falasse português.

Embora estivesse a chover, começaram o caminho deles.

Nos exemplos 1 e 2, os verbos subordinados *permitir* e *completar* podem ocorrer depois dos subordinantes *esperou* e *foi (era)*. Para que a nossa explicação seja mais clara, o primeiro exemplo corresponderá a: *O doutor esperou **no momento da sua enunciação** que o administrador permitisse a sua solicitação **depois daquele momento***. Da mesma forma, a segunda frase pode corresponder a: *Foi/Era melhor **naquele momento** que o completássemos mais cedo no dia **depois daquele momento***.

E nos exemplos 3 e 4, os verbos subordinados ocorrem ao mesmo tempo que os subordinantes. Assim, por exemplo, o exemplo 4 pode corresponder a: *Eles começaram o caminho **enquanto** estava a chover.*

Além disso, o pretérito imperfeito do conjuntivo também pode ser aplicado se a ação da oração subordinada ocorrer antes da ação da principal. Por exemplo:

O júri lamentou que não entregasses o trabalho a tempo.

Foi melhor que o completássemos mais cedo no dia anterior.

Podemos ver que, no primeiro exemplo, *não entregar o trabalho a tempo* pode ter ocorrido antes do verbo da oração subordinante. E, em contraste com o exemplo anterior, *Foi\Era melhor que o completássemos mais cedo no dia seguinte*, aqui, pode corresponder a *Foi melhor **naquele momento** que o completássemos mais cedo no dia **antes do momento**.* No entanto, vale a pena notar que nestes dois exemplos, apesar da exatidão do pretérito imperfeito, cumpre o mais o emprego de pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo.

O pretérito imperfeito do conjuntivo também pode ser utilizado quando a ação referida pelo verbo subordinado é pouco provável ou mesmo impossível de ocorrer, ou quando não corresponde a factos objetivos. Em alguns casos, o pretérito imperfeito também tem a função de intensificar o tom. Neste uso, não se restringe o tempo de ocorrência do verbo subordinado. A ação expressa pelo pretérito imperfeito pode não apenas ocorrer antes ou depois do verbo subordinante ou da enunciação, mas também em simultâneo. E não há problema se este uso do pretérito imperfeito se aplica nas orações simples:

Era melhor que o completássemos mais cedo ontem.

Ele canta como se estivesse a chorar.

Creio que deverias comprar um descapotável Ferrari caso tivesses 1 bilhão euros.

Quem me dera que eu vivesse até aos 200 anos de idade.

Nos dois primeiros exemplos, as ações na oração subordinada não correspondem a factos totalmente objetivos. *Nós não terminámos a tarefa ontem, e o cantor também não está a chorar.* Embora haja uma *hipótese de ganhar a lotaria* ou uma *de avanço médico*, os últimos exemplos são altamente improváveis.

1.2.6 Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo (*tivesse feito*)

1.2.6.1 Conjugação do Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo

O pretérito mais-que-perfeito pode ser considerado o tempo composto do pretérito imperfeito. Por isso ele é composto pela conjugação do pretérito imperfeito de *ter* e o particípio passado do verbo principal, ou seja, por *tivesse* e *feito*. Na tabela 8, os verbos que servem como exemplos são *ficar*, *ter* e *entregar*, representando respetivamente a conjugação regular, a irregular e a regular dos verbos com dois participios passados.

Tabela 8 conjugações do pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo

Pessoa Verbo	<i>ficar</i>	<i>ter</i>	<i>entregar</i>
1.ª Pessoa Sing. <i>Eu</i>	<i>tivesse ficado</i>	<i>tivesse tido</i>	<i>tivesse entregado</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Tu</i>	<i>tivesses ficado</i>	<i>tivesses tido</i>	<i>tivesses entregado</i>
2.ª Pessoa Sing. <i>Você</i>	<i>tivesse ficado</i>	<i>tivesse tido</i>	<i>tivesse entregado</i>
3.ª Pessoa Sing. <i>Ele/Ela</i>			
1.ª Pessoa Plur. <i>Nós</i>	<i>tivéssemos ficado</i>	<i>tivéssemos tido</i>	<i>tivéssemos entregado</i>
2.ª Pessoa Plur. <i>Vocês</i>	<i>tivessem ficado</i>	<i>tivessem tido</i>	<i>tivessem entregado</i>
3.ª Pessoa Plur. <i>Eles/Elas</i>			

Uma vez que o particípio passado faz parte da conjugação do pretérito mais-que-perfeito, assim como do pretérito perfeito e do futuro composto, as regras de o

particípio passado “não ter flexão de género e número” e “ser regular se um verbo tem dois particípios passados, regular e irregular”, também se aplicam neste tempo composto.

1.2.6.2 Usos do Pretérito Mais-Que-Perfeito do Conjuntivo

Os usos de pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo coincidem, em certa medida, com os do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito. De qualquer forma, uma vez que se trata de um tempo composto, o pretérito mais-que-perfeito exprime uma ação ocorrida ou concluída antes da expressa pelo verbo principal ou de um ponto no tempo. Como afirmam Raposo et al. (2013, p. 540):

“Tal como o imperfeito simples do conjuntivo, o pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo pode ocorrer em frases em que o verbo da oração principal está no pretérito perfeito ou imperfeito do indicativo, logo, em que a localização temporal da situação expressa na oração principal é anterior ao tempo da enunciação. Tal como o pretérito perfeito composto do conjuntivo, o pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo é um tempo aspetualmente perfectivo que apresenta restrições sobre o seu uso e a sua interpretação, as quais dependem do tipo de verbo da oração principal.”

Para percebermos melhor estas afirmações, as seguintes frases:

Era/Foi melhor que o completássemos mais cedo.

Era/Foi melhor que o tivéssemos completado mais cedo.

O doutor esperava/esperou que o administrador autorizasse o seu pedido.

O doutor esperava/esperou que o administrador tivesse autorizado o seu pedido.

As primeira e terceira frases deste par de exemplos já haviam sido usadas para explicar os usos do tempo pretérito imperfeito do conjuntivo. Se os verbos utilizados na oração

principal forem *foi* e *esperou*, podemos ter a certeza de que as ações *ser bom* e *esperar* ocorreram antes da enunciação, mas não sabemos ao certo se *completar* e *permitir* aconteceram antes ou depois da ação do verbo da oração principal. Se os verbos na oração principal forem *era* e *esperava*, temos dificuldades em dizer não apenas se a ação do verbo subordinado ocorreu antes do verbo principal, mas também se a ação do verbo principal ocorreu antes da enunciação.

Contrariamente, através do pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo na oração subordinada das segunda e quarta frases, podemos determinar e saber facilmente que a ação do verbo subordinado ocorre antes da ação do verbo subordinante, e geralmente podemos também achar que a ação do verbo subordinante ocorre antes da enunciação, apesar de o verbo subordinante ser *era* e *esperava*.

O segundo emprego do pretérito mais-que-perfeito é fazer suposições e hipóteses sobre ações passadas. Neste caso, a ação expressa pelo mais-que-perfeito do conjuntivo é normalmente irreal e infactual; se a ação for um facto, usa-se o pretérito perfeito do indicativo. E em contraste com o pretérito imperfeito, o mais-que-perfeito tende a mostrar que a hipótese se destina ao passado. Comparemos as seguintes frases.

Se foste aprovado no exame, vamos de férias para a praia.

Se fosses aprovado no exame, iríamos de férias para a praia.

Se tivesses sido aprovado no exame, iríamos/teríamos ido de férias para a praia.

A primeira frase pode ser interpretada no sentido de que o resultado do exame já foi publicado e que o *tu* passou no exame, enquanto a terceira frase dá a entender que o *tu* não passou no exame. Em ambas as frases, subentende-se que o resultado, no momento da enunciação, já estava foi publicado. Contudo, de acordo com a segunda frase, é muito mais provável que o resultado ainda não tenha sido publicado, e que o falante acha que será difícil o seu interlocutor ser aprovado no exame.

1.3 Usos do Modo Conjuntivo

Na secção anterior, já mencionámos os usos específicos de cada tempo no modo conjuntivo. No entanto, diferentes tempos podem ser utilizados dependendo da probabilidade do evento, do momento da ocorrência, etc., numa mesma situação. Por isso, nesta secção, vamos enumerar a maioria dos casos e das situações em que o modo conjuntivo é utilizado, sem ênfase no tempo.

1.3.1 Nas orações simples

Anteriormente, lembrámos que a palavra *conjuntivo* significa, originalmente, “que serve para ligar”. Assim, o modo conjuntivo é utilizado principalmente nas orações compostas. Por conseguinte, não existem muitos usos do conjuntivo nas frases simples.

Em geral, quando o conjuntivo aparece numa oração simples, é, na maioria dos casos, a expressão de um desejo ou esperança. Neste caso, a oração pode começar por palavras ou locuções que exprimem desejo (*quem me dera que, oxalá, deus queira que, tomara que, etc.*) ou pela conjunção integrante *que*, mas tal não é obrigatório:

Nossa senhora da Fátima proteja esta família.

Quem me dera que eu tivesse trancado a porta quando saí de casa.

Deus queira que ganhes mais na batalha de negócios.

Que todos os convidados tenham chegado.

O conjuntivo é também utilizado em frases simples que comecem com o advérbio de dúvida *talvez*, o qual expressa uma possibilidade. Se *talvez* for usado depois do verbo, usa-se o indicativo:

Talvez eles já tenham chegado à serra de estrela e visto a neve.

Talvez o Paulo esteja na biblioteca agora.

(O Paulo está talvez na biblioteca agora.)

Por vezes o conjuntivo funciona como um tipo especial de imperativo. Por isso Liu (2020, p. 16) afirma:

“O modo imperativo pode expressar uma possibilidade, proibição ou desejo, etc. Os imperativos dividem-se em imperativos afirmativos e negativos, aparecendo o modo conjuntivo utilizado em todas as pessoas do imperativo negativo e em algumas pessoas do imperativo afirmativo. *Entremos!* (1.^a pessoa do plural) *Não avises os teus colegas.* (2.^a pessoa do singular).”

Além dos três casos regulares acima mencionados, há um caso extremamente especial que pode levar à presença do conjuntivo em oração simples. Em poucas palavras, se uma oração simples for considerada como a parte subordinada de uma oração composta implícita, esta simples também requer a utilização do conjuntivo. Eis um exemplo colhido em Bechara (1999, p. 282):

Fosse ele o culpado. Ainda assim, lhe perdoaria.

Este uso do conjuntivo pode ocorrer nas orações concessivas de *ainda que*, *embora*, *conquanto*, *posto que*, *se bem que*, *por muito que*, *por pouco que* (e semelhantes), não havendo, entretanto, completo rigor a respeito (Bechara, 1999, p. 282).

1.3.2 Nas orações compostas

A maioria das utilizações do conjuntivo verifica-se na oração subordinada das orações compostas. Nesta secção, explicaremos a utilização do modo conjuntivo numa diversidade de orações subordinadas. Pode ocorrer em orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

1.3.2.1 Nas orações subordinadas subjetivas

Na opinião de Bechara, o conjuntivo pode-se usar depois das expressões (verbos ou locuções formadas por *ser, estar, ficar* + substantivo ou adjetivo) que denotam desejo, possibilidade, vulgaridade, justiça, necessidade e utilidade (1999, p. 281). Na nossa opinião, *ser (estar, ficar, etc.)* também pode ser seguido do particípio passado de verbos que expressam necessidade, possibilidade, desejo, etc.:

Será bom que tenham entregado o trabalho antes da próxima semana.

Cumpra que comas mais vegetais em consideração de uma vida saudável.

Uma maior possibilidade é que vocês não apanhem o próximo comboio.

Foi esperado que o paciente tomasse suficiente remédio.

(Esperou-se que o paciente tomasse suficiente remédio.)

No entanto, quando a expressão da oração subordinante denota um facto (subjetivo e objetivo), emprega-se o indicativo se o verbo subordinante é afirmativo e o conjuntivo se o subordinante é negativo.

Era amplamente sabido que o sol girava em torno da Terra.

Na Idade Média, não era amplamente sabido que a Terra girasse em torno do sol.

É verdade que vais aprovar todos os exames.

Ainda não está certo que o salto tenha fugido nesta direção.

1.3.2.2 Nas orações subordinadas completivas e objetivas

(a) Quando o verbo ou a locução verbal da oração principal expressa um desejo, uma esperança, uma ordem, uma permissão ou uma proibição, o conjuntivo será empregado no verbo subordinado:

Espero que tenhas chegado ao teu destino.

O administrador permitiu que o doutor tivesse acesso ao laboratório BSL-4.

Pedi que o pedro me trouxesse aquele livro.

A polícia municipal proibirá que estacionemos aqui.

(b) Quando o verbo ou a locução verbal subordinante expressa um sentimento subjetivo, tal como lamento, medo, alegria e surpresa, o verbo subordinado deve estar no modo conjuntivo. Mas deve notar-se que aqui os sentimentos subjetivos não incluem julgamentos ou pensamentos subjetivos.

Tenho medo que nos perdamos quando entrarmos no monte.

Lamento que não tenhas feito o trabalho de casa.

Alegra-me que todos venham à festa.

(c) Quando o verbo principal ou a locução verbal expressa um julgamento ou pensamento subjetivo, normalmente usa-se o conjuntivo no verbo subordinado se a oração principal for afirmativa. E se a oração principal for negativa, o verbo subordinado conjuga-se ao conjuntivo.

Acho que a Ana não estava no restaurante de manhã.

Hoje toda a gente tem a opinião de que a Terra gira em torno do sol.

Não acho que a Ana tenha estado em casa de manhã.

Copérnico não acreditava que o sol girasse em torno da Terra.

Mas existem dois casos especiais. Um é que se o facto subjetivo na oração subordinada não corresponder a um facto estabelecido e objetivo que já tenha ocorrido, o verbo na oração subordinada tem de estar no modo conjuntivo.

Achei que houvesse uma pessoa no meu grupo a qual conseguisse resolver o problema.

(Mas ninguém conseguiu.)

Achei que havia uma pessoa no meu grupo a qual conseguisse resolver o problema.

(E esta pessoa resolveu-o com sucesso finalmente.)

Na Idade Média, a Santa Sé acreditava que o sol girasse em torno da Terra.

Copérnico acreditava que o sol não girava em torno da Terra.

Outro caso especial é que mesmo que a oração principal esteja na forma afirmativa, o conjuntivo pode ser utilizado se a ação do verbo subordinado for apenas uma hipótese incerta. Afirma Wang a este respeito: “Um verbo subordinado no conjuntivo indica que o julgamento e o pensamento expresso pelo verbo principal é apenas um palpite e é incerto; se o verbo subordinado estiver no modo indicativo indica que o julgamento e a ideia são essencialmente um facto (1999, p. 332):

Creio que ele venha.

Creio que ele vem.

Comparando estes dois exemplos acima, a primeira frase pode ser entendida como *Acho possível que ele venha*, enquanto a segunda pode ser entendida como *Acho factual que ele vem*.

(d) Quando o verbo principal exprime uma dúvida ou uma negação, se a subordinante for afirmativa, emprega-se o conjuntivo na oração subordinada; emprega-se o indicativo se a subordinante for negativa.

Duvido que a Maria faça outro trabalho.

Neguei que ele tivesse aparecido nesta área.

Não duvido que a Maria vai fazer outro trabalho.

Não neguei que ele aparecera nesta área.

No entanto, se o falante tem a suspeita como certa, ou nela acredita, o normal é aparecer o indicativo (Bechara, 1999, p. 281):

“Suspeito que a Terra gira em torno do sol.” Copérnico poderia ter dito assim.

O doutor suspeita que o seu pedido já foi autorizado.

(O doutor crê que o seu pedido já foi autorizado.)

Além de tudo o que foi referido acima, Bechara menciona dois casos particulares: “A oração substantiva que completa a exclamação de surpresa *Quem diria* constrói-se com indicativo ou subjuntivo”; “Com os indefinidos do tipo *o que quer que* é mais comum o emprego do subjuntivo” (1999, p. 283):

Quem diria que ela fosse capaz disso.

(Quem diria que ela era capaz disso.)

Saiu com o que quer que fosse.

1.3.2.3 Nas orações adjetivas

No português, existem dois tipos de orações subordinadas adjetivas, sendo respetivamente as explicativas e as restritas, e o conjuntivo apenas ocorre nas adjetivas restritas.

Mais frequentemente, o conjuntivo é exigido quando a oração adjetiva descreve um conceito que não seja explicitamente declarado ou um certo tipo de coisa. A característica mais marcante desta situação é o pronome indefinido *um* ou *uma* antes do substantivo que a adjetiva modifica. Nota-se, contudo, que esta noção de indefinido não exige necessariamente um pronome indefinido. E também não é necessário utilizar o conjuntivo sempre que o pronome indefinido aparece:

Por favor, procurem-me mais autocarros que saiam para Roma.

Preciso de um computador que funcione nas altas temperaturas.

(Já comprei um computador que funciona nas altas temperaturas.)

Além disso, quando a oração adjetiva exprime uma hipótese, uma conjectura, uma simulação, emprega-se o conjuntivo na oração subordinada (Cunha & Cintra, 1984, p. 467):

O cidadão que ama sua pátria engrandece-a. (realidade)

O cidadão que ame sua pátria engrandece-a. (conjetura)

(Bechara, 1999, p. 282)

O conjuntivo também ocorre depois de um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enunciam uma qualidade que determine e restrinja a ideia expressa por esse predicado ou interrogação:

Não havia ninguém no meu grupo que conseguisse resolver o problema.

Durante bastante tempo não houve quem o convencesse a voltar.

(Cunha & Cintra, 1984, p. 467)

De acordo com Cunha & Cintra (1984, p. 467), o conjuntivo também se emprega quando a oração adjetiva exprime um fim que se pretende alcançar ou uma consequência:

Humana, mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que reanimasse fogueiras mortas, sonhos desfeitos. (Cunha & Cintra, 1984, p. 467):

Preciso de um computador que eu traga para o deserto.

Também têm o verbo no conjuntivo as orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de um asserto (Bechara, 1999, p. 282). Neste caso, a oração adjetiva orientada

por *que* pode ser considerada como uma descrição da oração subordinante:

Não há, que eu saiba, expressão mais suave.

(Bechara, 1999, p. 282)

1.3.2.4 Nas orações adverbiais

(a) Emprega-se o conjuntivo nas orações causais de *não porque*, *não* (ou *nem*), quando se quer dizer que a razão aludida não é verdadeira (Bechara, 1999, p. 282):

Cheguei tarde à aula não porque me tivesse levantado tarde.

Vou alterar o percurso não porque o carro tenha esgotado o combustível.

(Vou alterar o percurso porque o carro não tem combustível.)

(b) O conjuntivo usa-se em quatro tipo de orações concessivas:

(1) Introduzidas pelas conjunções/locuções concessivas *embora*, *conquanto*, *nem que*, *mesmo se* e *se bem que* (e semelhantes):

Parti cedo embora não fizesse sol ontem.

Mesmo que não passe no exame final, vou de férias.

(2) Introduzidas pelas locuções conjuncionais com valor intensivo como *por mais que*, *por muito que* e *por pouco que*:

Por muito estudioso que seja, não consigo compreender a matemática.

(3) Com os indefinidos do tipo *onde quer que*, *o que quer que* e *qualquer que*:

Seguir-te-ei aonde quer que vás.

(4) Nas estruturas concessivas em que o verbo se repete (presente do conjuntivo... +

futuro do conjuntivo), tais como *vá aonde for*:

Vás aonde fores, seguir-te-ei.

Bechara considera que também entram neste rol as alternativas de sentido concessivo (*ou... ou, quer... quer*) e as concessivas justapostas do tipo de *fosse ele o culpado, ainda assim, lhe perdoaria* (1999, p. 282), as quais já mencionámos em 1.3.1.

(c) Usa-se o conjuntivo nas orações finais, depois das locuções *para que, a fim de que* e *com finalidade de que*.

Voltei para casa mais cedo para que os meus filhos vissem o jogo comigo.

Devo ser rigoroso convosco com a finalidade de que consigam melhores notas.

(d) Usa-se o conjuntivo nas orações consecutivas que exprimem “simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou se pretenderia chegar, e não uma realidade” (Cunha & Cintra, 1984, p. 469). As locuções incluem *de modo que, de forma que, de maneira que, tão...que* e *fazendo com que* (*Isso faz com que...*). Se exprimirem uma realidade, emprega-se o indicativo nas orações subordinadas:

Fale devagar de forma que todos o compreendam. (Wang, 1999, p. 304)

O papel é extrapesado fazendo com que a tinta não passe.

Estarei a falar disso contigo de forma que saibas mais.

(Eu falei disso contigo de forma que soubeste mais.)

(e) O conjuntivo pode-se empregar nas orações temporais, depois de *antes que, assim que, até que, enquanto, depois que, logo que, etc.*, “quando ocorrem nas negações ou nas indicações de simples concepção, e não uma realidade” (Bechara, 1999, p. 283). No caso de

uma realidade, emprega-se o indicativo, exceto com *antes que*, locução com a qual se emprega sempre o conjuntivo, mesmo para expressar uma realidade:

Mandem-me um email assim que tenham chegado ao destino.

Devemos partir agora antes que chova.

(Mandámos-te um email assim que chegámos/chegáramos ao destino.)

(Partimos esta manhã antes que chovesse.)

(f) Nas orações condicionais, na grande maioria dos casos, emprega-se o conjuntivo. Depois das conjunções e locuções como *caso*, *desde que*, *a não ser que*, *sem que* e *suposto que*, emprega-se apenas o conjuntivo, com exceção dos futuro simples e composto do conjuntivo:

Vamos à praia amanhã a não ser que chova.

Eu compraria uma casa enormíssima caso tivesse um milhão euros.

No que diz respeito a *se*, pode ser seguido por ambos, indicativo e conjuntivo, exceto os presente e pretérito perfeito do conjuntivo. O presente e o perfeito do conjuntivo também não são aceites nas locuções compostas por *se*, tais como *salvo se* e *exceto se*, ou mesmo a locução concessiva *mesmo se*.

Quando a ação expressa pelo verbo subordinado é um facto definido ou que já aconteceu, usa-se o indicativo. E quando a do verbo subordinado não foi, não será, ou ainda não é um facto (ou seja, é uma conjetura ou hipótese, com ou sem possibilidade), usa-se o conjuntivo:

Lamento que tenhas partido este copo. Se o partiste, admite a tua culpa.

Se és homem, deves ser valente. (Wang, 1999, p. 305)

Se tivesse estado na Alemanha no verão passado, eu teria bebido mais cerveja.

Está a chover há tantos dias. Se fizesse bom tempo amanhã, iríamos à praia.

Se passar no exame final, irei de férias.

Além disso, nas interrogações introduzidas por *E se...?*, cujo significado é *O que aconteceria/teria acontecido se...?*, usam-se exclusivamente os tempos pretéritos do conjuntivo:

E se tivesses estado na Alemanha no verão passado?

E se não chovesse amanhã?

(g) Usa-se também o conjuntivo nas orações comparativas.

(1) Quando iniciadas pela locução hipotética *como se*:

Ele cantou como se tivesse chorado.

Estou deprimidíssimo como se vivesse numa prisão.

(2) Nas orações comparativas correlativas que envolvem valores de quantificação, quando iniciadas por *quanto mais* e *quanto menos*.

Quanto mais depressa formos, mais cedo chegaremos ao restaurante.

Quanto menos barulho fizermos, menos possibilidades temos de ser apanhados.

(Raposo et al., p. 542)

Capítulo 2: Inquérito e Descobrimento

2.1 Apresentação do inquérito

Como vimos na secção anterior, o modo conjuntivo do português é muito complexo, tanto do ponto de vista do contexto em que é usado como do ponto de vista das regras de conjugação, e há uma série de pormenores que requerem a atenção do falante, mas que se podem facilmente ignorar. E para os falantes nativos de chinês, uma língua em que não existe conjugação verbal nem distinção de modos, a aprendizagem e a utilização do conjuntivo tornar-se-ão ainda mais difíceis.

A fim de explorar os problemas que os alunos chineses revelam na aprendizagem do modo conjuntivo em português, bem como dos livros didáticos e manuais de português escritos em chinês, e os problemas que se observam no que respeita ao conjuntivo em termos do ensino do português na China, elaborámos e distribuámos um inquérito. A primeira parte visa verificar os antecedentes dos alunos, investigando o tempo de aprendizagem do português, a experiência de estudo no estrangeiro, as perceções subjetivas dos sujeitos sobre a sua capacidade e domínio na utilização do conjuntivo e sobre a facilidade de utilização dos livros didáticos de português escritos em chinês. A segunda parte consiste num questionário de conhecimentos, constituído por perguntas de preenchimento de espaços em branco e de escolha múltipla.

A grande maioria das perguntas de preenchimento tem apenas uma resposta padrão, que é usada para examinar até que ponto os alunos compreendem e dominam as regras do conjuntivo, como, por exemplo, se conseguem usar o conjuntivo corretamente numa determinada situação e se conseguem escolher o tempo apropriado quando usam esse modo verbal. As perguntas de escolha múltipla, por outro lado, têm mais do que uma resposta correta, ou aceitável, e destinam-se a examinar os hábitos linguísticos dos sujeitos, como, por exemplo, saber que conjuntivo os alunos preferem utilizar numa mesma situação. O inquérito original pode ser consultado no anexo da dissertação.

Foram distribuídos 100 inquéritos, com 89 inquéritos válidos devolvidos. Destes, 32 inquéritos foram recebidos dos alunos chineses em mobilidades do 3.º ano de licenciatura da

Universidade de Aveiro, 24 de alunos chineses do primeiro ano do curso de mestrado em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda da Universidade de Aveiro, 22 de alunos chineses de português do 4.º ano de licenciatura da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian (equivalente ao primeiro ano de mestrado em termos do ano de estudos) e 11 inquéritos distribuídos através das redes sociais da China a outros alunos do 4.º ano de licenciatura. Uma vez que os alunos chineses de português a frequentar a Universidade de Aveiro são oriundos de diferentes universidades da China, com capacidades de ensino diversas, e que o número das amostras é relativamente grande, o que poderá refletir melhor o nível e os problemas dos alunos de português da China, a análise dos resultados do inquérito centrar-se-á, sobretudo, nos resultados da Universidade de Aveiro. Em particular, quando se trata de analisar o efeito do tempo de estudo do português no grau de domínio do modo conjuntivo, apenas serão utilizados os dados da Universidade de Aveiro, a fim de controlar as variáveis. Quanto aos resultados da Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian e dos inquéritos distribuídos através da Internet, servirão de complemento e adição de informação. Depois da análise dos resultados do inquérito, analisaremos as possíveis razões para tais resultados, tendo em conta os atuais livros didáticos e manuais escolares de português escritos em chinês.

2.2 Análise dos resultados do inquérito

2.2.1 Análise da verificação de antecedentes

A secção de verificação de antecedentes é composta por seis perguntas. A primeira pergunta é sobre o tempo que um aluno aprendeu português, normalmente três ou quatro anos, e a segunda pergunta é sobre se o sujeito tem experiência de estudo num país lusófono. Os resultados destas duas perguntas serão utilizados como importantes variáveis independentes na análise do inquérito. As questões 3, 5 e 6 (que, na verdade, partem de afirmações) são, respetivamente, *“Acho que tinha uma compreensão suficientemente boa do modo conjuntivo quando estudava português na China”*, *“Quando outrem usa o modo*

conjuntivo quando fala comigo, consigo compreender corretamente o que está a tentar expressar com o tempo do conjuntivo” e “Nas minhas interações diárias com falantes nativos, ou durante as aulas com um professor lusófono, estou sempre atento/a às ocasiões e condições apropriadas para utilizar o modo conjuntivo com um tempo correto”, que se destinam para explorar a avaliação subjetiva dos alunos sobre o seu nível do conjuntivo. Finalmente, a pergunta 4 é: *“Acho que os livros didáticos da língua portuguesa escritos em chinês são muito úteis nesta fase para eu aprender o modo conjuntivo”*. As respostas a esta pergunta podem refletir as atitudes dos alunos em relação aos livros didáticos escritos em chinês, que são também a grande maioria dos livros sobre o português atualmente disponíveis na China.

2.2.1.1 Avaliação do conhecimento

Nesta secção, tivemos em conta as classificações dos alunos nas questões três, cinco e seis e fizemos a seguinte tabela com base na média das classificações de cada grupo. (de 5 em 5, quanto mais alta a pontuação, melhor o domínio)

Tabela 9.1

Origem e Ano		Pergunta 3	Pergunta 5	Pergunta 6
Ave. 3L.	Média	3.00	3.38	3.13
	N	32	32	32
	Desvio Padrão	1.078	1.100	1.129
Ave. 1M.	Média	2.67	2.58	2.67
	N	24	24	24
	Desvio Padrão	.816	.929	.917
Chi. 4L.	Média	3.27	3.21	2.97
	N	33	33	33
	Desvio Padrão	.876	1.083	.847
Total	Média	3.01	3.10	2.94
	N	89	89	89

Desvio Padrão	.959	1.088	.981
------------------	------	-------	------

Na tabela acima, *Ave.3L.* representa os alunos chineses em mobilidade do 3.º ano de licenciatura da Universidade de Aveiro, *Ave.1M.* representa os alunos chineses em mobilidade do 1.º ano de mestrado da Universidade de Aveiro, enquanto *Chi.4L.* representa os alunos do 4.º ano de licenciatura da China. Estas designações aplicar-se-ão a todas as tabelas e gráficos ao longo da dissertação.

A partir dos resultados estatísticos apresentados no quadro, podemos facilmente perceber que: entre os estudantes que frequentam a mesma universidade portuguesa, os do 3.º ano de licenciatura mostraram-se mais confiantes no que respeita ao seu nível de português do que os do 1.º ano de mestrado. Os do 4.º ano de licenciatura da China, por outro lado, estavam tão confiantes em relação ao seu nível de compreensão do modo conjuntivo como os do 3.º da Universidade de Aveiro. Nas secções posteriores, iremos explorar se esta confiança reflete fielmente o seu verdadeiro nível, bem como analisar a base em que os alunos se avaliam.

2.2.1.2 Atitudes dos alunos relativamente aos livros didáticos de português escritos em chinês no que concerne ao modo conjuntivo

A quarta pergunta, tal como a terceira, a quinta e a sexta perguntas, é uma pergunta subjetiva pontuada numa escala de cinco. As pontuações médias dos resultados estatísticos são apresentadas no quadro seguinte:

Tabela 9.2

Pergunta 4

Origem e Ano	Média	N	Desv. P.
Ave. 3L.	4.03	32	.933
Ave. 1M.	3.79	24	.884

Chi. 4L.	3.97	33	.637
Total	3.94	89	.817

Como se pode verificar nesta tabela, em termos de atitudes face aos livros didáticos de português em chinês, os mestrandos da Universidade de Aveiro atribuíram classificações significativamente mais baixas do que os alunos de licenciatura da Universidade de Aveiro e os do 4.º ano da China, enquanto os dois últimos atribuíram classificações mais próximas, algo semelhante ao verificado nas três questões subjetivas analisadas na tabela anterior.

No entanto, vale a pena notar que, ao comparar as tabelas 9.1 e 9.2, todos os grupos atribuíram classificações claramente mais altas em relação aos livros didáticos do que ao seu próprio nível do conjuntivo. Efetivamente quando olhamos para o total de sujeitos, as classificações médias para as questões três, cinco e seis são 3,01, 3,10 e 2,94, respetivamente (veja-se a Tabela 8), enquanto a classificação média para a pergunta quatro é 3,94. Pode ver-se que tanto um determinado grupo como o conjunto dos alunos classificaram a quarta pergunta quase um ponto acima comparativamente às outras três. Assim, podemos assumir que, independentemente do nível de escolaridade e da experiência de estudo em ambiente lusófono, quando se deparam com dificuldades em termos do conjuntivo, os estudantes chineses recorrem, na maioria das vezes, a manuais e livros de português em chinês, ou melhor, estão satisfeitos com os manuais de português escritos em chinês, mais fáceis e acessíveis, e que não sentem necessidade de consultar livros de gramática portuguesa escritos em português, mais completos, mas também de mais difícil leitura.

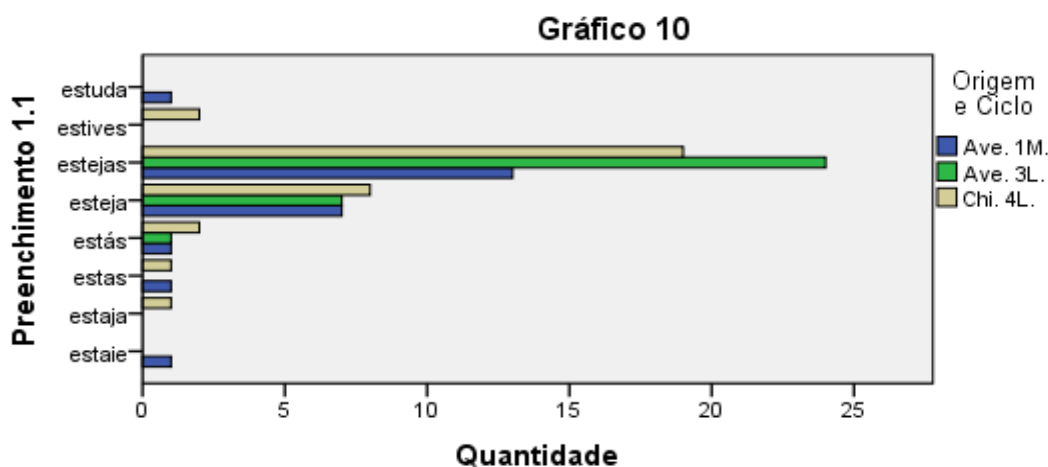
2.2.2 Análise estatística do questionário de conhecimentos

2.2.2.1 Análise dos resultados das perguntas de preenchimento

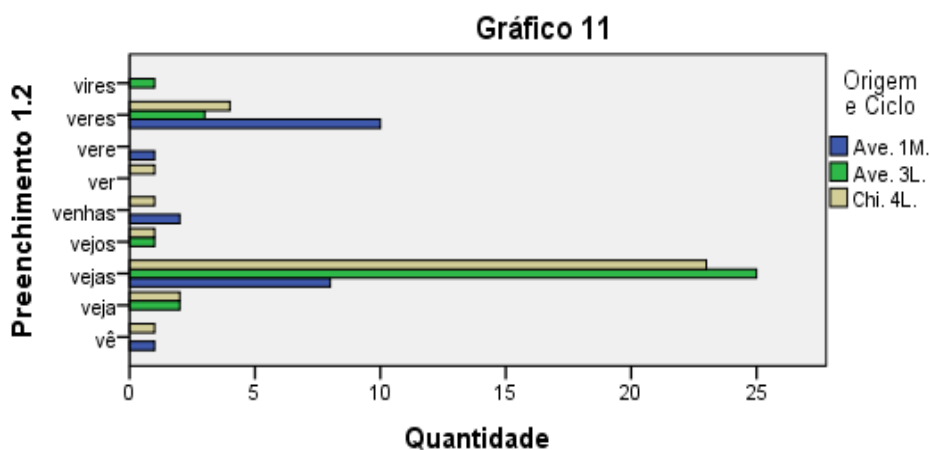
O questionário é composto de 39 perguntas, com um total de 43 espaços em branco. Analisaremos agora os problemas apresentados nos resultados do inquérito, pergunta a pergunta, em conjunto com os gráficos.

Pergunta 1

A primeira pergunta tem dois espaços em branco (*Suspeito que estejas (tu/estar) a mentir. Caso tenhas visto (veres) o meu cão deves falar comigo agora mesmo.*) e as respostas corretas são *estejas* e *tenhas visto*. O gráfico 10 mostra os resultados obtidos no preenchimento do primeiro espaço em branco desta pergunta, e o gráfico 11 mostra os obtidos com o preenchimento do segundo espaço.



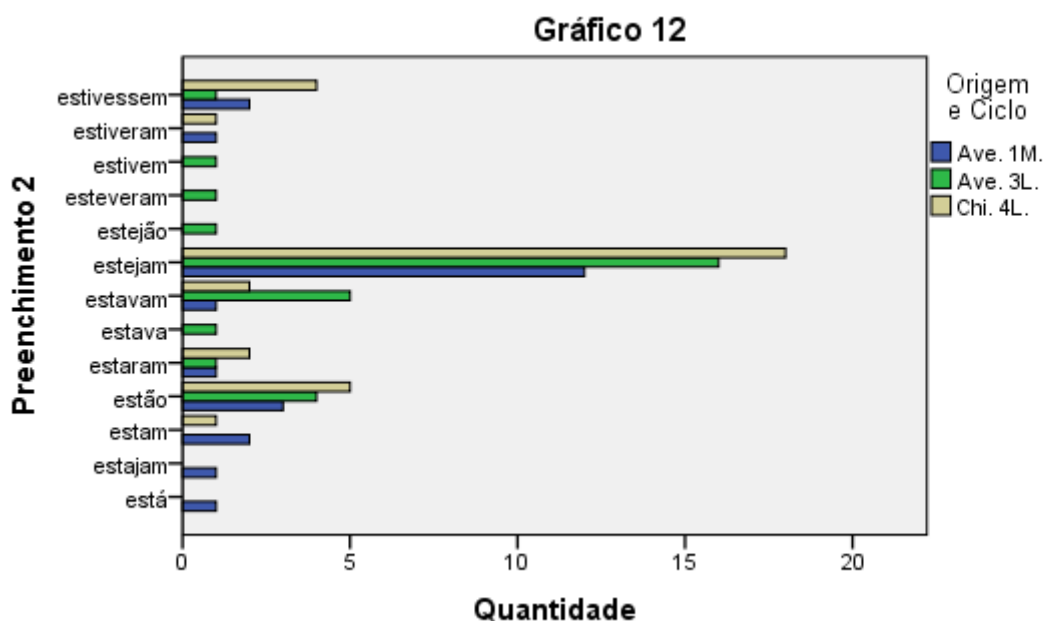
Como podemos ver no gráfico 10, a maioria dos alunos sabe que é necessário usar o conjuntivo neste espaço em branco, e a maioria dos erros centra-se na pessoa, com alguns alunos a esquecerem-se de usar a segunda pessoa do singular na conjugação. Este problema é especialmente comum entre os alunos de mestrado. A percentagem de acerto neste espaço é de 62,9%. Se considerarmos apenas o modo e o tempo, e ignorarmos os erros de pessoa e de ortografia, a percentagem de acerto é de 88,7%.



O gráfico 11 mostra-nos um fenómeno contra-intuitivo. É surpreendente que os mestrandos, que deveriam ter mais experiência, se tenham esquecido de usar o conjuntivo após a palavra marcadora *caso*, sobretudo se tivermos em consideração que os alunos do 3.º ano de licenciatura em Aveiro e do 4.º ano na China usaram o conjuntivo. No entanto, a percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 0%, dado que nenhum aluno deu a resposta correta *tenhas visto*, mas 62,9% dos alunos utilizaram o presente do conjuntivo.

Pergunta 2

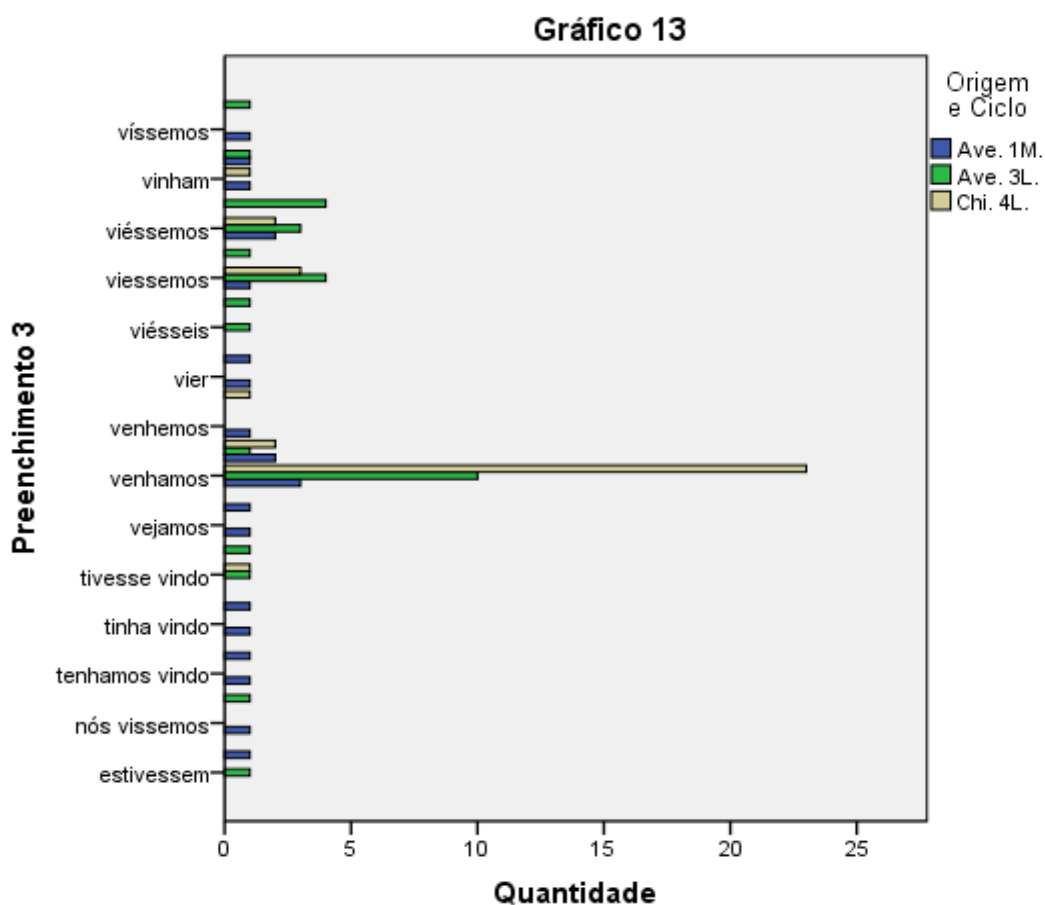
A resposta correta a esta pergunta (*Talvez eles estivessem (estar) nesta rua naquele momento.*) é *estivessem* porque a oração é iniciada pelo advérbio de dúvida *talvez*. O gráfico 12 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



As estatísticas relativas a esta pergunta são decepcionantes; não obstante a maioria dos alunos ter usado o conjuntivo neste espaço em branco, poucos foram os alunos que conjugaram o verbo no tempo passado (imperfeito). A maioria dos alunos escolheu o presente do conjuntivo sem pensar, tendo visto o advérbio *talvez*.

Pergunta 3

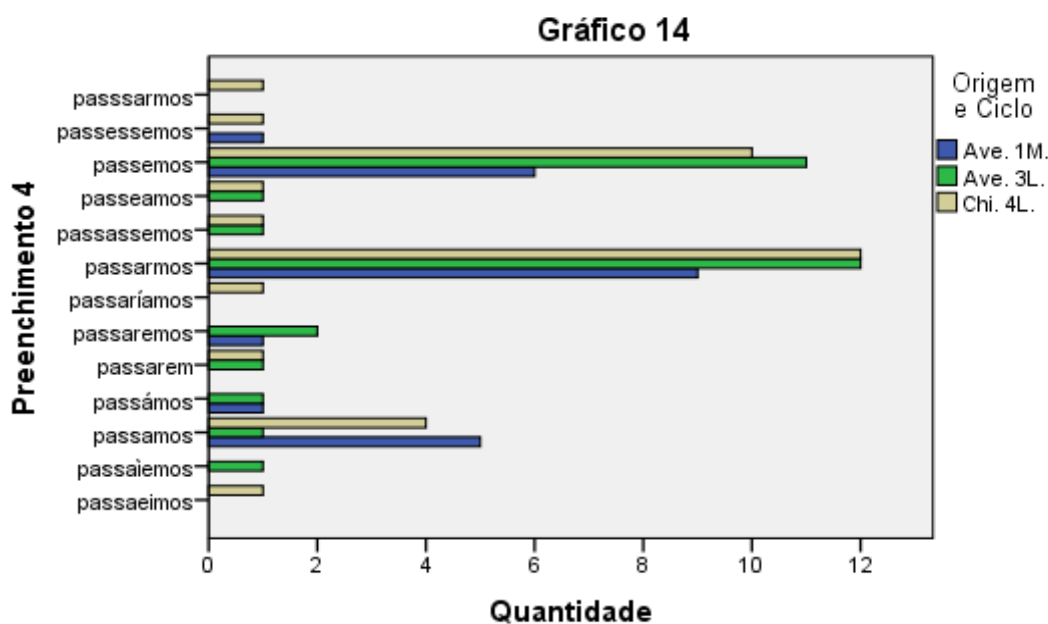
A resposta correta à terceira pergunta (*O pedro disse-me “Venhamos à minha casa.” = O pedro disse-me que viéssemos (nós/vir) a casa dele.*) é *viéssemos*, porque o imperativo tem de ser substituído pelo conjuntivo quando uma citação direta é transformada numa indireta, independentemente de o verbo principal ser *dizer*, *ordenar* ou *sugerir*. A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 7,9%, e a percentagem de respostas corretas sem ter em conta o erro de conjugação é de 31,3%. O gráfico 13 mostra os resultados estatísticos relativos a esta pergunta.



Como podemos ver na tabela, a maioria notou que a pergunta exigia o uso do conjuntivo, mas mais de metade esqueceu-se de usar o pretérito imperfeito, especialmente os alunos da China. E dos que usaram o pretérito imperfeito, mais de metade cometeu erros ortográficos, e muito poucos alunos acabaram por dar a resposta correta.

Pergunta 4

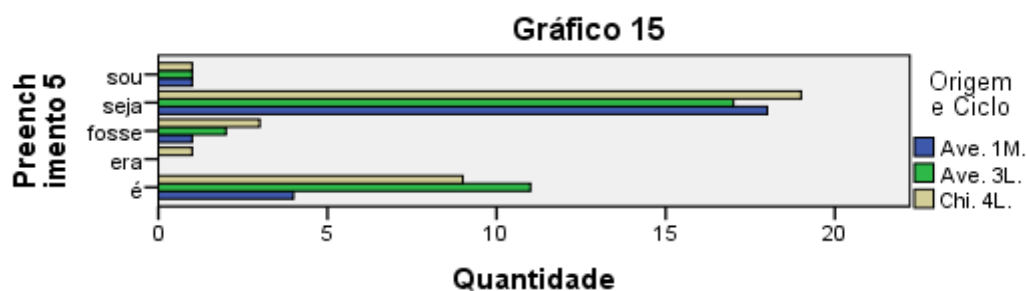
A resposta correta à quarta pergunta (*Será possível que, num próximo futuro, passemos (nós/passar) férias na lua.*) é *passemos*, apesar de o verbo principal ser *será* em vez de *é*. As estatísticas são apresentadas no gráfico 14. 31,3% das respostas a esta pergunta são corretas.



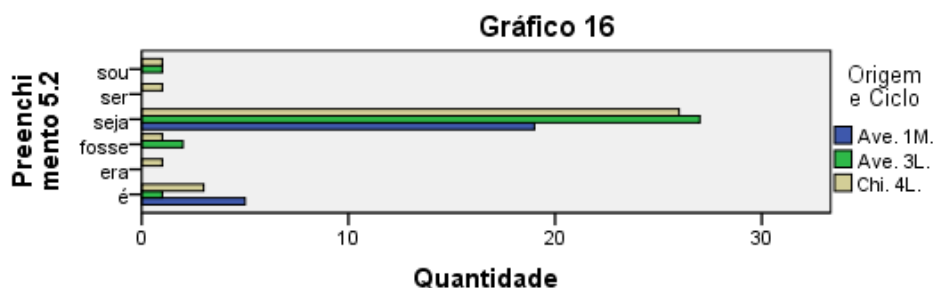
Não é difícil ver neste gráfico que a maioria dos alunos, nesta pergunta, estava igualmente consciente da utilização do conjuntivo, mas o número de alunos que utilizaram o tempo futuro é superior ao número de inquiridos que utilizaram o tempo presente, o que representa 37,1% do número total de respondentes.

Pergunta 5

A pergunta 5 tem dois espaços em branco (Creio que *seja* (ser) um gato, mas também acho que há a possibilidade de que *seja* (ser) um cão.) e a resposta a ambos é *seja*, porque *um verbo subordinado no conjuntivo indica que o julgamento e o pensamento expresso pelo verbo principal é apenas um palpite e é incerto; se o verbo subordinado estiver no tempo da declaração, indica que o julgamento e a ideia é essencialmente um facto* (Wang & Lu, 1999, p. 332). Os quadros 15 e 16 apresentam as estatísticas relativas a esta pergunta.



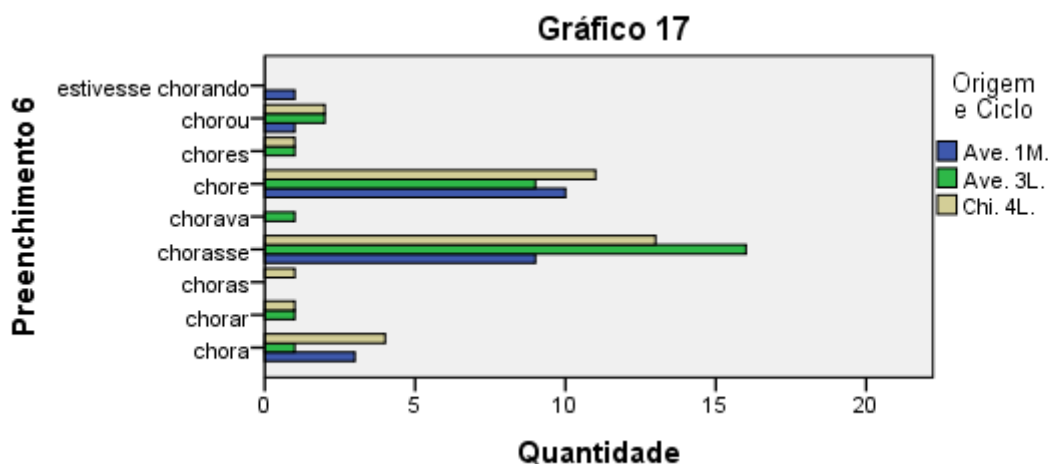
Nestes dois espaços, os alunos têm um desempenho satisfatório, com 60,7% e 80,9% de respostas corretas, respetivamente. Comparativamente, a percentagem de respostas corretas para o segundo espaço em branco é mais elevada. A maioria dos alunos que



responderam ao segundo espaço em branco deram a resposta correta, enquanto 27% dos alunos utilizaram o indicativo (*é*) no primeiro espaço em branco.

Pergunta 6

A resposta correta à pergunta 6 (*Ela cantou com muita emoção, como se chorasse (chorar)!)* é *chorasse*, devido à presença da locução *como se*. O gráfico 17 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.

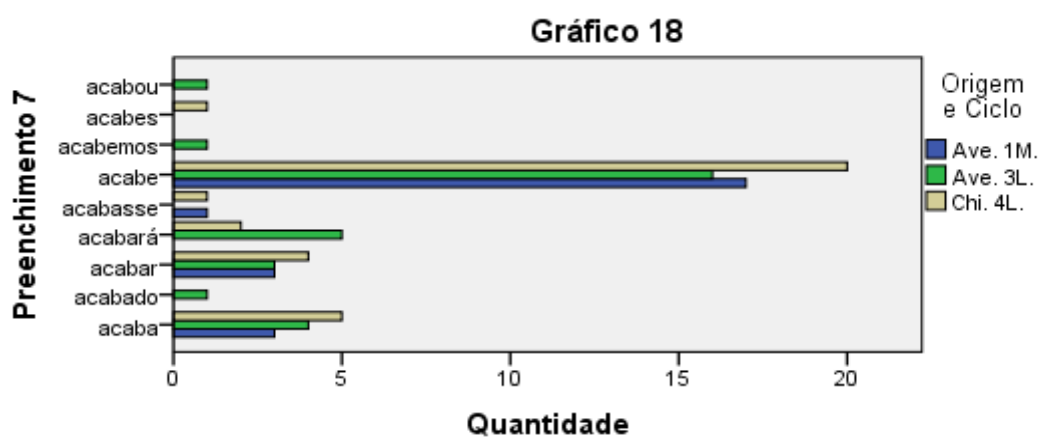


Estivesse chorando também pode ser considerado como resposta correta a esta pergunta, o que faz com que a percentagem de exatidão seja 43,8%. Como se pode ver no gráfico, a maior parte dos erros cometidos nesta pergunta corresponde à utilização do presente em vez do pretérito imperfeito, que deveria ter sido empregado (o que representa

33,7%). Cumpre notar que a percentagem de erro nesta pergunta dos estudantes de mestrado é mais elevada do que a dos do 4.º ano da China ou a dos do 3.º ano de Aveiro.

Pergunta 7

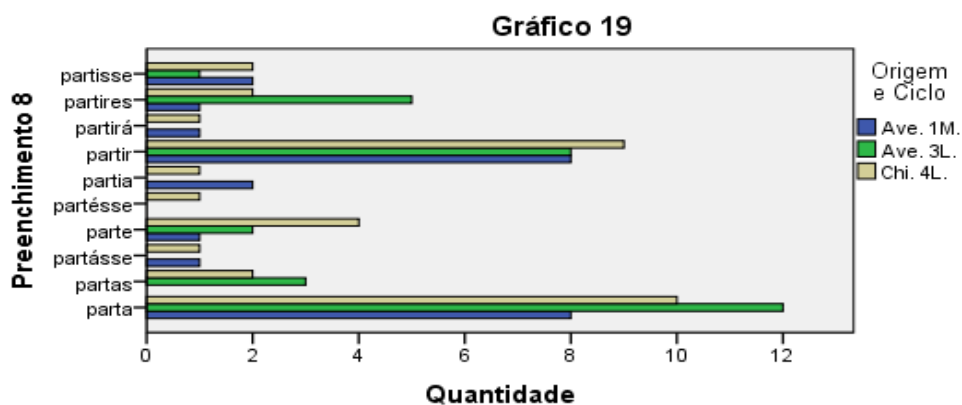
A resposta correta a esta pergunta (*É sabido que o semestre acaba/acabará (acabar) amanhã.*) é *acaba* ou *acabará*, com a percentagem de 21,4% de acertos. As estatísticas são apresentadas no gráfico 18.



A percentagem de respostas corretas a esta pergunta não é encorajadora, com quase dois terços (59,6%) a responderem *acabe* e um total de 75.2% dos alunos a usar o conjuntivo. Isto acontece porque, uma grande maioria dos alunos tem a impressão de que frases introduzidas por locuções do tipo *é sabido que* têm verbo no conjuntivo.

Pergunta 8

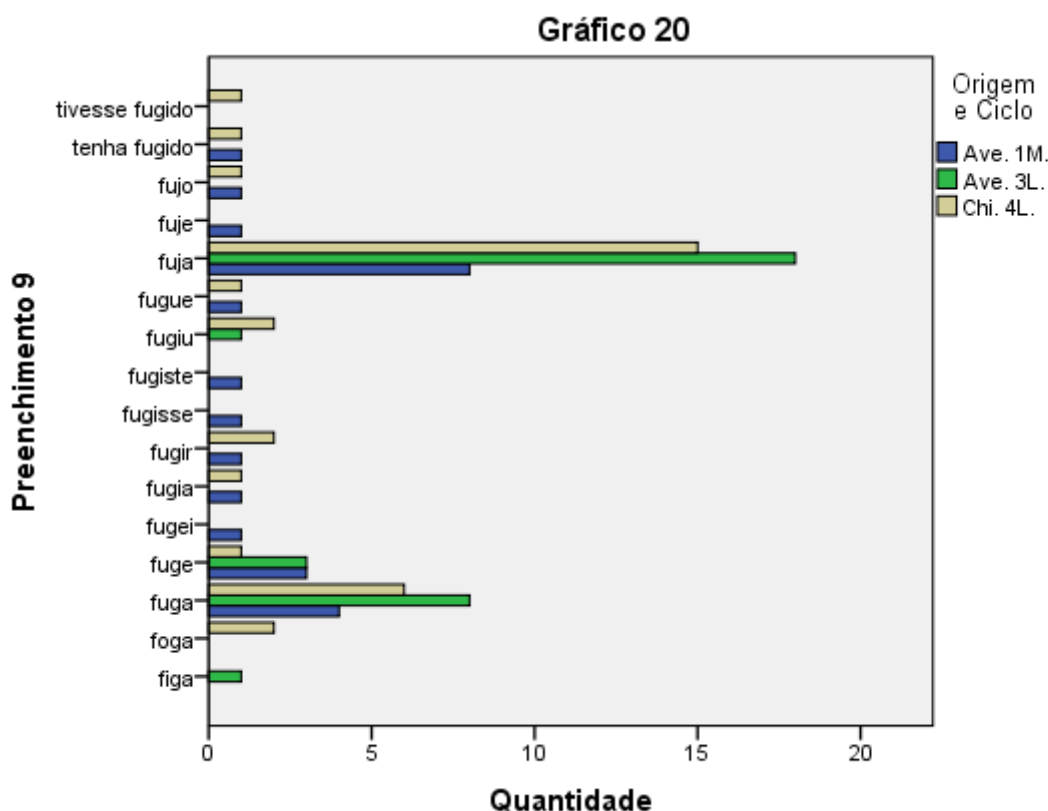
A resposta correta à pergunta 8 (*Lamento que tenhas partido este copo. Se o partiste (partir), admite a tua culpa.*) deve ser *partiste*, uma vez que a frase anterior já indica que *ter partido o copo* é um facto estabelecido, apesar da presença de *se*. O gráfico 19 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



A percentagem de acerto desta pergunta é decepcionante: de 0%, com erros centrados na utilização do presente do conjuntivo parta/partas (39,3%) e do futuro do conjuntivo partir/partires (37,1%). Além disso, 8,9% dos alunos tentaram utilizar o pretérito imperfeito do conjuntivo. No entanto, apenas 7,9% utilizaram o indicativo.

Pergunta 9

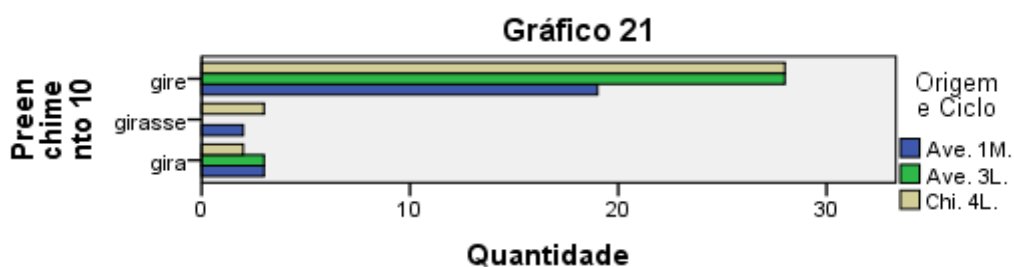
A resposta correta à pergunta 9 (*Nego que o João tenha fugido (fugir). Tenho estado a olhar para a porta e ele não saiu.*) é *tenha fugido*, e apenas 2,2% das respostas a esta pergunta são corretas. O gráfico 20 apresenta os resultados estatísticos concernentes a esta pergunta.



O facto de *fuja* e de a sua conjugação incorreta *fuga* representarem 46,1% e 20,2% das respostas a esta pergunta sugere, pelo menos, que uma grande parte dos alunos é capaz de perceber a utilização do conjuntivo nesta pergunta, mas muito poucas utilizaram o tempo perfeito, o que é o correto. Além disso, a conjugação do conjuntivo de *fugir* é relativamente complexa, pelo que o gráfico estatístico mostra um grande número de conjugações incorretas, como **fuga* (20,2%), **foga* e até **fugue*.

Pergunta 10

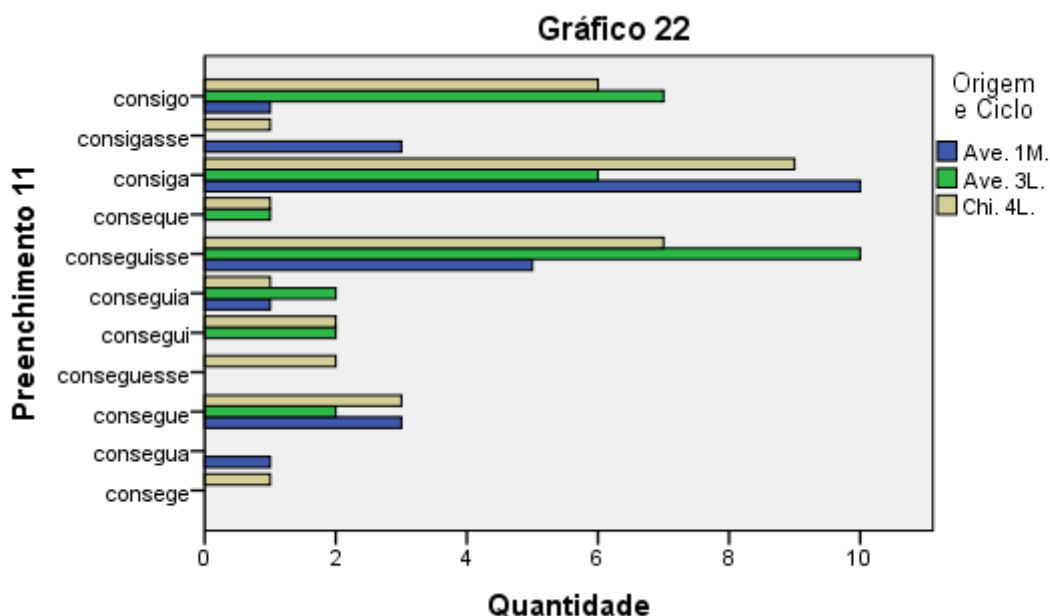
A resposta correta à pergunta 10 (*Copérnico podia ter dito assim: “Suspeito que a Terra gira (gitar) em torno do sol.”*) é *gira*. Embora o verbo principal seja *suspeitar*, o facto é que Bruno acreditava firmemente no heliocentrismo e, portanto, era um facto subjetivo. O gráfico 21 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



Podemos ver que 84,3% dos alunos preencheram *gire*, enquanto a percentagem de acerto nesta pergunta é de apenas 9%. *Suspeitar* é, com efeito, uma palavra que associamos ao modo conjuntivo, pelo que a maioria dos inquiridos opta por utilizar o conjuntivo sem considerar a situação real.

Pergunta 11

A resposta padrão à pergunta 11 (*Pensei que conseguisse (eu/conseguir) apanhar o comboio para casa. Por isso voltei tão tarde.*) é *conseguisse*. A segunda frase revela que o falante não apanhou o autocarro, pelo que *conseguir apanhar o autocarro* não é um facto. As estatísticas relativas a esta pergunta são apresentadas no gráfico 22.

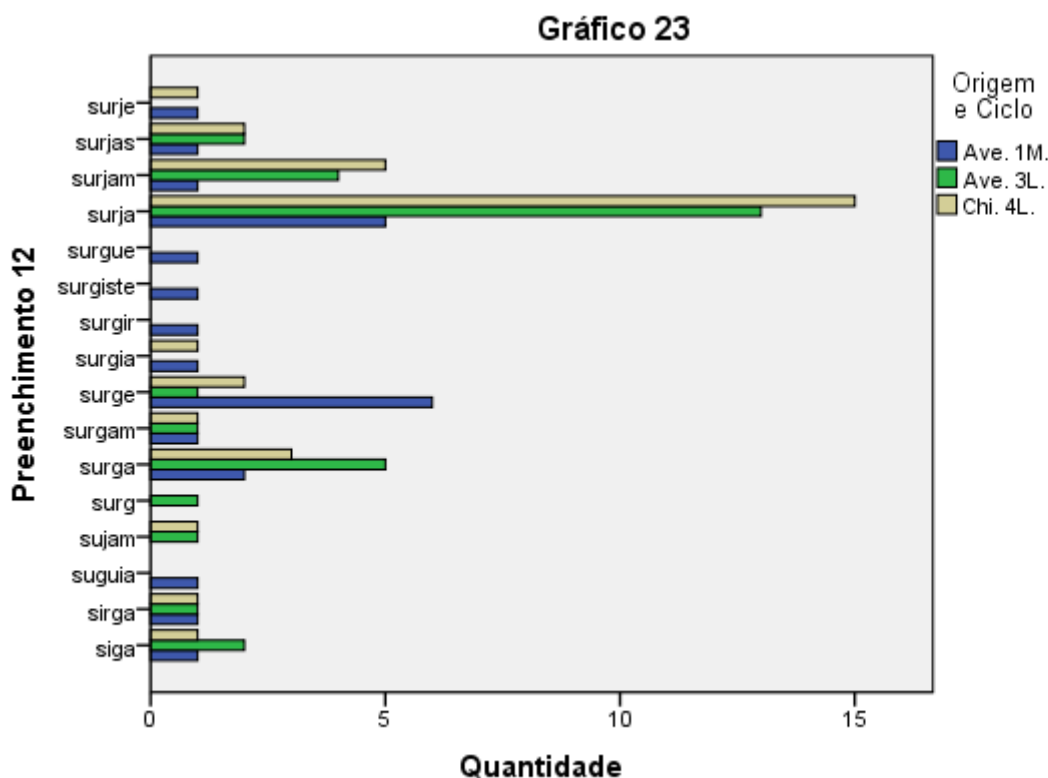


A percentagem de acerto nesta pergunta é de 24,7%, e de 31,4% se não forem considerados os erros ortográficos das conjugações. Os erros nesta pergunta centram-se no

uso de *consigo* e *consiga*. Nesta pergunta, o emprego do pretérito imperfeito do conjuntivo deve-se ao facto de a ideia do falante entrar em conflito com um facto que aconteceu no passado, pelo que podemos assumir que todos aqueles que não preencheram o pretérito, seja *consigo* ou *consiga*, não compreenderam corretamente a razão pela qual o conjuntivo é aplicado neste espaço.

Pergunta 12

A resposta correta à pergunta 12 (*Cuidado! É provável que surjam (surgir) animais selvagens na floresta.*) é *surjam*. Trata-se de uma pergunta muito regular e simples, mas a conjugação do presente conjuntivo do verbo *surgir* é relativamente complexa. O gráfico 23 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 11,2%, mas os erros de pessoa (*surja/surjas*) representam 42,7%, enquanto os erros ortográficos representam 20,2%. Assim, se não forem tidos em conta os erros de pessoa e de conjugação, a percentagem de acerto pode atingir os 74,1%, o que significa que quase três quartos dos inquiridos sabiam que se

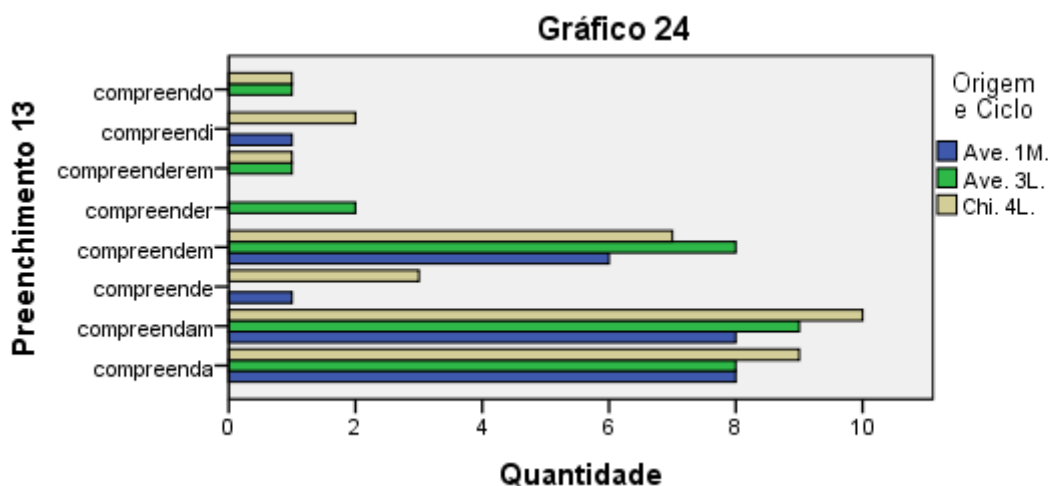
devia usar o presente conjuntivo. Nesta pergunta, o sujeito é colocado depois do verbo principal, o que pode explicar uma percentagem tão elevada de erros de pessoa.

Além disso, independentemente de se desconsiderarem ou não os erros de pessoa, os alunos de mestrado apresentam uma percentagem de acerto muito inferior à dos alunos de 3.º ano de licenciatura de Aveiro e à dos alunos da China. Por outras palavras, os estudantes de mestrado, que deveriam ter mais experiência, esqueceram-se de usar o conjuntivo numa pergunta tão simples que o examina.

Pergunta 13

A resposta correta à pergunta 13 (*Fale devagar! Isso faz com que todos o compreendam (compreender.) é compreendam*). Na primeira frase, é evidente que o interlocutor ainda está a falar rapidamente e que compreenderem-no ainda não se tornou um facto, pelo que este espaço em branco requer o uso do tempo conjuntivo. As estatísticas são apresentadas no gráfico 24.

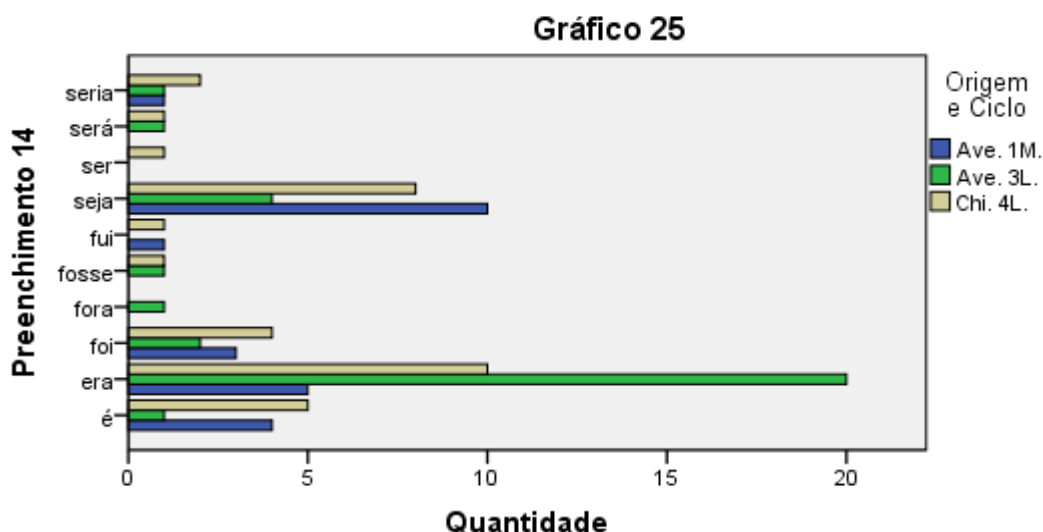
A percentagem de acerto nesta pergunta é de 30,3%, e de 58,4% após a exclusão dos erros pessoais (*compreenda*). A partir do gráfico, podemos ver claramente que, em termos



do conjuntivo, os erros se concentram principalmente no uso do modo indicativo, que representa 33,8%, ou seja, um terço dos respondentes esqueceu-se de usar o conjuntivo nesta pergunta.

Pergunta 14

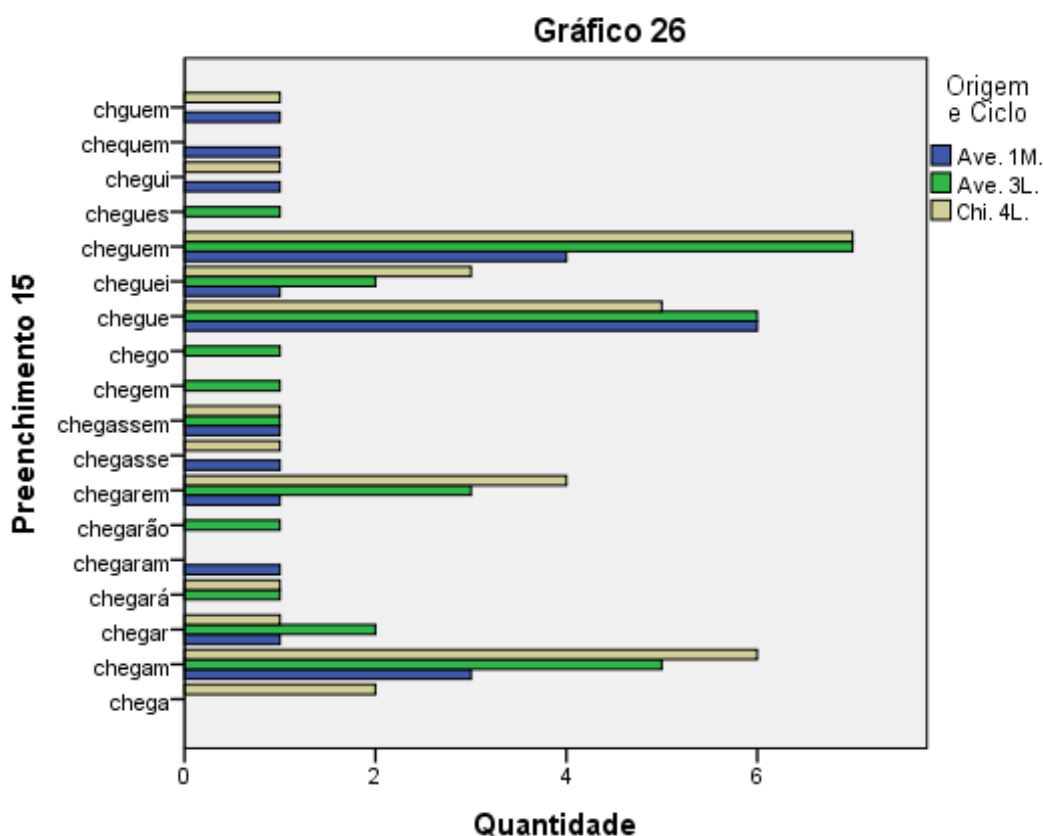
A resposta padrão à pergunta 14 (14. *Era/Seria* (*ser*) *bom que tivesses chegado a horas. Quando apareceste, já tudo tinha acabado.*) é *era* ou *seria*, porque a última frase indica que *ter chegado cedo* não é um facto e, portanto, não pode ser usado *foi*. O gráfico 25 mostra as estatísticas concernentes a esta pergunta.



A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 43,8%, e podemos ver no gráfico que os erros se concentram principalmente no uso de *seja*, que representa 24,7%. Também há uma percentagem de utilização de *é*, 11,2%. Esta pergunta continua a ter uma percentagem de erro mais elevada para os mestrandos do que para os outros dois grupos, e especialmente mais elevada do que para os de licenciatura de Aveiro, apesar de o conjuntivo quase nunca ocorrer numa oração principal que não seja usada para expressar um desejo.

Pergunta 15

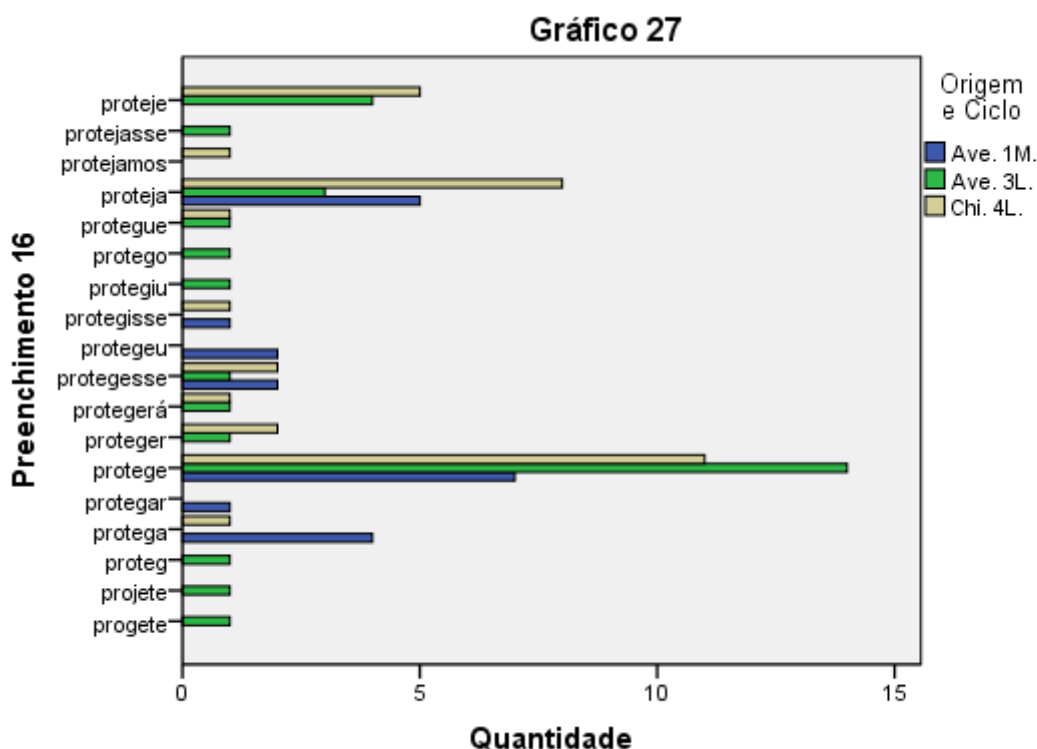
A resposta padrão à pergunta 15 (*Por favor, encontrem-me mais autocarros que cheguem (chegar) a Madrid.*) é *cheguem*, porque o falante não especifica que autocarro vai viajar para Madrid. No entanto, o tempo futuro *chegarem* também é aceitável. O gráfico 26 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.



20,2% preencheram *cheguem*, enquanto 9% preencheram *chegarem*. Assim, a percentagem de acerto nesta pergunta pode ser considerada 29,2%. Desconsiderando os erros de pessoa e ortografia, a percentagem de acerto pode ser considerada 58,3%, uma vez que 19,1% preencheram *chegue*. Isto significa que cerca de dois terços dos inquiridos sabiam utilizar o tempo conjuntivo e utilizaram o tempo correto. Além da pessoa, os erros centram-se principalmente no uso de *chegam*, com 15,7%.

Pergunta 16

A resposta correta à pergunta 16 (*No autocolante do frigorífico estava escrito: “Nossa Senhora de Fátima proteja (proteger) esta família”.*) é *proteja*. Nos autocolantes de frigorífico, costumam escrever palavras de bem-querer, e as frases simples utilizadas para exprimir bem-querer e desejo normalmente estão no conjuntivo. O gráfico 27 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



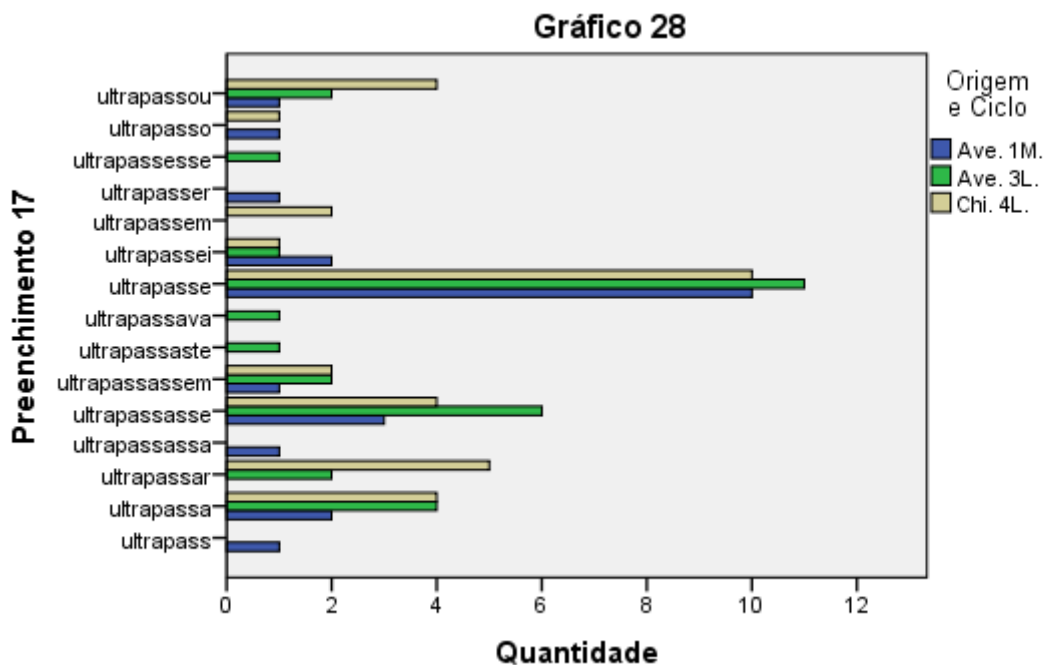
A situação não é animadora, com apenas 18% de respostas corretas e apenas 24,7% de respostas corretas mesmo sem ter em conta os erros ortográficos e pessoais. A maioria dos inquiridos preencheu como o indicativo *protege* ou incorretamente *proteje*. As percentagens são de 36% e 10,1%, respetivamente. De acordo com o gráfico, entre as outras respostas incorretas encontram-se também várias conjugações escritas incorretamente do indicativo.

Pergunta 17

A resposta correta à pergunta 17 (*Estudei muito na escola secundária com a finalidade de que ninguém me ultrapassasse (ultrapassar).*) é *ultrapassasse*, porque *ultrapassar* representa a finalidade que preside à ação expressa pelo verbo principal *estudei*. O gráfico 28 mostra os resultados alcançados nesta pergunta.

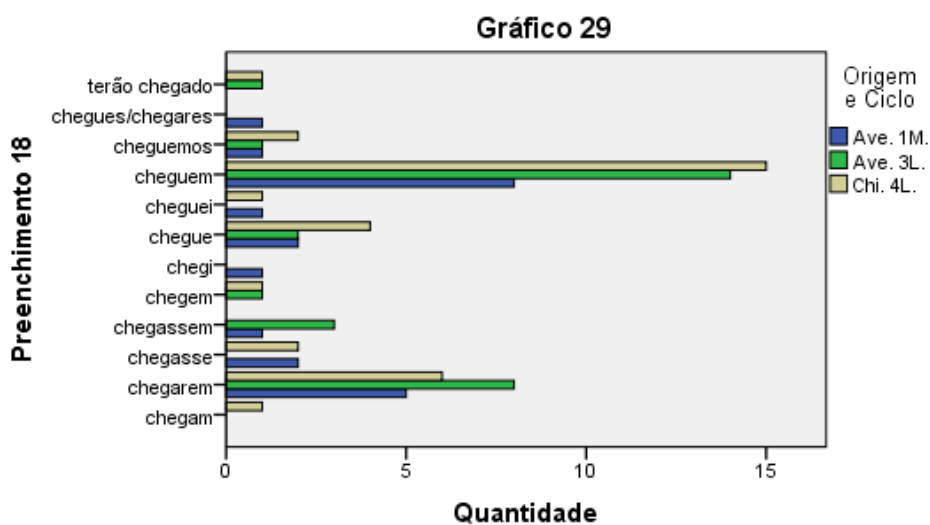
A percentagem de respostas corretas para esta pergunta é de 14,6%, e, se ignorarmos os erros ortográficos e pessoais, a percentagem é de 21,3%. Podemos ver facilmente no gráfico 28 que a resposta incorreta mais frequente é o presente *ultrapasse*, com uma frequência de 34,8%. Isto significa que uma percentagem significativa de inquiridos sabia

usar o conjuntivo, mas não conseguiu escolher o tempo correto, e, além disso, cerca de um terço não usou o conjuntivo.



Pergunta 18

A resposta padrão à pergunta 18 (*Avisem-me logo que chegarem/cheguem à estação de comboio. Eu irei buscar-vos.*) é *chegarem* ou *cheguem*. O gráfico 29 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.

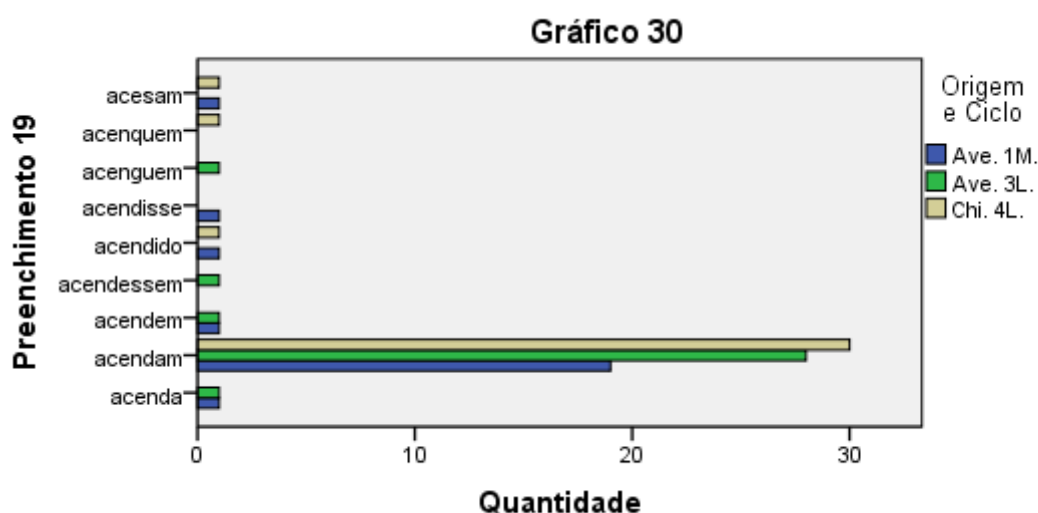


A percentagem dos alunos que preencheram *chegarem* e *cheguem* é de 21,3% e 41,6%,

respetivamente, e a frequência, depois de ignorados os erros de pessoa e ortográficos, é de 21,85% e 57,85%, respetivamente. Isto mostra que o domínio dos alunos sobre esta pergunta é bastante impressionante. O pretérito imperfeito do conjuntivo aparece com uma frequência relativamente maior em todas as respostas incorretas.

Pergunta 19

A resposta padrão à pergunta 19 (*Que quente! Talvez eles tenham acendido (acender) o fogão.*) é *tenham acendido*, afinal, só se pode sentir calor se se tiver acendido antes o fogão. O gráfico 30 mostra as estatísticas concernentes a esta pergunta.



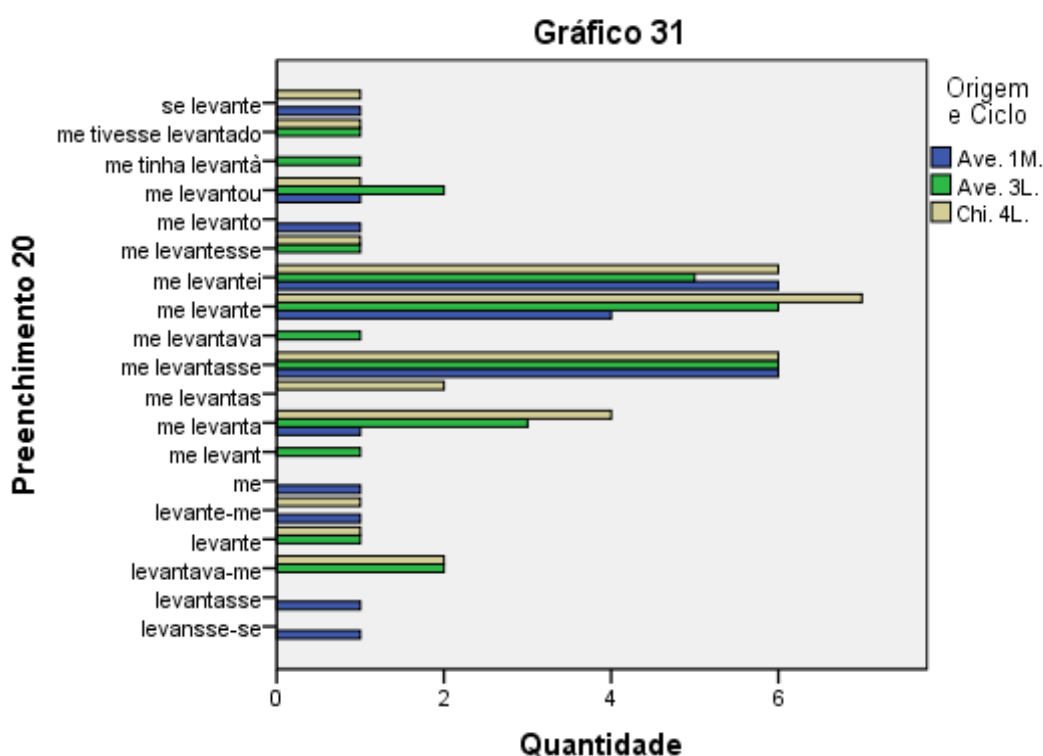
A maioria dos alunos (86,5%) sabia usar o presente do conjuntivo *acendam* neste espaço em branco, afinal, *talvez* aparece antes do verbo, mas, infelizmente, nenhum deles usou o “presente composto”, ou pretérito perfeito, nem escreveu a resposta correta. Além disso, como *acender* tem dois participípios passados, também apareceram respostas com os participípios passados **acesam* (2,2%) e *acendido* (2,2%).

Pergunta 20

A resposta correta à pergunta 20 (*Cheguei tarde à aula, mas não porque me tivesse levantado (levantar-me) tarde naquela manhã.*) é *me tivesse levantado*. A causal na negativa *não porque* determina o uso do conjuntivo neste espaço em branco, e a ordem de *levantar-*

se e *chegar atrasado* determina o uso do tempo mais-que-perfeito. O gráfico 31 mostra os resultados estatísticos concernentes a esta pergunta.

A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de apenas 2,2%, e as respostas incorretas mais frequentes são *me levantei* (19,1%), *me levante* (19,1%), *me levantasse* (20,2%) e *me levanta* (9%). Pode ver-se que, nesta pergunta, tanto a escolha do tempo como a escolha do modo são relativamente difíceis para os alunos, sobretudo a escolha do tempo.



Pergunta 21

A resposta a ambos os espaços em branco na pergunta 21 (*Dissesse (eu/dizer) o que dissesse (eu/dizer), ele não me acreditaria.*) é *dissesse*, e como os dois espaços em branco nesta pergunta estão altamente correlacionados, apenas os espaços em branco que foram, ambos, preenchidos com *dissesse* foram considerados como respostas corretas. As estatísticas relativas a esta pergunta são apresentadas nas tabelas 32 e 33 e, para não ocuparmos espaço desnecessariamente, não serão utilizados gráficos para representar as estatísticas.

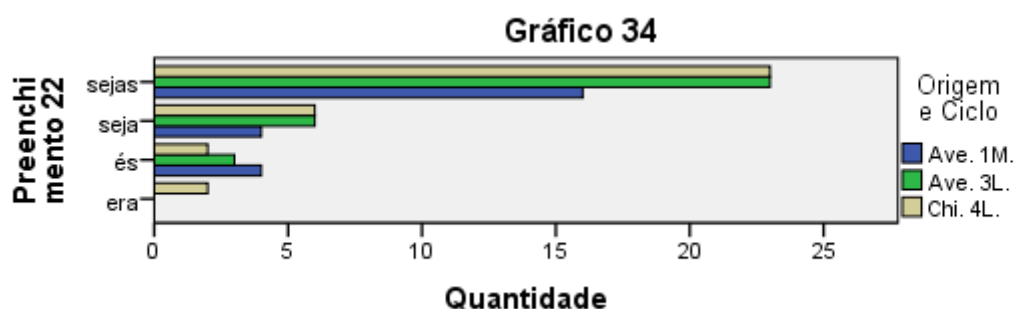
Tabelas 32 e 33

Resposta	%	Resposta	%	Resposta	%
-----	2.2	<i>diria dizido</i>	1.1	<i>diz disse</i>	1.1
<i>diga</i>	2.2	<i>disse diga</i>	1.1	<i>diz disser</i>	2.2
<i>diga diga</i>	4.5	<i>disse disse</i>	1.1	<i>diz dizesse</i>	1.1
<i>diga disse</i>	4.5	<i>disse disser</i>	1.1	<i>diza disse</i>	1.1
<i>diga disser</i>	15.7	<i>disse dito</i>	1.1	<i>dizdizer</i>	1.1
<i>diga disseste</i>	1.1	<i>disse dize</i>	1.1	<i>dizer diga</i>	1.1
<i>diga dizer</i>	9.0	<i>disse dizer</i>	4.5	<i>dizerei disse</i>	1.1
<i>digo diga</i>	1.1	<i>disse dizia</i>	1.1	<i>dizia diga</i>	1.1
<i>digo digo</i>	3.4	<i>disse dizido</i>	1.1	<i>dizia disse</i>	1.1
<i>digo disse</i>	6.7	<i>disse tenha dito</i>	1.1	<i>dizia disser</i>	1.1
<i>digo disser</i>	2.2	<i>disse tenho dizido</i>	2.2	<i>dizia disseste</i>	1.1
<i>digo diz</i>	1.1	<i>disse tinha dito</i>	2.2	<i>dizia tinha dizido</i>	1.1
<i>digo dizer</i>	1.1	<i>disser diga</i>	1.1	<i>dogo dizer</i>	1.1
<i>digue disse</i>	2.2	<i>dissesse disse</i>	1.1	<i>se eu dissesse eu disse</i>	1.1
<i>digue dizesse</i>	1.1	<i>diz diga</i>	3.4	Total	100.0

A partir das tabelas, podemos ver que os alunos deram um total de 44 respostas, o que é aproximadamente igual a uma resposta para cada dois, mas, infelizmente, nenhuma delas é correta. Este facto pode indicar que a maioria dos alunos não tinha qualquer ideia quando confrontados com esta pergunta. Destas respostas, a única que está relativamente perto de estar correta é *diga...disser*, com uma frequência de 15,7%. No entanto, estes alunos esqueceram-se de mudar o presente e futuro para o pretérito imperfeito.

Pergunta 22

A resposta correta à pergunta 22 (*Ainda não é certo que sejas (tu/ser) admitido na universidade.*) é *sejas*. Embora normalmente o verbo subordinado a *é claro que* esteja no indicativo, caso a oração principal seja negativa, usa-se o conjuntivo. O gráfico 34 apresenta as estatísticas concernentes esta pergunta.

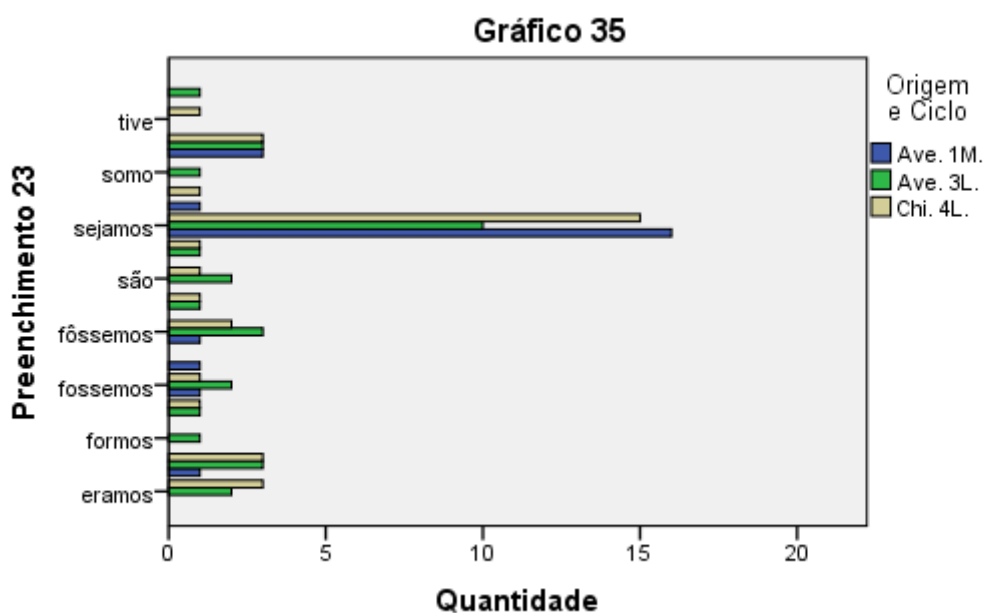


A percentagem de acerto nesta pergunta é de 69,7%, e a percentagem de acerto se ignorarmos o erro de pessoa é de 87,7%. Isto mostra que a grande maioria dos alunos foi capaz de escolher o tempo e o modo corretos para esta pergunta.

Pergunta 23

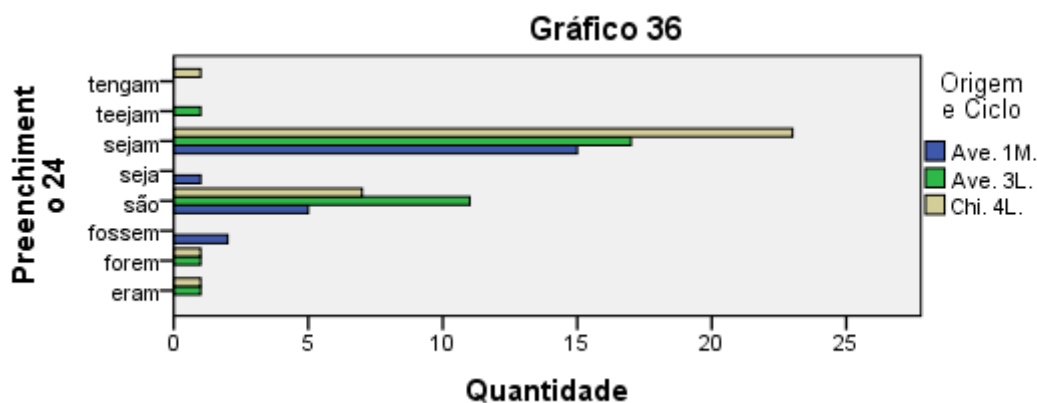
A resposta correta para a pergunta 23 (*Que fôssemos (nós/ser) felizes. Ele assim desejou enquanto saía.*) é *fôssemos*. A frase corresponde, na verdade, a *Ele desejou que fôssemos felizes*. A oração subordinada surge antes da subordinante, portanto. O gráfico 35 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.

É fácil ver no gráfico que uma grande percentagem (de alunos 46,1%) respondeu *sejamos*, e apenas 6,7% dos alunos escreveram a resposta correta; mesmo ignorando os erros ortográficos, a percentagem de acerto é de apenas 12,3%. Isto mostra que mais alunos foram capazes de perceber o uso do conjuntivo nesta pergunta, mas não conseguiram escolher o tempo correto.



Pergunta 24

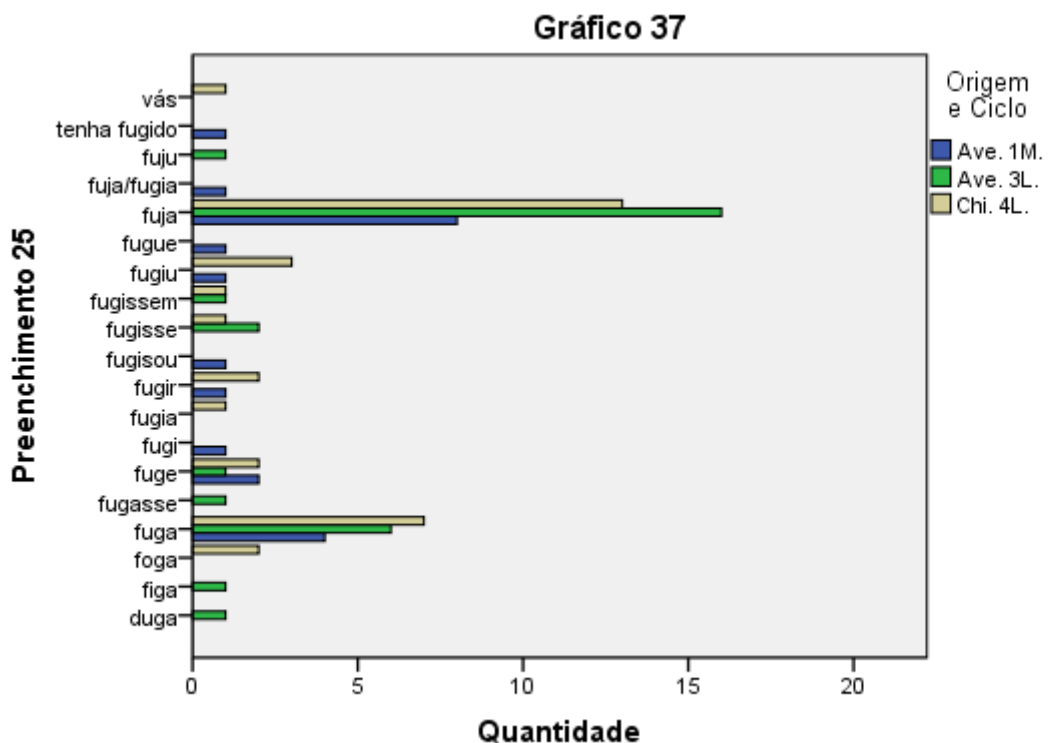
A resposta correta à pergunta 24 (*Nunca tenho dúvida de que vocês são (ser) fiéis.*) é *são*. Embora o uso do conjuntivo seja geralmente exigido quando a oração principal exprime suspeita ou dúvida, o verbo subordinado vai para o indicativo se a oração principal for uma negação de dúvida. O gráfico 36 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 25,8%, enquanto 61,8% dos alunos preencheram com o conjuntivo *sejam*, o que pode refletir o facto de a maioria dos alunos chineses ter a impressão de que os verbos subordinados a verbos que exprimem suspeita têm um modo, o conjuntivo, e a presença da negação é completamente ignorada.

Pergunta 25

A pergunta 25 (*Não tenho a certeza de que o assaltante tenha fugido (fugir) nesta direção. Não o encontramos na CCTV.*) Trata-se de outra pergunta sobre o pretérito perfeito do conjuntivo, e a resposta correta é *tenha fugido*. As estatísticas relativas a esta pergunta são mostradas no gráfico 36.



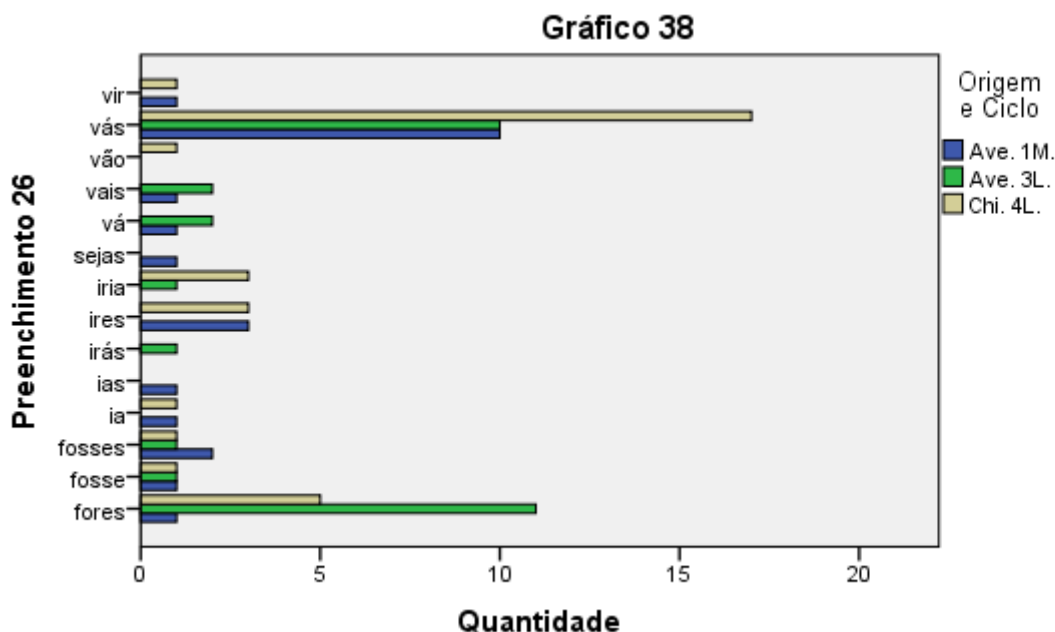
Como se pode ver neste gráfico, o conjuntivo deve ser usado na oração subordinada a *não tenho a certeza (de)*, introduzida pela conjunção *que*, o que a maioria dos alunos percebeu. Infelizmente, porém, apenas um aluno utilizou corretamente o pretérito perfeito, o que resultou em apenas 1,1% de respostas corretas a esta pergunta. O presente do conjuntivo *fuja* e a sua conjugação incorreta *fuga* são a maioria das respostas incorretas, com 41,6% e 19,1%, respetivamente.

Pergunta 26

A resposta à pergunta 26 (*Aonde quer que fosses (tu/ir), eu seguir-te-ia.*) é *fosses*. A

expressão *aonde quer que* determina o uso do conjuntivo, e *seguir-te-ia* na oração principal determina o uso do pretérito imperfeito. O gráfico 38 mostra as estatísticas atinentes a esta pergunta.

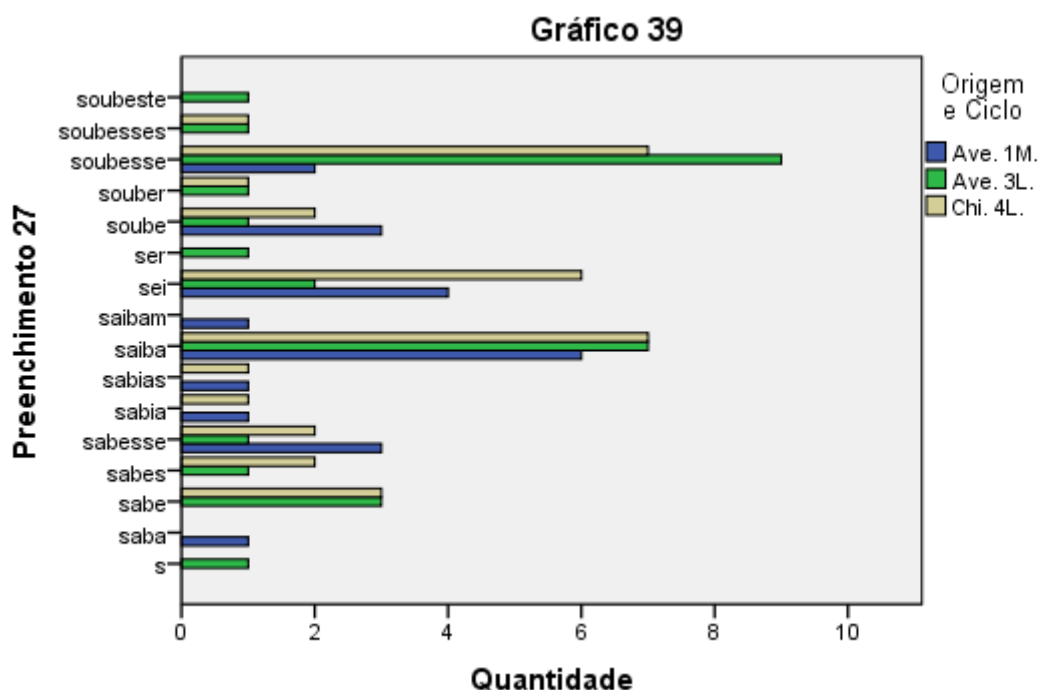
Apenas 4,5% das respostas são corretas e 7,9% são corretas após a exclusão dos erros pessoais. Como se pode ver no gráfico, as principais respostas incorretas são *vás* e



fores, com uma percentagem de 41,6% e de 19,1%, respetivamente. Nesta pergunta, a maioria dos alunos estava igualmente consciente da utilização do conjuntivo, mas não conseguiu escolher o tempo correto.

Pergunta 27

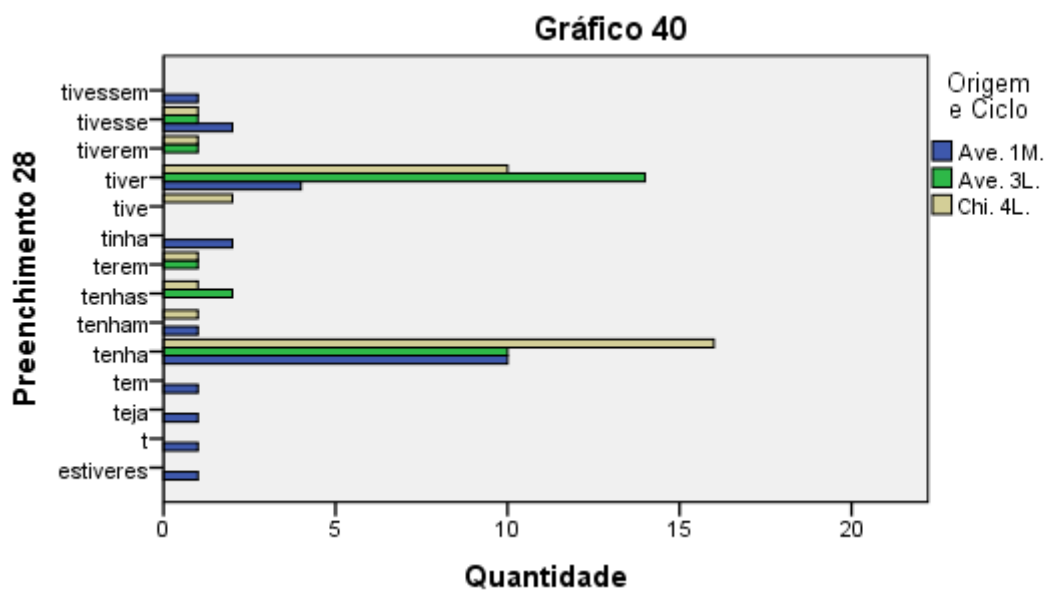
A resposta padrão à pergunta 27 (*Eu falei disso contigo antes, de forma que agora sabes (saber) mais sobre o assunto.*) é *sabes*, em que a primeira oração mostra que a segunda, depois da locução consecutiva *de forma que*, exprime um facto dado, pelo que o conjuntivo não pode ser utilizado. O gráfico 39 mostra as estatísticas relativas esta pergunta.



Nesta pergunta, o pretérito perfeito do indicativo *soubeste* é também uma resposta aceitável e relativamente correta, pelo que a percentagem de respostas corretas é de 4,5%. Se não contarmos os erros de pessoa, um total de 35,8% utilizou o indicativo, enquanto 54,9% utilizaram o conjuntivo. Isto reflete que mais de metade dos alunos não conhece qualquer outro uso em termos das orações consecutivas para além do tempo conjuntivo.

Pergunta 28

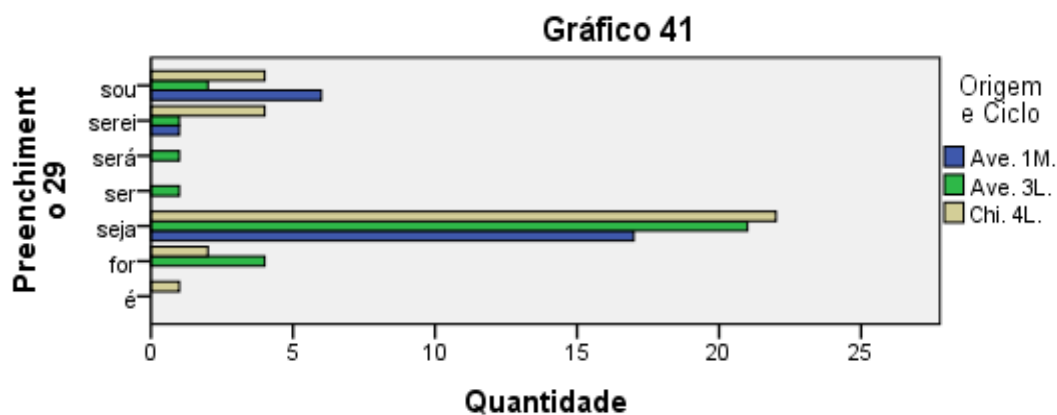
A pergunta 28 (*Se tiver (você/ter) o bilhete, pode entrar diretamente no cinema.*), cuja resposta é *tiver*, é muito básica. Não podemos dizer, a partir da frase, que é um facto objetivo que o interlocutor tem um bilhete, e a conjunção condicional *se* no início da frase determina o uso do futuro do conjuntivo. O gráfico 40 mostra as estatísticas concernentes a esta pergunta.



A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 31,5%. Se excluirmos os erros pessoais e ortográficos, 34,8% dos inquiridos utilizaram o futuro do conjuntivo, enquanto 47,1% utilizaram o presente do conjuntivo. Assim, o erro mais significativo nesta pergunta continua a ser a escolha do tempo. Além disso, os estudantes de mestrado tiveram um desempenho muito pior do que os estudantes de licenciatura, com os estudantes de licenciatura a utilizarem o tempo futuro a uma percentagem muito mais elevada do que os mestrandos.

Pergunta 29

A resposta correta à pergunta 29 (*É pouco claro que eu seja (ser) um milionário no próximo mês.*) é *seja*, porque *é pouco claro que* é uma expressão com sentido negativo que expressa incerteza, pelo que se usa o conjuntivo. O gráfico 41 reflete os resultados estatísticos relativos a esta pergunta.

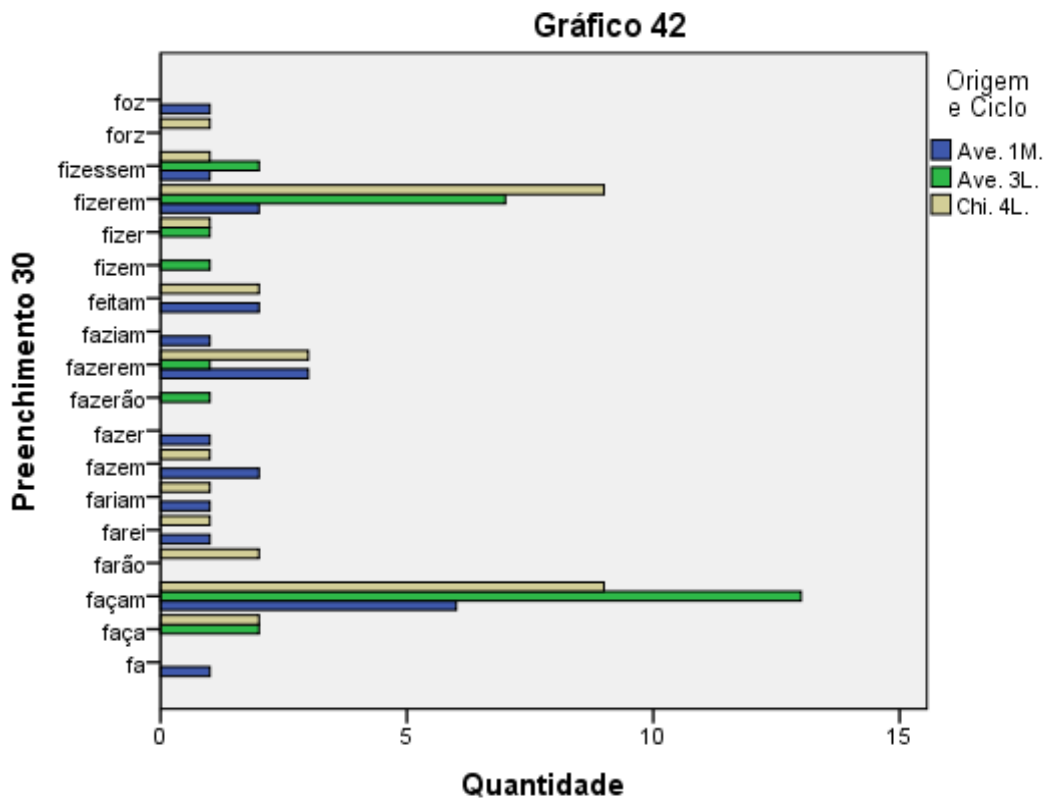


A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 67,4%, enquanto os erros se concentraram principalmente em *sou/serei* (20,2%) e *for* (6,7%). Isto mostra que a maioria dos alunos sabe usar o conjuntivo no tempo correto nesta situação.

Pergunta 30

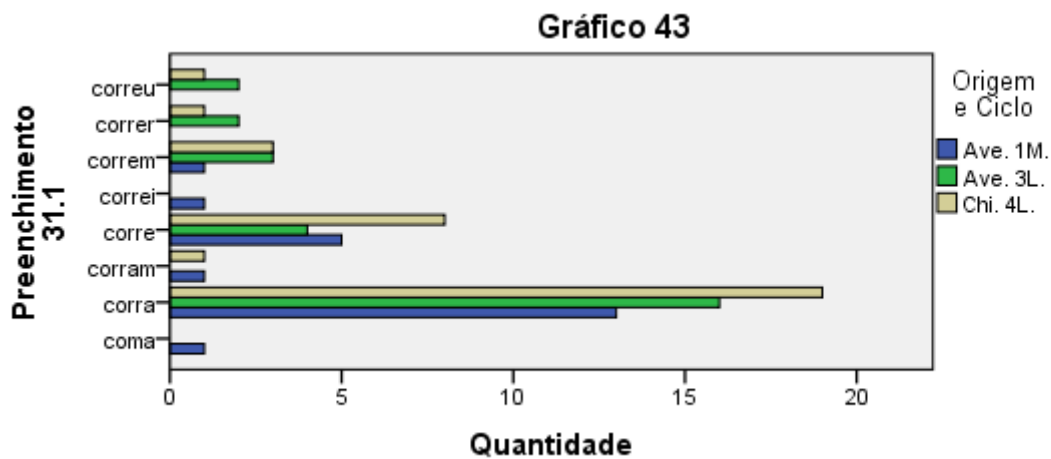
A resposta correta à pergunta 30 (*Vou preveni-los sobre o que quer que eles façam (fazer) amanhã.*) é *façam*. Trata-se de uma pergunta semelhante à pergunta 26. O antecedente *o que quer que* determina o uso do conjuntivo na oração subordinada. E o gráfico 42 apresenta as estatísticas concernentes a esta pergunta.

A percentagem de acerto nesta pergunta é de 31,5%, e é de 36% quando apenas se consideram os tempos e modos e se ignoram os erros de pessoa e ortografia. Como se pode ver na tabela, as respostas erradas são principalmente as que utilizam o tempo futuro do conjuntivo, com uma percentagem de 23,5%. Este resultado é também semelhante às estatísticas referentes às da pergunta 26.



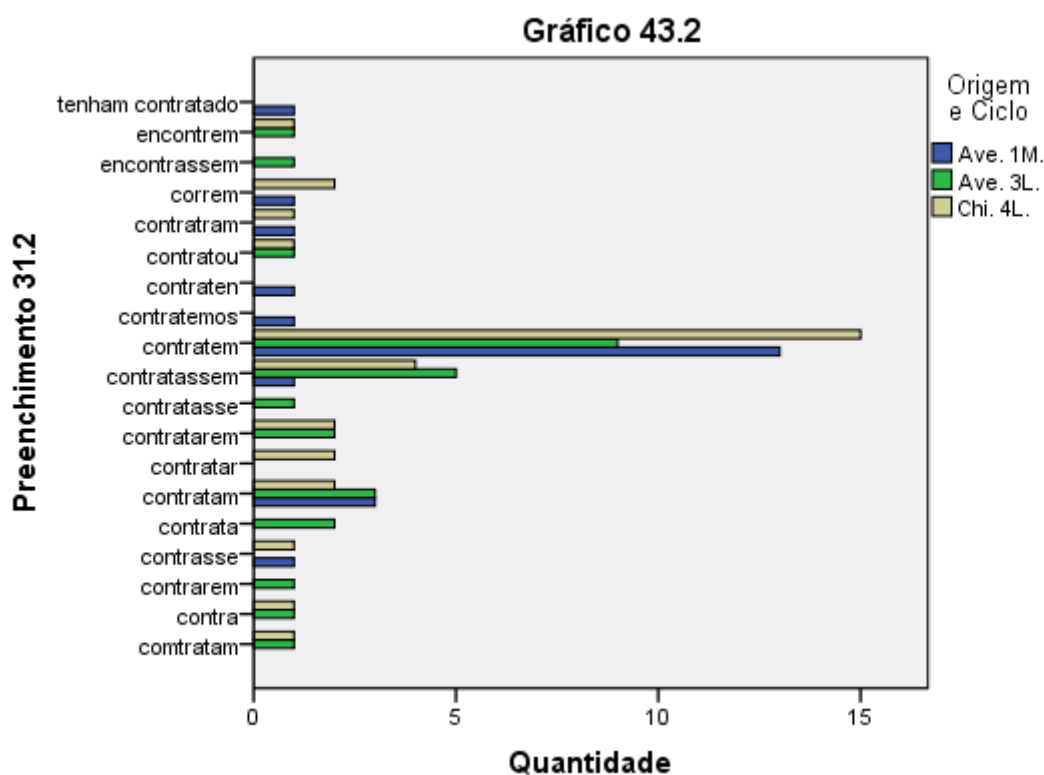
Pergunta 31

A pergunta 31 (*Não consigo garantir que tudo corra (correr) bem, a não ser que tenham contratado (eles/contratar) um segurança ontem.*) tem dois espaços em branco, com as respostas *corra* e *tenham contratado*, respectivamente. O gráfico 43 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.



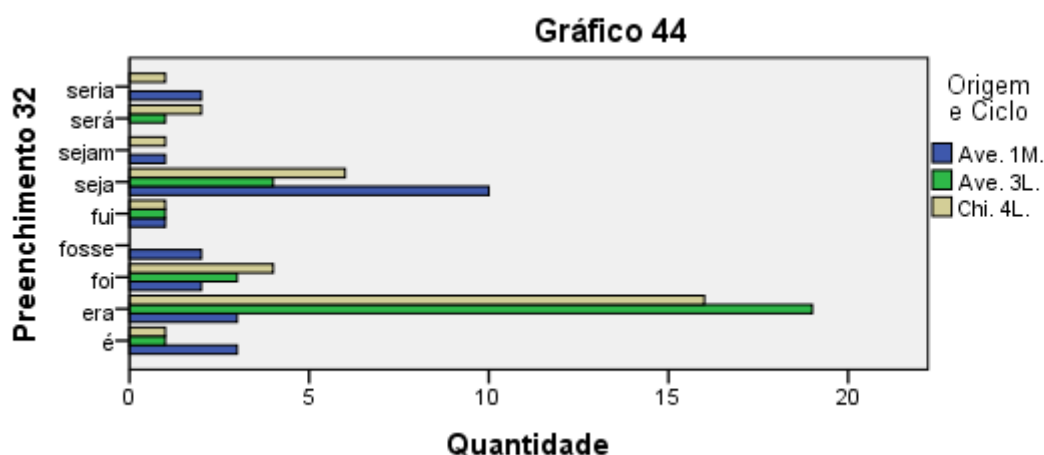
A percentagem de acerto para o primeiro espaço em branco é relativamente impressionante, 53,9%, embora não seja tão elevada como nas perguntas semelhantes 25 e 29. Dado que *garantir*, para os estudantes chineses, não é uma palavra que seja comum aparecer ao lado do conjuntivo, mais de metade da percentagem de acerto é satisfatória.

No entanto, a percentagem de acerto do segundo espaço em branco é muito má, apenas 1,1%. De facto, é fácil ver no gráfico que a maioria dos alunos usou o conjuntivo, com 41,6% deles usando o presente *contratem* e 11,2% a usar o pretérito imperfeito *contratassem*. De certa forma, estavam muito próximos da resposta correta.



Pergunta 32

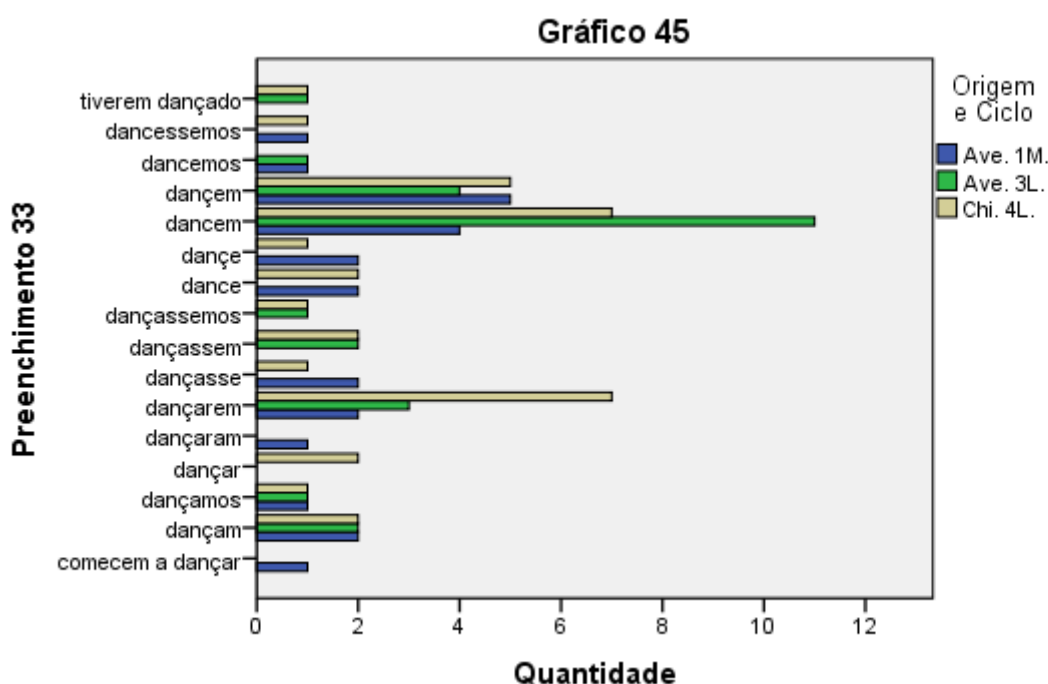
A resposta correta à pergunta 32 (*Foi (ser) bom que tivesses chegado a horas. Chegaste tão cedo ontem!*) é *foi*, porque a última frase já indica que o facto de o interlocutor ter chegado cedo é algo estabelecido. O gráfico 44 apresenta as estatísticas relativas a esta pergunta.



A percentagem de respostas corretas a esta pergunta não é muito elevada, sendo 10,1%, e a percentagem de acerto considerando apenas o tempo e modo é de 13,5%. A maioria das respostas incorretas são *era* e *seja*, com 42,7% e 22,5%, respetivamente. Mas, estranhamente, como se pode ver na tabela, os mestrandos preferiram *seja*, enquanto os alunos de licenciatura preferiram *era*. Ou seja, nesta pergunta, os alunos de licenciatura só não conseguiram escolher o tempo correto, enquanto os mestrandos nem sequer conseguiram determinar o modo.

Pergunta 33

A resposta correta para a pergunta 33 (*Devemos sair do salão de baile agora, antes que dancem (eles/dançar).*) é *dancem*. O gráfico 45 mostra as estatísticas concernentes a esta pergunta.



Comecem a dançar também pode ser considerada como uma resposta correta, pelo que a percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 28,8%. E se considerarmos apenas os tempos e os modos, a percentagem de respostas corretas sobe para 50,5%. Ademais, como também pode ver na tabela, a grande maioria dos alunos sabe utilizar o conjuntivo, mas cerca de um quarto ainda utilizou o pretérito perfeito e o futuro.

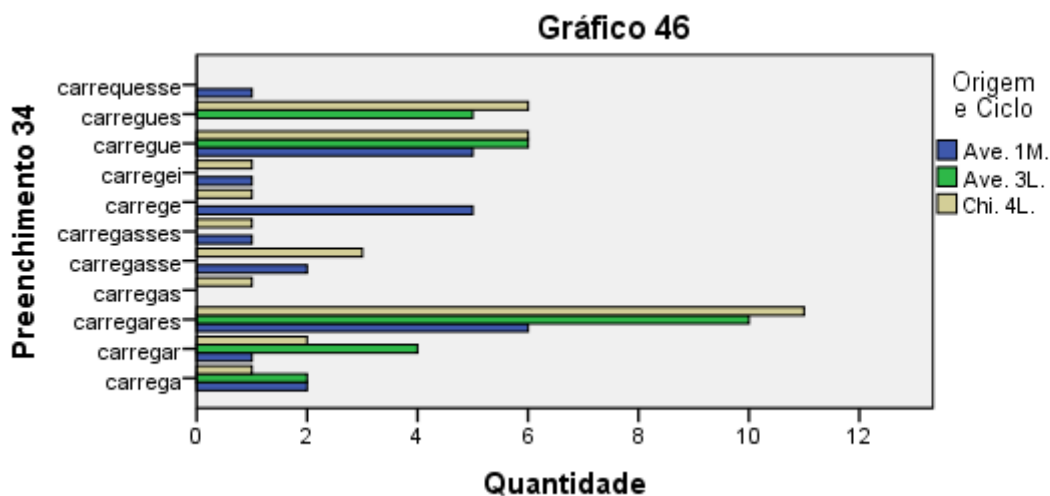
Vale a pena notar que, como se pode ver no gráfico, entre os que utilizaram o tempo, o modo e a pessoa corretos, os alunos de mestrado cometeram mais erros ortográficos do que os alunos de licenciatura.

Pergunta 34

A resposta correta à pergunta 34 (*Se carregares/tiveres carregado (carregar) o teu carro elétrico antes das 3h, terás tempo e eletricidade. Assim, vens-me buscar.*) é *carregares* ou *tiveres carregado*. O gráfico 46 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.

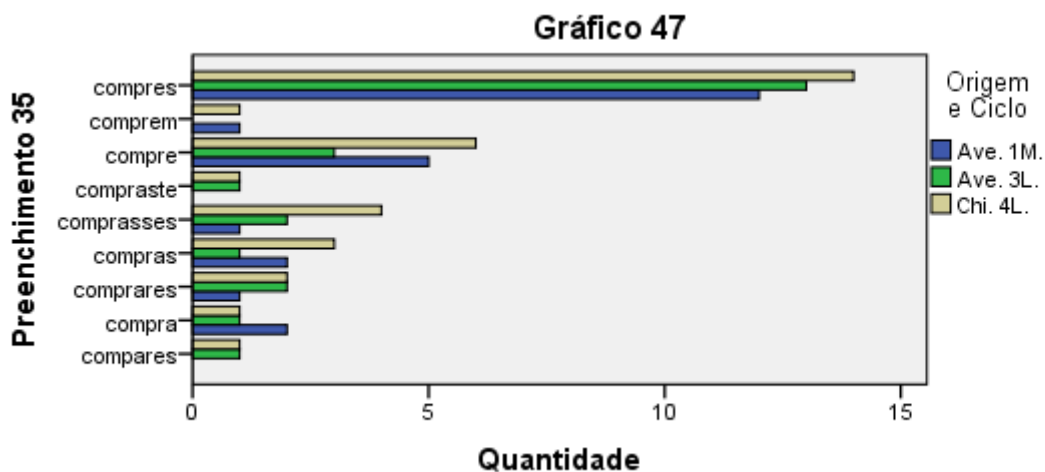
A percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 30,3%, e todas as respostas corretas são *carregares*. Apenas em termos de tempo e modo, 38,2% usaram o futuro e 38,2% usaram o presente. Isto mostra que o problema nesta pergunta é que os alunos não

conseguiram escolher o tempo correto.



Pergunta 35

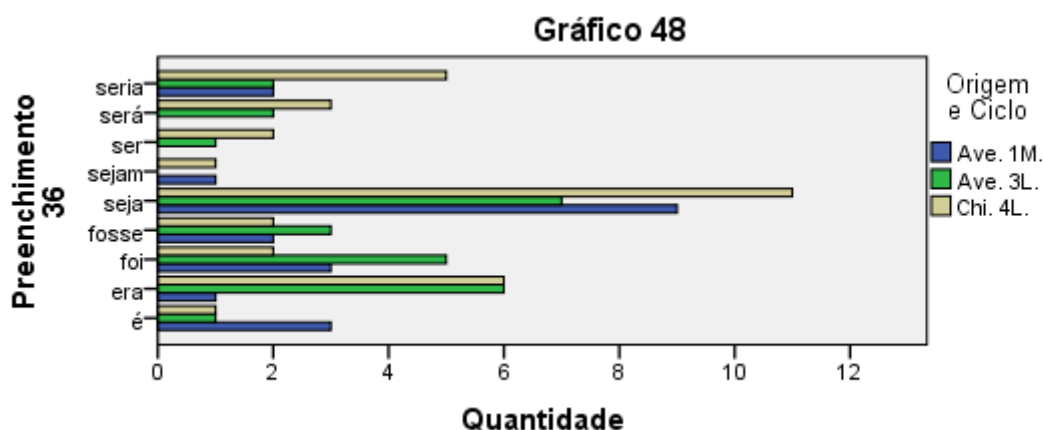
A resposta correta à pergunta 35 (*Preciso urgentemente de um computador. Quem me dera que mo compres/comprasses (tu/comprar)!*) é *compres/comprasses*, porque a expressão *quem me dera que* exprime um desejo, daí usar-se o conjuntivo. O gráfico 47 apresenta os dados estatísticos relativos a esta pergunta.



A percentagem de acerto a esta pergunta é de 51,7%, dos quais apenas 7,9% optaram por usar o pretérito imperfeito *comprasses*. Se os erros de pessoa e ortografia forem ignorados e apenas o tempo e o modo forem tidos em conta, a percentagem é de 69,6%, sendo que apenas 13,4% não usaram o conjuntivo.

Pergunta 36

A resposta correta à pergunta 36 (*Fosse (ser) ele o culpado, ainda assim, lhe perdoariam.*) é *fosse*. De facto, a frase, sobretudo descontextualizada, não é suficientemente clara para os alunos chineses, e a resposta à pergunta exige maior consciência e sensibilidade dos alunos relativamente ao uso do conjuntivo. Os resultados estatísticos são apresentados no gráfico 48.



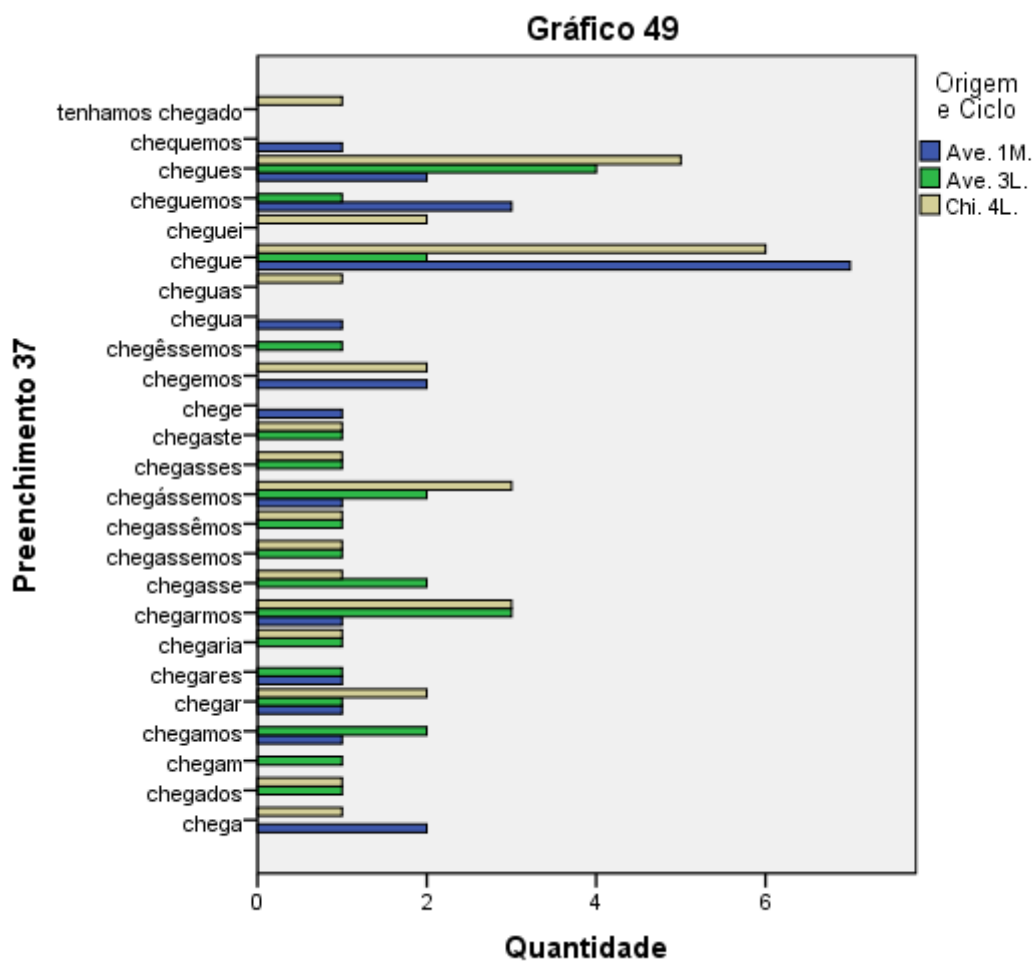
A percentagem de acerto a esta pergunta é de 7,9%. Entretanto, 32,5% utilizaram incorretamente o presente do conjuntivo, e 47,1% utilizaram o indicativo. Isto reflete que, nesta pergunta, os alunos têm o problema de não conseguirem saber se devem usar o conjuntivo e de não conseguirem escolher o tempo correto.

Pergunta 37

A resposta correta à pergunta 37 (*Mandámos-te um email assim que chegámos (chegar) ao destino.*) é *chegámos*. Esta frase inclui uma oração subordinada temporal introduzida pela locução conjuncional *assim que*, mas toda a frase é uma descrição de um facto passado que nada tem que ver com o modo conjuntivo. O gráfico 49 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.

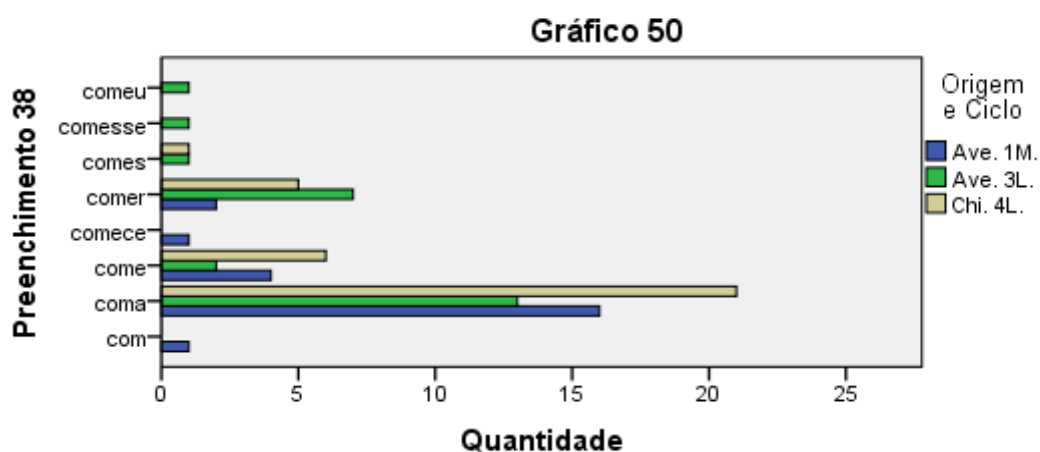
A pergunta não é difícil, mas, infelizmente, nenhuma das respostas é correta. A percentagem do conjuntivo é de 68,4% das respostas erradas. Isto deve-se em grande parte

ao facto de que sempre que os estudantes chineses se deparam com *assim que*, pensam no modo conjuntivo na oração subordinada.



Pergunta 38

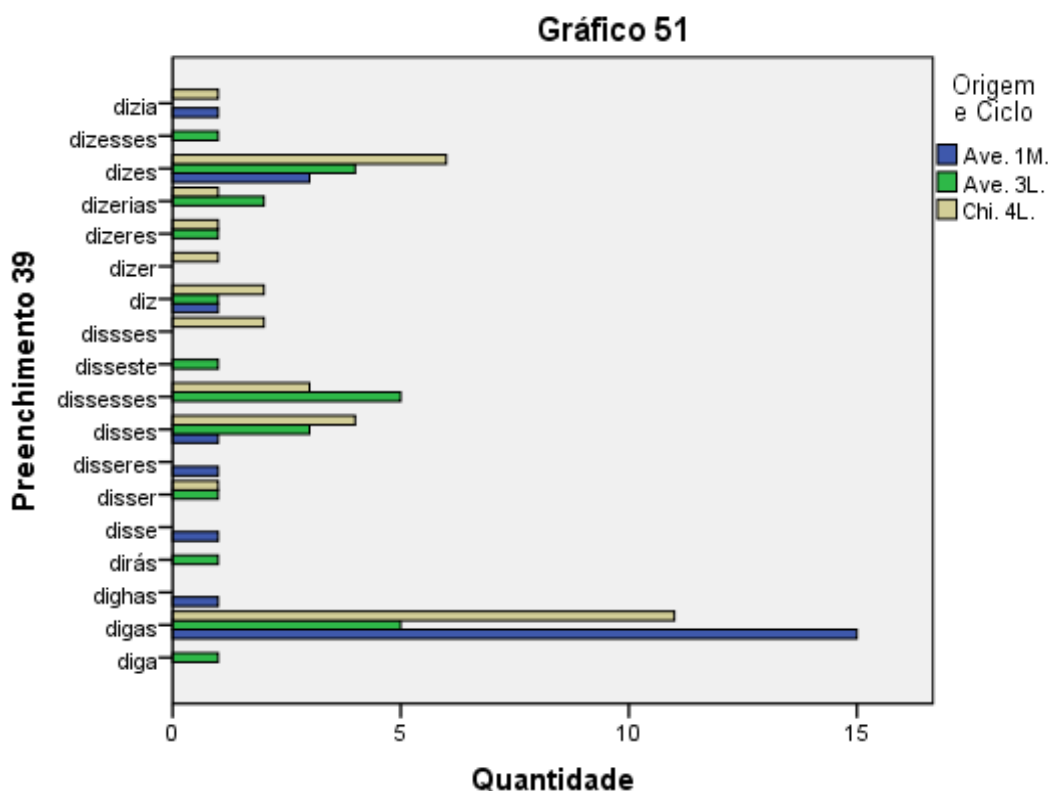
A resposta correta à pergunta 38 (*Quem comer/tiver comido (comer) tudo primeiro será o vencedor.*) é *comer/tiver comido*. O gráfico 50 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.



A forma verbal *coma* é também uma resposta aceitável e, por isso, 71,9% dos alunos são corretos nesta pergunta. Mas entre estes, apenas 15,7% preencheram a resposta mais correta, *comer*, e nenhum deles escolheu o seu tempo perfeito *ter comido*, o que mostra que os alunos preferem o presente relativamente ao futuro do conjuntivo.

Pergunta 39

A resposta correta a esta pergunta (*Quanto mais tu dissesses (dizer), mais errarias.*) é *dissesses*. *Quanto mais* determina o uso do conjuntivo, enquanto o verbo principal no condicional determina o uso do pretérito imperfeito. O gráfico 51 apresenta as estatísticas referentes a esta pergunta.



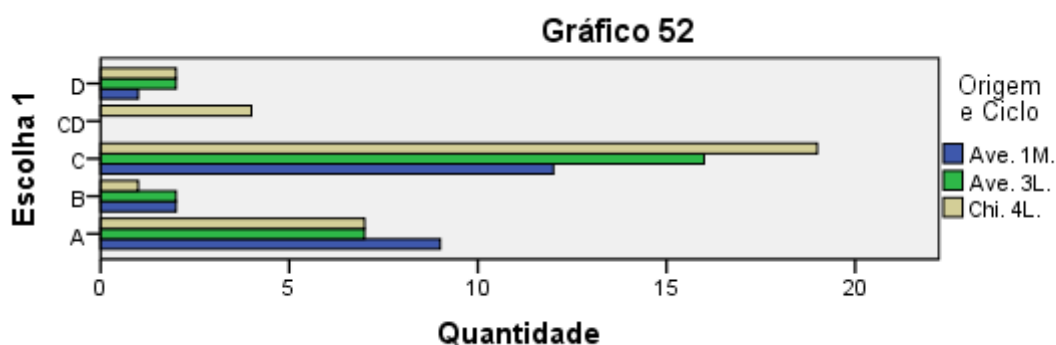
A percentagem de acerto nesta pergunta é de 9%. As principais respostas incorretas foram *digas*, *disses* e *dizes*, com percentagens de 34,8%, 9% e 14,6%, respetivamente. Isto mostra que, tal como na pergunta 36, quando responderam a esta pergunta, os alunos tiveram dificuldade não só em identificar se precisavam de usar o conjuntivo ou não, mas também em usar o tempo correto.

2.2.2.2 Análise dos resultados das perguntas de escolha múltipla

Foram propostas 8 perguntas de escolha múltipla com um total de 9 espaços em branco. Analisaremos agora as perguntas de escolha múltipla da mesma forma que analisámos as perguntas de preenchimento dos espaços em branco.

Pergunta 40

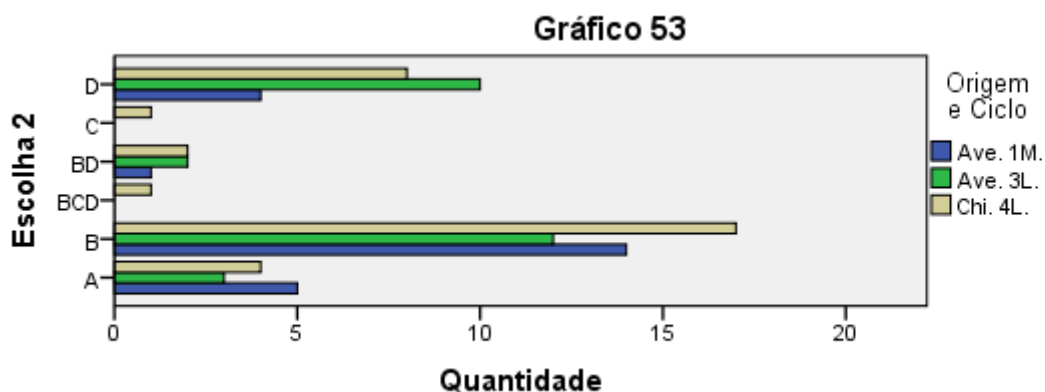
As respostas corretas à pergunta 40 (“*Cinéfilo*” refere-se a alguém que gosta/goste de cinema.) são A e C, e o gráfico 52 mostra as estatísticas referentes a esta pergunta.



A percentagem de respostas corretas nesta pergunta é de 78,6%, com mais pessoas a escolherem C, 52,8%, em comparação com 25,8% que escolheram A. Isto mostra que, nesta pergunta, os alunos preferem usar o conjuntivo.

Pergunta 41

As respostas corretas à pergunta 41 (*Ele lamentou que eu não entregasse/tivesse entregue o trabalho na última aula do mês passado. No entanto, eu acabei por entregá-lo na semana seguinte.*) são B e D. O gráfico 53 mostra as estatísticas relativas a esta pergunta.



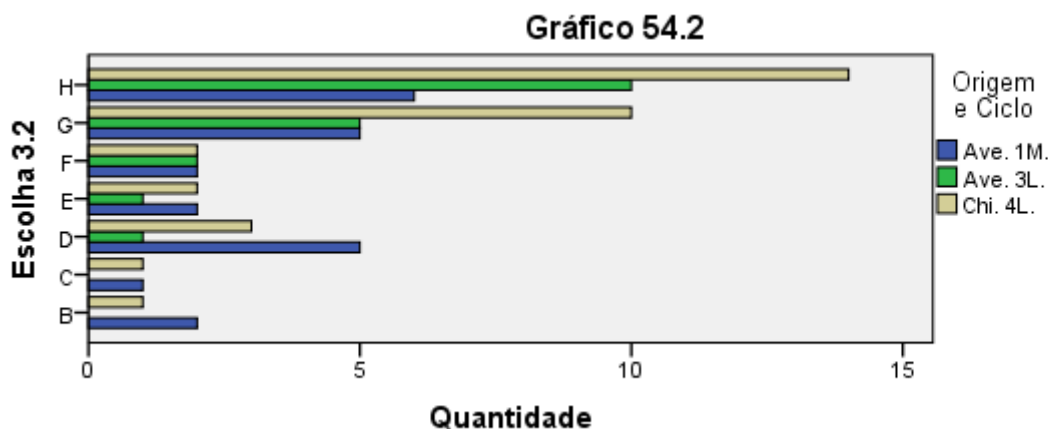
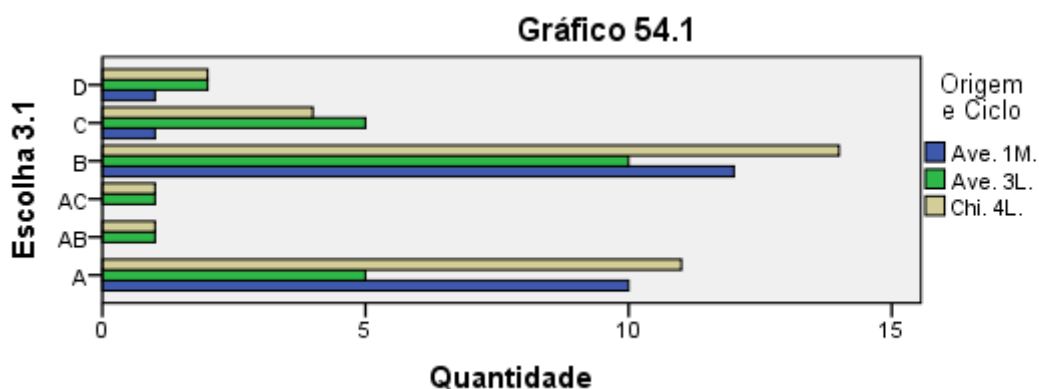
A percentagem de respostas corretas nesta pergunta é de 78,6%, com 48,3% dos que escolheram B, 24,7% dos que escolheram D e 5,6% dos que escolheram ambas as opções, B e D. Nesta pergunta, os alunos preferem o tempo simples ao composto.

Pergunta 42

A Pergunta 42 (*Achei que houvesse/havia pelo menos uma pessoa no nosso grupo que*

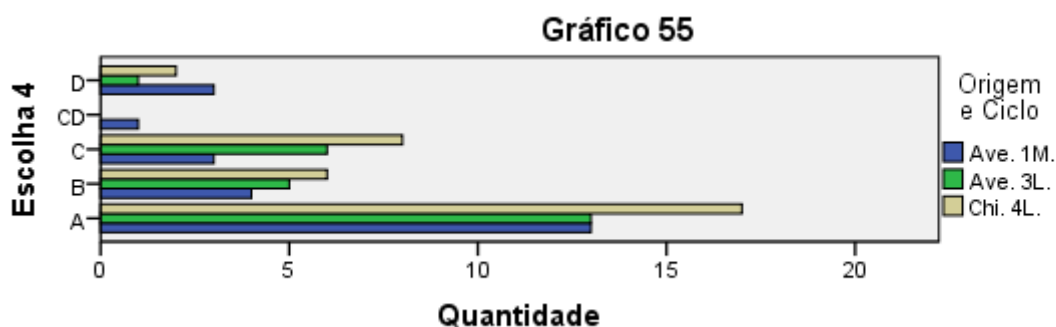
conseguisse/conseguia resolver o problema, e eles não me desesperaram.) tem dois espaços em branco, completáveis com as respostas corretas A/B e H/E. As estatísticas são apresentadas nas Tabelas 54.1 e 54.2.

A percentagem de respostas corretas para o primeiro espaço em branco é de 71,8%. A percentagem da resposta A é de 29,2%, a da resposta B é de 40,4% e a da resposta A/B é de 2,2%. E a percentagem de acerto do segundo espaço em branco é de 39,3%, da qual a opção H representa 33,7% e a opção E representa 5,6%. Outros 22,5% escolheram a resposta H, *consegue*.



pergunta 43

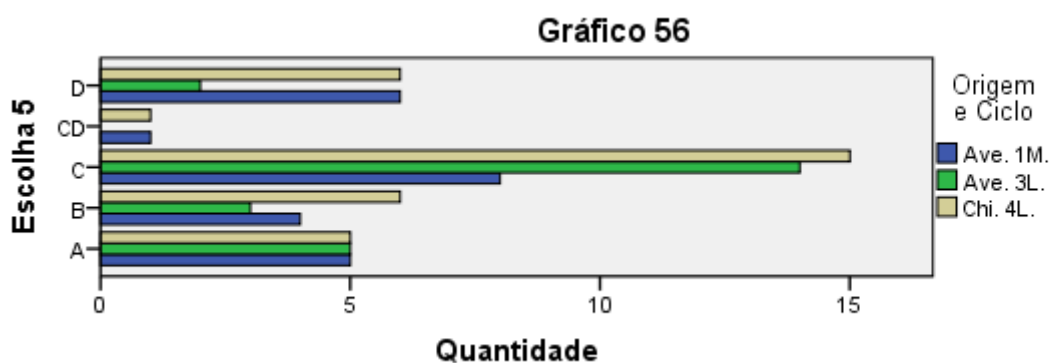
As respostas corretas à pergunta 43 (*Não acho que ele acreditasse/tenha acreditado no que dissera. Ele tinha um olhar suspeito.*) são C e D, e as estatísticas são apresentadas no gráfico 55.



A percentagem de respostas corretas nesta pergunta não é muito elevada, apenas 26,9%, e quase metade (48,3%) escolheu a opção A. Outros 16,9 % escolheram B, *tivesse acreditado*, que não fazia sentido.

Pergunta 44

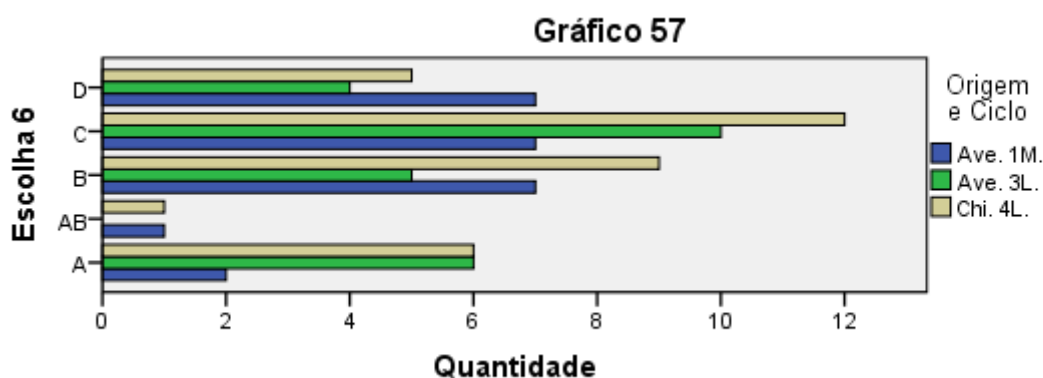
As respostas corretas à pergunta 44 (*Quem diria que ela era/seria/fosse capaz disso.*) são A e C, e as estatísticas são apresentadas no gráfico 56.



A percentagem de respostas corretas para esta pergunta é de 67,4%, sendo a opção A de 48,3% e a opção C de 19,1%. Nesta pergunta, os alunos preferiram usar o indicativo, porque *diria* não é um verbo marcador para o conjuntivo.

Pergunta 45

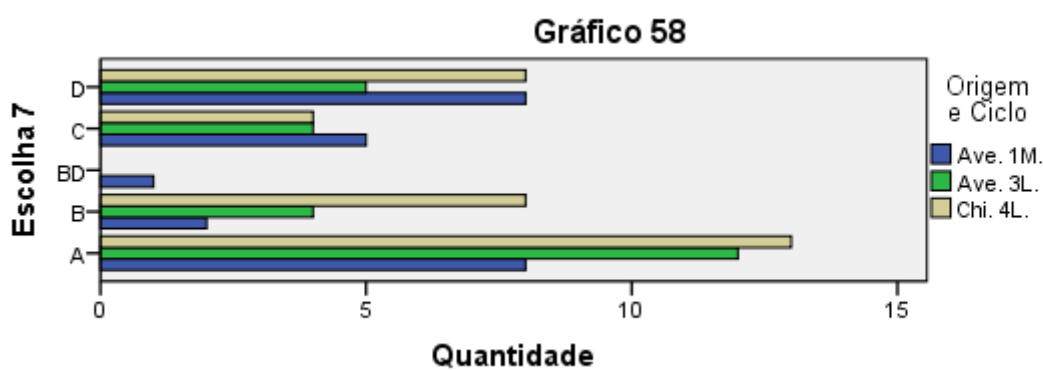
As respostas corretas à pergunta 45 (*É uma pena que ele não tenha completado/tivesse completado este trabalho antes do fim do prazo, ou seja, antes de sábado passado.*) são B e D, e as estatísticas são apresentadas no gráfico 57.



Como se pode ver no gráfico, um número considerável de pessoas escolheu cada uma das opções para esta pergunta. A percentagem de pessoas que escolheram B é de 23,6% e a percentagem de pessoas que escolheram D é de 18%. Assim, a percentagem de respostas corretas a esta pergunta é de 41,6%.

Pergunta 46

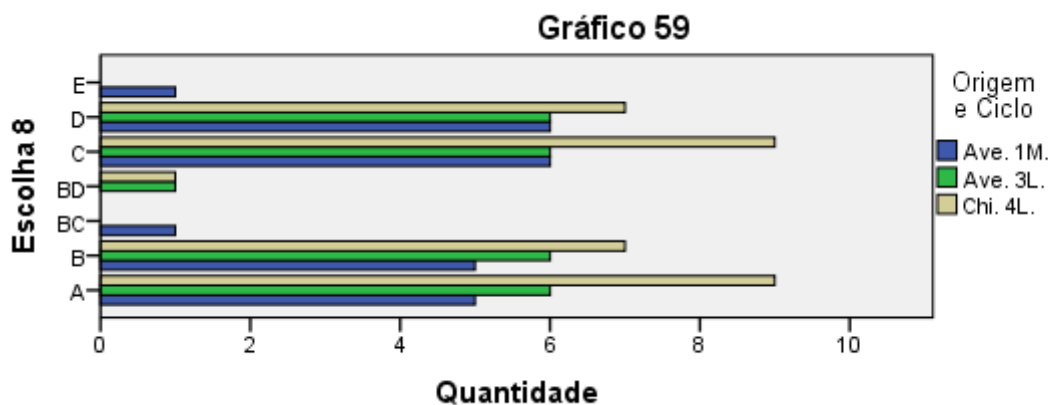
Na pergunta 46 (*Embora corresse/tenha corrido/corra/tivesse corrido muito rápido, não apanhei o autocarro.*), todas as quatro opções estavam corretas, e os resultados são apresentados no gráfico 58.



O gráfico mostra que os alunos preferiram o pretérito imperfeito ou o pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo ao presente ou o “presente composto”, ou seja, pretérito perfeito. E a opção A é ainda mais frequente do que a combinação das opções B e C.

Pergunta 47

As respostas à pergunta 47 (*O livro já foi publicado há muitos meses. As pessoas que leram/tenham lido/tiverem lido este livro vão certamente ver a sua adaptação ao cinema.*) são A, C e D, e as estatísticas são apresentadas no gráfico 59.



A partir do gráfico, pode-se ver que a frequência destas três opções corretas é basicamente a mesma, ou seja, 22,5% (*leram*), 23,6% (*tenham lido*) e 21,3% (*tiverem lido*). Para além disso, um estudante de mestrado considerou que este espaço em branco deveria ser preenchido com *tenham lido*, que corresponde à opção E no gráfico.

2.3 Problemas refletidos nos resultados do inquérito

Na secção anterior, identificámos os problemas dos estudantes chineses na aprendizagem/utilização do conjuntivo através da análise estatística das respostas a cada pergunta. Nesta secção, propomo-nos resumir e categorizar os problemas, selecionando exemplos representativos, com o objetivo de provar e explicar a existência e a gravidade desses problemas. De seguida, aprofundaremos a análise e encontraremos as causas destes problemas. No capítulo seguinte, com base nos problemas revelados neste capítulo, apresentaremos sugestões para melhorar a aprendizagem do tópico gramatical através dos livros didáticos de português em chinês, e até o modo como o conjuntivo é ensinado aos alunos chineses.

Antes disso, porém, é importante notar que um determinado problema não aparece plasmado apenas nos exemplos listados na sua secção, mas na maioria das perguntas. Por exemplo, nas análises das secções anteriores, pudemos constatar que em quase todas as

perguntas uma percentagem variável de alunos usa a pessoa verbal errada, no entanto, por razões de ordem pragmática, não usaremos a totalidade das questões como exemplo ilustrativo da existência deste problema.

2.3.1 Problemas técnicos revelados pelos resultados estatísticos do inquérito

A partir das análises estatísticas relativas a cada pergunta do inquérito apresentadas na secção 2.2, torna-se relativamente fácil identificar alguns problemas. Estes são óbvios e mostram-nos de forma clara até que ponto os alunos dominam a utilização do conjuntivo, mas não permitem uma investigação mais profunda, por exemplo, sobre os hábitos de aprendizagem dos alunos ou o estilo de ensino adotado pelos professores. Em termos gerais, os problemas técnicos expostos pelos alunos no inquérito podem ser divididos em quatro categorias principais; a incapacidade de usar o conjuntivo no momento certo; a incapacidade de usar o tempo simples do conjuntivo adequado; a incapacidade de usar o tempo composto do conjuntivo adequado; bem como a escrita e o uso incorretos da pessoa verbal.

2.3.1.1 Incapacidade de utilizar o conjuntivo no momento certo

No que concerne à utilização do conjuntivo, é necessário, antes de tudo, saber em que contextos deve ser utilizado. Esta é a base de todo o ensino e aprendizagem do conjuntivo. No entanto, é fácil perceber, através das nossas análises estatísticas, que um considerável número de alunos não é capaz de utilizar corretamente o modo verbal em qualquer circunstância.

Este problema revela-se particularmente grave nas perguntas 7, 8, 10, 11, 13, 16, 17, 20, 24, 27, 32, 36, 37 e 39. Em mais de um terço, ou mesmo dois terços, destas perguntas, os alunos não conseguiram escolher o modo correto.

As dificuldades são de dois tipos. Em alguns casos, os alunos utilizaram o conjuntivo num momento incorreto, como nas perguntas 8 e 10. A resposta à pergunta 10, por exemplo,

deveria ter sido o indicativo *gira*, mas mais de 90% utilizaram o conjuntivo. Noutros casos, os alunos esqueceram-se de usar o indicativo, como na pergunta 37. Numa frase que corresponde inteiramente a uma descrição de um facto objetivo do passado, é surpreendente que quase 70% tenham usado o conjuntivo, ao invés do indicativo.

Estas dificuldades devem-se, em grande medida, à falta de compreensão dos alunos sobre a natureza do conjuntivo. Se tivessem compreendido que o verbo subordinado ia para o conjuntivo porque a oração principal exprimia dúvida e negação, e não porque o verbo da oração principal era *suspeitar*, mais de 90% dos alunos não teriam preenchido *gire* na pergunta 10. Como exemplo ilustrativo do que afirmamos, recordemos o que aconteceu relativamente às perguntas 1 e 10. Em ambas, o verbo da oração principal era *suspeitar*, mas a oração principal na pergunta 1 exprime dúvida, enquanto na 10 exprime crença. Excluindo os erros de pessoa e de ortografia, a primeira pergunta obteve 88,7% de acertos. Já a segunda pergunta obteve apenas 9% de acertos. Por conseguinte, os alunos não compreendem a natureza do conjuntivo.

2.3.1.2 Incapacidade de utilizar o tempo simples do conjuntivo adequado

As estatísticas da secção anterior mostram que em quase todas as perguntas em que se deve usar o conjuntivo os alunos usaram o tempo errado, e este problema encontra-se especialmente patente nas perguntas 4, 6, 11, 17, 21, 23, 24, 27, 32, 36, 37, 39 e 43.

Ao examinar estas perguntas e os seus resultados estatísticos, podemos notar um facto interessante. Com exceção da 4.^a pergunta, as respostas corretas às restantes perguntas não correspondem a formas no presente do conjuntivo e, entre as respostas incorretas, a percentagem do presente é muito mais elevada do que as de outros tempos incorretos. Além disso, analisando todo o inquérito, o presente do indicativo é também o tempo preferido pelos alunos, quer esteja correto ou não. Nas perguntas 15, 35 e 38, em que as respostas corretas não são únicas, a maioria dos alunos que responderam corretamente também utilizou o presente do conjuntivo.

Isto mostra que os alunos chineses estão mais familiarizados com o uso do presente do

conjuntivo, e são mais proficientes neste tempo, mas são muito menos proficientes no uso do futuro e do pretérito imperfeito.

2.3.1.3 Incapacidade de utilizar os tempos compostos do conjuntivo adequados

Em todo o inquérito, apenas as perguntas 1, 9, 19, 20, 25, 31 e 38 são perguntas de preenchimento que envolvem tempos compostos, e nas perguntas de escolha múltipla, as respostas corretas às perguntas 41, 43, 45, 46 e 47 contêm um tempo composto do conjuntivo. Embora todas estas perguntas se destinem a examinar o domínio do tempo composto do conjuntivo dos alunos, os seus resultados estatísticos variam muito.

Na secção de preenchimento, exceto na pergunta 38, em que há várias respostas corretas, a percentagem de respostas corretas tende a ser próxima de zero em quase todas as perguntas em que a resposta correta está apenas no tempo composto. No total, há só seis respostas corretas entre as 534 a estas seis perguntas. São de três alunos de mestrado da Universidade de Aveiro, de dois alunos de licenciatura da China e de um de licenciatura da Universidade de Aveiro. Verifica-se que os alunos chineses têm sérios problemas e deficiências no domínio e utilização dos tempos compostos do conjuntivo e que os alunos de mestrado da Universidade de Aveiro dominam melhor os tempos compostos do que os alunos de licenciatura e os alunos do mesmo ano que não tiveram qualquer experiência de estudo ao estrangeiro.

No entanto, isto não significa que os alunos chineses não conheçam em absoluto os tempos compostos do conjuntivo, pois as estatísticas de escolha múltipla mostram um resultado diferente. Nas perguntas 41 e 43, em que há opções incorretas de tempos compostos do conjuntivo, 24,75% e 6,7% dos alunos escolheram o tempo correto composto do conjuntivo. A frequência das perguntas 45, 46 e 47, em que todas as opções do tempo composto são corretas, os resultados são ainda melhores, com 41,6%, 39,3% e 44,9% dos alunos a escolherem corretamente as opções do tempo composto.

A enorme diferença nas estatísticas entre as perguntas de preenchimento e as de escolha múltipla mostra que os alunos chineses não desconhecem os tempos compostos do conjuntivo, no entanto, se não forem orientados nas suas respostas, é-lhes difícil perceber se um verbo a utilizar no conjuntivo deve estar no tempo perfeito.

2.3.1.4 Erros de conjugação e de escolha da pessoa verbal

Nas análises estatísticas anteriores de cada pergunta de preenchimento do inquérito, enumerei duas percentagens de acerto, nomeadamente a percentagem de acerto em que o tempo, o modo, a pessoa e a conjugação estão em conformidade com a resposta padrão, e a de acerto em que apenas o tempo e o modo são tidos em conta, ignorando os erros de pessoa verbal e de conjugação. Dado que as diferenças de pessoa e conjugação existem em qualquer tempo e modo, a minha intenção inicial com esta estatística era excluí-las e concentrar-me apenas no domínio do tempo e modo conjuntivo dos alunos. No entanto, depois de analisar as estatísticas, verifiquei que os erros na pessoa e na conjugação também não devem ser ignorados. Os resultados estatísticos de quase todas as perguntas do inquérito contêm erros na escrita e na seleção da pessoa verbal adequada.

De um modo geral, se a resposta padrão não for a primeira ou a terceira pessoa do singular, ou a conjugação não for regular, cerca de 25% a 30% dos alunos usaram o tempo e modo corretos mas a pessoa errada, por exemplo, nas perguntas 1, 16, 17, 18, 30 e 32. Contudo, se a conjugação for relativamente irregular (por exemplo, veja-se a pergunta 33, com uma percentagem de erro de 43%) e o sujeito for mais difícil de identificar (por exemplo, veja-se a pergunta 15, com uma percentagem de erro de 50%), entre os alunos que usaram os tempos e modos corretos, 40% a 50% utilizaram a pessoa e a conjugação erradas. Quanto à pergunta 12, uma pergunta em que o sujeito não é fácil de encontrar, em que não se deve usar nem a primeira nem a terceira pessoa do singular, e a conjugação é irregular, a percentagem de erro de pessoa verbal e conjugação atinge 57% sob a premissa dos tempo e morfologia corretos.

Em suma, para os estudantes chineses, quando o sujeito não é a primeira ou a terceira

pessoa do singular, ou a conjugação é irregular, a escrita da pessoa e da conjugação no conjuntivo são alvo frequente de erros. Ainda vale a pena referir que, ao contrário do que acontece com o tempo perfeito, os alunos de mestrado apresentam uma percentagem de acerto inferior à dos alunos de licenciatura da Universidade de Aveiro ou da China, no que diz respeito à pessoa e à conjugação.

2.3.2 Problemas profundos manifestados pelas estatísticas do inquérito

Na secção anterior, resumimos quatro problemas técnicos comuns dos estudantes chineses em relação ao conjuntivo. No entanto, estes problemas são apenas superficiais, e existem causas mais profundas por trás deles. De um modo geral, as causas destes problemas técnicos podem ser duas: o pensamento estereotipado e a dependência dos livros didáticos. Relacionadas com estes dois problemas, estão também as falhas e deficiências do ensino do português na China e dos livros didáticos do português, em chinês, usados durante muito tempo no ensino do conjuntivo.

2.3.2.1 Dependência dos livros didáticos

Embora não seja utilizado em todas as universidades chinesas, o livro didático de português em chinês *Português Universitário* (2 volumes para estudantes, 1 volume para professores), escrito por Ye Zhiliang e publicado pela Imprensa de Investigação e Ensino de Línguas Estrangeiras em 2010, é, de longe, o manual, ou livro didático, mais utilizado e representativo para os cursos de português nas universidades chinesas. Foi a partir de 2010 que o número de universidades chinesas que têm oferecido cursos de português registou um crescimento explosivo. Nessa altura, quando havia uma grave escassez de professores de português e de materiais didáticos disponíveis na China, o manual *Português Universitário*, que é claro e fácil de compreender sobretudo por ser escrito em chinês, tornou-se, sem dúvida, a melhor escolha para professores e estudantes de português. Ao mesmo tempo, o conteúdo e a estrutura de outros manuais de português escritos em chinês são, em geral,

semelhantes aos de *Português Universitário*. Por isso, esta dissertação toma este instrumento de ensino/aprendizagem como paradigma na análise dos problemas associados aos livros didáticos de português em chinês.

À medida que os anos passam, contudo, tem-se vindo a constatar alguns problemas que decorrem da utilização do manual *Português Universitário* e de outros por ele representados. Sendo um livro que fornece uma visão geral sobre o funcionamento da língua portuguesa, o manual não abarca todas as questões gramaticais nem esclarece todas as dúvidas. Além disso, o próprio livro induz, por vezes, em erro, como quando menciona o uso do conjuntivo apenas quando ocorre o advérbio *talvez* (Ye, 2020, p. 179), sem enfatizar a dispensa do uso do conjuntivo quando *talvez* segue o verbo, o que leva a consequências que podem ser claramente observadas nos resultados estatísticos das perguntas 2 e 19 do inquérito. Considerando o uso generalizado deste livro, as suas omissões e, por vezes, falta de um certo rigor científico são suficientes para influenciar de modo menos bem conseguido gerações de estudantes e professores de português na China. Os resultados do inquérito que está na base desta dissertação deixam patentes algumas das suas limitações.

Incapacidade de usar o tempo do conjuntivo adequado

A partir da análise dos dados colhidos com o inquérito, sabemos que a incapacidade de usar o tempo adequado do conjuntivo é comum entre os alunos. No momento de optar por um dos tempos do conjuntivo, tendem a usar o presente, independentemente de ser ou não o correto. A razão para este problema pode ser facilmente encontrada no manual habitualmente adotado. Ao consultarmos o Índice de *Português Universitário*, Vol.2 (Ye, 2010, p. 3-5), podemos constatar que o presente do conjuntivo ocupa três pequenas secções do livro, num total de 9 páginas. Já o pretérito imperfeito e o futuro imperfeito do conjuntivo ocupam, respetivamente, apenas uma pequena secção, sendo que o pretérito imperfeito é abordado em quatro páginas e o futuro em apenas três páginas.

Quando consultamos as secções que constam do Índice, verificamos que muitos contextos em que poderiam ser usados os vários tempos verbais do conjuntivo são

apresentados pelo livro como exigindo apenas “o presente do conjuntivo” (Ye, 2010, pp. 177, 258 e 342). Depois, na secção sobre o presente do conjuntivo, o livro categoriza e explica detalhadamente os usos desse tempo verbal, usos esses que poderiam ocorrer com outros tempos (por exemplo, nas orações objetivas que exprimem dúvida, orações adjetivas com referentes desconhecidos e orações adverbiais finais). Seguem-se cada um dos usos no presente, com vários exemplos, acompanhados de tradução chinesa.

Quando se trata da secção sobre o pretérito imperfeito, o livro apenas fornece a seguinte informação: “O uso do pretérito imperfeito do conjuntivo é basicamente o mesmo que o do presente do conjuntivo, exceto que há uma diferença no tempo envolvido: o presente do conjuntivo geralmente expressa coisas no presente ou no futuro, enquanto o pretérito imperfeito do conjuntivo geralmente expressa coisas no passado.” (Ye, 2010, p. 343). Depois, apresenta-se no máximo um exemplo e respetiva tradução para ilustrar alguns dos usos do conjuntivo; alguns desses usos nem chegam a ser exemplificados. Ademais, as frases-exemplo não só não são acompanhadas de uma explicação detalhada, como também não são objeto de uma classificação sistemática.

No que diz respeito ao tempo do futuro do conjuntivo, à exceção da oração condicional liderada por *se*, os outros usos comuns do futuro (tal como do pretérito imperfeito) não são mencionados. Acresce que o livro não faz qualquer menção à ligação, semelhança ou diferença entre o futuro do conjuntivo e o presente, quando explica o primeiro.

A situação complica-se ainda mais quando se trata dos tempos compostos do conjuntivo. Não há absolutamente referências algumas nos dois volumes de *Português Universitário* aos tempos compostos. Com base na minha experiência pessoal e no meu conhecimento, nas universidades chinesas, os professores prestam mais atenção ao pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo, enquanto o pretérito perfeito ou o futuro perfeito são quase ignorados. Mesmo assim, existe uma grande lacuna na sala de aula chinesa no que diz respeito ao pretérito mais-que-perfeito, pois os professores tendem a usar as orações condicionais como exemplos e interpretam o pretérito como um tempo que “contradiz os factos objetivos que já aconteceram”, sem considerar o seu carácter de “perfeito”. Tudo isto

faz com que seja mais difícil os estudantes chineses compreenderem e utilizarem os tempos perfeitos do conjuntivo.

Incapacidade de utilizar o tempo verbal do conjuntivo no momento certo

De acordo com os resultados estatísticos do inquérito, que já foram resumidos, os estudantes chineses muitas vezes não conseguem usar o conjuntivo no momento certo, e a razão para este problema também pode ser encontrada nos livros didáticos.

Na maioria dos casos, o manual *Português Universitário* apenas informa quando usar o conjuntivo, mas não explica porque se deve o usar. Por exemplo, na página 180, Zhiliang Ye escreve que “o conjuntivo é usado quando uma oração subordinada é guiada por um verbo que exprime dúvida e o sujeito do verbo da oração principal não é o mesmo que o sujeito do verbo da oração subordinada” (no texto original, “precisa-se do uso do presente do conjuntivo”). De acordo com esta explicação, os verbos *suspeitar* e *duvidar* são verbos de dúvida, pelo que cumprem o requisito acima referido, e o livro dá frases de exemplo correspondentes. No nosso inquérito, as perguntas 1, 10 e 24 examinam este tópico, e a percentagem de respostas corretas varia muito. A razão para este facto é que, nos livros e nas aulas, os alunos só aprendem “que verbos, frases ou advérbios devem ser usados no conjuntivo”, mas não compreendem “porque é que o conjuntivo deve ser usado no caso de tais verbos, frases ou advérbios.” Por outras palavras, os alunos não compreendem a natureza do conjuntivo, mas apenas memorizam mecanicamente cada situação em que ele é utilizado. É como se o manual e o professor lhes explicassem um certo número de pontos numa linha e os alunos apenas memorizassem esses pontos, sem os encadear para formar a linha. Caso contrário, ao responderem às perguntas 10 e 24, os alunos teriam sido capazes de perceber que, embora *suspeitar* e *duvidar* sejam verbos que exprimem dúvida em si mesmos, nos contextos dados pelas perguntas, a sua coloração afetiva estava mais próxima de acreditar do que de duvidar, e, assim, teriam preenchido corretamente os espaços com uma forma indicativa.

Em suma, no ensino do português na China, no que concerne especificamente ao uso do pretérito imperfeito, do futuro e dos três tempos compostos, os livros didáticos e os professores dão-lhes muito menos importância do que ao uso do presente, o que faz com que os alunos tenham uma melhor compreensão deste tempo e ignorem a compreensão e o uso dos outros tempos, ou não tenham a certeza absoluta do seu uso e da relação entre estes seis tempos. Simultaneamente, no ensino do português na China, os livros e os professores não se preocupam muito em ensinar os alunos a compreenderem a natureza do conjuntivo, limitando-se a enumerar a maioria das situações em que precisam de usar o conjuntivo. E quando estes alunos terminam o curso e se tornam novos professores e ensinam novos alunos com os seus livros originais e o corpo de conhecimento construído a partir desses livros, como já foi referido, as omissões e a falta de rigor científico na apresentação de certos conteúdos nos livros serão constantemente ampliadas, facto plasmado nos resultados do inquérito anterior.

A boa notícia, no entanto, é que, em certa medida, os estudantes de pós-graduação, com mais experiência, se parecem ter apercebido deste problema. Nas estatísticas das perguntas subjetivas do inquérito, podemos ver que os estudantes de mestrado se classificaram significativamente abaixo dos estudantes de licenciatura de Aveiro ou da China, tanto em termos do seu domínio do conjuntivo como da utilidade dos seus livros didáticos e manuais. Isto pode dever-se ao facto de, em comparação com os licenciados, os pós-graduados estarem mais expostos a falantes nativos de português e, na sua prática a longo prazo, encontrarem situações com as quais não sabem lidar e que, ao mesmo tempo, não são cobertas e explicadas pelos livros didáticos de português em chinês. Assim, questionam tanto o seu domínio do conjuntivo como o livro didático.

2.3.2.2 Pensamento estereotipado dos alunos

Os alunos cometem erros mais facilmente em pontos que não são abrangidos pelo livro didático. No entanto, isto não significa que não cometam erros se o livro os tiver abordado. Este problema é especialmente evidente nos erros de pessoa e de conjugação.

Escrita e uso incorretos da pessoa verbal

Em *Português Universitário*, as regras de conjugação para todos os tempos do conjuntivo e todas as conjugações especiais são explicadas em pormenor, incluindo as conjugações irregulares, mas com regras específicas, como *chegue*, *surja* e *dance*. No entanto, as respostas dos alunos mostram claramente que eles esquecem frequentemente estas regras específicas de conjugação. Para além disso, existe uma grande probabilidade de se esquecerem da pessoa e de preencherem as lacunas apenas com a primeira ou a terceira pessoa do singular. No entanto, as conjugações de verbos que são completamente irregulares e não têm qualquer regularidade têm uma percentagem muito alta de acerto.

De facto, com um pouco de análise, é fácil perceber que os verbos que apresentam conjugações completamente irregulares, como *fazer* e *estar*, são os mais usados, e, no dia a dia, os alunos habituam-se a usar o mesmo conjunto de regras para a maioria das conjugações verbais pouco frequentes. Assim, quando se deparam com um verbo que não está flexionado de forma totalmente irregular e que não é muito comum, facilmente cairão num pensamento estereotipado e usarão as regras gerais sem hesitação, não prestando atenção às variações na pronúncia e à existência de padrões especiais de conjugação. Para além dos casos acima mencionados, o erro de pessoa verbal é outra manifestação de pensamento estereotipado. Quando os alunos têm a certeza de que um determinado espaço em branco está no conjuntivo, só pensam em conjugar o verbo no conjuntivo, mas ignoram a pessoa depois do tempo e do modo. E quando o sujeito não é óbvio, os alunos ficam mais próximos de cometer erros de pessoa.

Incapacidade de utilizar ou não o conjuntivo e os corretos tempos do conjuntivo

Nas atividades de ensino do português na China, o presente do conjuntivo não é apenas o tempo verbal introduzido com mais cuidado e atenção, mas também o primeiro tempo do conjuntivo que os alunos chineses aprendem. Assim, apesar de ser claramente indicado no livro e sublinhado pelo professor em sala de aula que as orações condicionais guiadas por *se*

devem usar o conjuntivo futuro quando exprimem o futuro (Ye, 2010, p. 292), os alunos continuam a usar o tempo presente, como mostram as estatísticas nas perguntas 28 e 34.

Além disso, antes de serem expostos ao conjuntivo, os alunos tinham aprendido a usar o indicativo depois de *se* para exprimir uma ação de perspectivada como menos hipotética. No entanto, na pergunta 8, apesar de o texto precedente ter mostrado que *ter partido o copo* é um facto dado, os alunos continuaram a cair no pensamento estereotipado e a utilizar o conjuntivo. O mesmo problema pode ser encontrado na pergunta 37. Os alunos aprenderam que, ao expressar uma ação que irá acontecer no futuro, a locução *assim que* é seguida pelo conjuntivo (Ye, 2010, p. 292). Como resultado, usaram *assim que* + conjuntivo numa oração subordinada descrevendo um facto passado.

Do mesmo modo, quando aprenderam o conjuntivo, absorveram de tal modo a construção *é... que* + presente do conjuntivo que, quando responderam à pergunta 7, muitos deles usaram o conjuntivo, apesar de o verbo da oração principal *é* ser seguido de *sabido*. E na pergunta 4, que substituí *é* por *será*, um formato que quase não viram antes, 40% dos alunos não hesitaram em usar o futuro do conjuntivo; afinal, pareceu-lhes que “quando o verbo principal está no presente, o verbo subordinado está no presente; e quando o verbo principal está no passado, o verbo subordinado parece estar no passado também. Então suponho que quando o verbo principal está no futuro, o verbo subordinado também deve estar no futuro, não é?”. O mesmo problema se verificou nas perguntas 13 e 27, que examinam o uso do conjuntivo na oração subordinada consecutiva.

Capítulo 3. Reflexões e propostas de melhoria

No Capítulo 2, apontámos a dependência dos livros didáticos e o pensamento estereotipado como as principais razões pelas quais os estudantes universitários chineses não conseguem dominar o modo conjuntivo do português, mas quais serão as causas dessa dependência e desse pensamento estereotipado? Identificadas as causas, poderemos sugerir algumas estratégias que melhorem o ensino e a aprendizagem? Neste capítulo, refletiremos sobre as razões destes problemas, para, depois, sugerirmos estratégias de melhoria.

3.1. Estará o ensino universitário na origem dos problemas identificados?

Nos últimos anos, há uma opinião que se tem tornado muito popular na China. Considera-se que o ensino universitário na China não está a educar devidamente os estudantes. Esta ideia adquire especial relevo no contexto da expansão das universidades chinesas e da rápida desvalorização das qualificações operadas nos últimos vinte anos, aproximadamente. Numa tentativa de explicar ainda melhor este fenómeno, Qiang, na sua tese *O declínio da qualidade do ensino superior a partir do mecanismo de funcionamento das universidades*, afirma:

Hoje em dia, o ensino universitário está a desviar-se do caminho do cultivo de talentos para a sociedade, do ensino e da criação de conhecimento, e a sua função tende a voltar para os institutos de investigação ou para as equipas de engenharia; os professores universitários têm-se tornado fúteis em relação a uma profissão sagrada, e o título de professor universitário carece do estilo académico: experiência rica de ensino, conhecimento profissional e forte sentido de responsabilidade social.

(Qiang, 2016, p.1)

Não negamos este ponto de vista e até podemos atribuir os problemas identificados no

Capítulo 2 ao declínio da qualidade educacional nas universidades da China. Mas será mesmo assim? Em seguida, apresentaremos dois exemplos que pouco têm que ver com o ensino universitário, e que poderão contrariar a tese defendida por Qiang.

3.1.1 Aulas numa organização de ensino e formação

Na China, uma organização de ensino e formação é um tipo de instituição ou organização que tem como objetivo fornecer serviços de aquisição de competências. Contudo, este tipo de instituição não pode garantir aos estudantes certificados académicos ou outras qualificações. Essas muitas organizações de ensino e de formação têm geralmente fins lucrativos e, por conseguinte, não levantam obstáculos à entrada de alunos.

Durante o primeiro ano enquanto estudante na Universidade de Aveiro, tivemos a oportunidade de testemunhar uma situação que, a nosso ver, ilustra a falta de rigor e de exigência que caracteriza o ensino ministrado nessas instituições. Um amigo e colega nosso inscreveu-se num curso *on-line* conduzido por uma organização de ensino e formação baseada no oeste da China, cujo objetivo era ajudar os alunos a passar no exame de português do nível B2 organizado pelo CAPLE. Por questões de privacidade, não referiremos o nome desta organização de formação. No entanto, podemos afirmar que o curso *on-line* não se destina apenas a estudantes universitários com especialização em português, mas, também, a chineses de todas as idades que são emigrantes ou planeiam emigrar para Portugal.

Tivemos, ainda, a oportunidade de assistir a uma parte da gravação em vídeo deste curso. Já lá vão dois anos, mas ficámos fortemente impressionados com uma afirmação proferida por um professor. Ao falar sobre os tempos do conjuntivo relacionados com o passado, afirmou: “Quando uma ação expressa pelas orações que empreguem o conjuntivo tem lugar no passado, o tempo a usar é sempre o pretérito mais-que-perfeito.” Por outras palavras, os pretéritos imperfeito e perfeito do conjuntivo foram completamente ignorados nas suas atividades de ensino, quando em mais de metade dos exemplos que listou na sua aula deveria ter sido usado o pretérito perfeito ou imperfeito, ou pelo menos a utilização do pretérito mais-que-perfeito naquelas frases exemplificativas estava longe da solução ideal.

Talvez pelo facto de se tratar de um curso intensivo *on-line* para fins de certificação não fosse relevante aprofundar demasiado certos conhecimentos, mas o que não conseguimos entender e aceitar é que o facto de não se considerar necessário aprofundar conhecimentos implique explicar incorretamente conteúdos, quer o professor o tenha feito intencionalmente ou não. Se o professor se tivesse limitado a substituir o pretérito perfeito pelo pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo, poder-se-ia aceitá-lo com muita relutância, mas se o professor nem sequer explica o pretérito imperfeito, que é tão comum e não pode ser substituído pelo pretérito mais-que-perfeito na maioria dos casos, é difícil não duvidar do profissionalismo do professor.

3.1.2 Inquérito a um estudante do ensino secundário imigrante

Durante a primeira metade do ano letivo de 2023-2024, ou seja, no outono de 2023, demos aulas particulares e individuais de português a uma trabalhadora chinesa que tinha imigrado para Portugal. Ela estava em Portugal não há muito tempo e não tinha uma boa base de português. Enquanto lhe demos aulas, tivemos a oportunidade de lançar um inquérito ao seu irmão, que vive em Portugal com os pais há sete anos e está atualmente no terceiro ano do ensino secundário em Portugal, isto é, a frequentar o 12.º ano. Graças à idade mais precoce de aprendizagem do português, ao tempo mais longo de aprendizagem do português e ao contacto diário com falantes nativos, em princípio, este estudante do ensino secundário deveria ter um conhecimento mais profundo do português do que todos os estudantes universitários que participaram no inquérito.

No entanto, com base nos resultados deste inquérito, parece que as suas respostas, tanto as correctas como as incorrectas, são semelhantes às dos estudantes universitários chineses com especialização em português, e é muito claro que são ainda menos correctas do que as dos estudantes universitários na seção de escolha múltipla (o inquérito original e os resultados de todos os inquéritos deste trabalho, incluindo o inquérito anterior para estudantes universitários e o que lançámos a este estudante do ensino secundário aqui mencionado, integram os Anexos desta dissertação). Uma vez que o alvo deste inquérito era

estudante do ensino secundário, a parte “Verificação dos Antecedentes” do inquérito, concebido para estudantes universitários, não tem significado de referência e não será discutida neste artigo, mas vamos concentrar-nos na parte “Inquérito dos conhecimentos”.

Por exemplo, na primeira pergunta, ele preencheu corretamente *estejas* e incorretamente *veja*, enquanto as respostas mais frequentes entre os estudantes universitários eram *estejas* e *vejas*, e o seu desempenho na primeira pergunta é quase o mesmo que o dos estudantes universitários inquiridos, ignorando a pessoa incorreta. Além disso, na segunda pergunta, a sua resposta é *estejam*, errada, e a resposta mais frequente entre os estudantes universitários é também *estejam*. Entre as 39 perguntas de preenchimento que integram o inquérito, se ignorarmos os erros de pessoa e de conjugação verbal, 31 das respostas preenchidas pelo estudante do ensino secundário são iguais às respostas mais frequentemente dadas pelos estudantes universitários. Trata-se, respetivamente, das perguntas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35 e 36, correspondentes a quatro quintos dos preenchimentos.

No que diz respeito às perguntas de escolha múltipla, embora o aluno do ensino secundário tenha escolhido uma resposta de alta frequência apenas na pergunta 44, devemos ter em conta que as perguntas 45 e 47 não tinham respostas de alta frequência muito óbvias. Nas restantes cinco perguntas de escolha, a taxa de acerto deste aluno do ensino secundário não é superior à dos alunos do ensino universitário, e é até inferior.

No geral, cerca de 70% das respostas dadas pelo aluno do ensino secundário eram respostas de alta frequência dadas por alunos universitários, o que significa que, apesar de os meios, formas, cenários e objectivos de aprendizagem e utilizações do português serem completamente diferentes, a compreensão do conjuntivo e dos seus tempos por parte deste aluno do ensino secundário é quase indistinguível da dos alunos universitários com base no mesmo fundo cultural. O tempo superior de aprendizagem e de imersão em contexto lusófono não distinguiu o seu nível gramatical dos níveis dos estudantes universitários em termos do conjuntivo. Além disso, mesmo que os livros didáticos utilizados por este estudante não sejam os mesmos que os utilizados pelos estudantes universitários na China,

a mentalidade, ou seja o pensamento estereotipado, é o mesmo.

A partir destes dois exemplos, não é difícil chegar a esta conclusão: embora seja um facto indiscutível que a qualidade do ensino universitário na China se tem deteriorado, a fraca capacidade, que os estudantes universitários têm, de compreensão e de aplicação do conjuntivo não pode ser atribuída a esse facto. Se os professores profissionais de português e o imigrante chinês imerso em Portugal (que foi educado em português desde os 10 anos de idade, e que é capaz de interagir com falantes nativos) não conseguem compreender e utilizar corretamente o conjuntivo, que razão há para esperar que o ensino universitário consiga resolver completamente estes problemas ou que os estudantes universitários sejam capazes de compreender perfeitamente o conjuntivo? Na verdade, este parece ser um problema comum a todos os aprendentes de português com fundo cultural chinês. Neste caso, a única explicação para as dificuldades verificadas parecem ser os métodos de ensino do conjuntivo existentes, quer nas universidades, quer nas organizações de formação, quer nas salas de aula em Portugal, na medida em que não estão adaptados aos ao modo de pensar dos chineses.

3.2 Sugestões de melhoria

O lamentável facto é que o problema da dependência dos livros didáticos na aprendizagem do conjuntivo é quase insuperável ou inevitável para os estudantes universitários na China, neste momento, sobretudo para aqueles que não têm uma experiência ou estudam em países lusófonos. Não têm as condições e a oportunidade de serem educados em português como imigrantes localizados e de estarem imersos num ambiente lusófono durante um período longo, nem têm a oportunidade de perceber as deficiências dos livros didáticos e manuais universitários através de uma prática a longo prazo, como acontece com os alunos de mestrado que estudam no estrangeiro. E, devido às limitações do acesso à *internet*, é mesmo difícil terem acesso aos programas, artigos ou áudios em língua portuguesa, para não falar de explicações gramaticais autorizadas, como a *Gramática do Português* publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian, à qual é difícil

aceder mesmo em Portugal.

Neste caso, as aulas universitárias e os livros que as acompanham são praticamente o único meio de aprendizagem do português. Devido à complexidade do modo conjuntivo, é quase impossível compreenderem o seu uso sem contexto, pelo que confiar e depender dos livros didáticos é a única forma de os alunos aprenderem. Neste caso, se o manual ou livro não o explicar claramente, é também impossível que os alunos compreendam e dominem o seu uso.

Em capítulo anterior, percebemos que, na China, os maiores problemas para os estudantes universitários na aprendizagem do conjuntivo são, respetivamente, depender dos livros didáticos e o pensamento estereotipado. Uma vez que o problema da dependência não pode ser resolvido, porque não aproveitamos essa dependência para resolver o problema do pensamento estereotipado? Para isso, a apresentação do conjuntivo deve ser detalhada e lógica, ajudando os estudantes a pensar ativamente e de acordo com a forma de pensamento chinesa, e levando-os a compreender e a utilizar o conjuntivo de uma forma sistemática e não mecânica. Esta é também a direção que devemos seguir para melhorar os métodos de ensino do conjuntivo nas universidades chinesas, tanto nos livros como nas salas de aula. Uma vez que, em geral, as atividades de ensino na sala de aula se centram nos livros didáticos, nas seções seguintes daremos prioridade à apresentação de ideias para o desenvolvimento e melhoria dos materiais de ensino, ou seja, dos livros didáticos.

No nosso entender, o foco do ensino do modo conjuntivo divide-se em apenas duas questões: “em que situações se usa o conjuntivo?” e “que tempo verbal do conjuntivo se deve usar?”. Para os principiantes, é muito difícil compreender o verdadeiro significado do conjuntivo e utilizá-lo habilmente através da definição do conjuntivo. Por isso, devemos começar por explicar os vários tempos do conjuntivo na aprendizagem inicial. Tendo sido citado um grande número de exemplos para explicar os tempos do conjuntivo durante as aulas em que se expliquem os tempos do conjuntivo, os alunos ficarão com uma impressão geral das circunstâncias em que se utiliza o conjuntivo. É como se a conotação e o significado reais do conjuntivo fossem um segmento de reta, enquanto os exemplos citados nas aulas

representam uma série de pontos no segmento de reta. Não podemos desenhar diretamente o segmento de reta, mas podemos dar aos alunos uma ideia da posição aproximada e do comprimento do segmento, desenhando um certo número de pontos no segmento.

3.2.1 Antecipar e evitar ideias preconcebidas nos alunos

Os principiantes têm geralmente muitas concepções e ideias erradas sobre o modo conjuntivo, que gradualmente vão formando pensamentos estereotipados, como já ficou evidente no inquérito analisado no capítulo anterior. Por isso, torna-se muito importante utilizar uma linguagem rigorosa para ajudar os alunos a evitar ideias erradas no início do ensino do conjuntivo.

Por exemplo, na grande maioria dos livros didáticos ou das aulas de português, o presente é o primeiro tempo do conjuntivo a ser ensinado, e a maior parte das situações que requerem o uso do conjuntivo também são ensinadas no presente do indicativo. É o que se verifica no livro *Português Universitário*, de Ye Zhiliang. Neste caso, os alunos, que ficam com uma ideia preconcebida, usam o presente do conjuntivo em situações em que o presente não deve ser usado.

Assim, o livro ou o professor deve dar especial ênfase a este problema na sala de aula, de modo a evitar que os alunos desenvolvam um pensamento estereotipado e, ao mesmo tempo, facilitar o ensino consequente. Por exemplo, antes de explicar o uso do conjuntivo, dependente de *esperar que*, *não porque*, etc., podemos primeiramente referir nos livros ou nas aulas que “o conjuntivo usado neste capítulo pode ser usado noutros tempos que não o presente. O presente do conjuntivo é usado aqui apenas como um exemplo para explicar o significado e o uso do conjuntivo.” Uma explicação deste tipo pode, até certo ponto, evitar que os alunos desenvolvam o estereótipo de que “o tempo presente é usado sempre que aparecer o conjuntivo”.

Outro exemplo típico é o facto de ser fácil os principiantes formarem o pensamento estereotipado de que “o presente do conjuntivo exprime coisas que acontecem no presente, e, quando a ação acontecer no futuro, deve ser usado o futuro do conjuntivo”. Quanto a este

problema, os livros didáticos e os professores devem também sublinhar e enfatizar, quando explicam o presente conjuntivo, que “o presente do conjuntivo pode exprimir não só coisas que acontecem agora, mas também coisas que vão acontecer no futuro”. Depois, a informação transmitida deve ser complementada com exemplos de ações futuras no conjuntivo, especialmente no presente do conjuntivo, como a 4.^a pergunta do inquérito, “Será possível que, num próximo futuro, passemos férias na lua.”, para formar uma correta compreensão do uso do presente do conjuntivo por parte dos alunos.

3.2.2 Atender à lógica gramatical em fases iniciais do ensino/aprendizagem

Nas páginas 179 e 180 do manual *Português Universitário*, podemos ver que o autor explica primeiro o uso do presente do conjuntivo em frases simples que contêm o advérbio de dúvida *talvez* antes do verbo núcleo do predicado. O segundo uso é uma oração adverbial, enquanto o terceiro e o quarto são orações objetivas e o quinto é uma subjetiva. Contudo, no sexto uso, o autor volta a escrever sobre o presente numa oração adverbial. Ao explicar os usos deste tempo do conjuntivo, o autor explica-o de forma confusa e não apresenta uma lógica razoável para categorizar estes usos, o que levará a que os alunos não consigam compreender os usos do conjuntivo de forma sistemática e, por conseguinte, dará azo a que subsistam pensamentos estereotipados.

No nosso entender, quando, no início, explicamos os usos do conjuntivo, devemos introduzi-los de acordo com os significados gramaticais das orações. Em primeiro lugar, deve ser introduzido o seu uso em frases simples, o que é relativamente fácil de perceber. Seguem-se os usos do conjuntivo em orações substantivas, como a oração subjetiva *é bom que* e a oração objetiva *Suspeito que*. Em seguida, explicaremos os usos do conjuntivo em orações adjetivas. Finalmente, chegaremos à parte mais difícil, o uso do conjuntivo nas orações adverbiais. Se aprender o modo conjuntivo fosse como construir uma casa, então estes primeiros usos aprendidos seriam os materiais básicos de construção, os alicerces da casa. É sempre melhor manter o aço, o cimento e os tijolos em categorias, do que empilhá-los de forma caótica.

3.2.3 Ajustar a ordem pela qual os tempos verbais são ensinados

Terminado o capítulo e as aulas sobre o presente do conjuntivo, a maioria dos livros didáticos explica o futuro e o pretérito imperfeito. A decepcionante taxa de acerto no inquérito mostra, no entanto, que não é uma escolha apropriada ensinar os tempos compostos apenas depois de os três tempos simples do conjuntivo terem sido ensinados. Por isso, pensamos que seria uma boa ideia integrar o capítulo sobre o pretérito perfeito logo depois do capítulo sobre o presente do conjuntivo estar concluído. Há duas vantagens em fazê-lo. Em primeiro lugar, em termos do significado gramatical, a utilização do presente e do pretérito perfeito (composto) do conjuntivo é exatamente a mesma, pelo que os estudantes não precisam de aprender nenhuma utilização nova e desconhecida do pretérito perfeito do conjuntivo. Por exemplo, nas orações condicionais introduzidas por *caso*, não só se pode usar o presente do indicativo *faça*, como também se pode usar o pretérito perfeito *tenha feito*, e, da mesma forma, quando o presente do conjuntivo não está disponível, como nas orações condicionais introduzidas por *se*, o pretérito perfeito não está. Em segundo lugar, quanto mais cedo os alunos forem expostos ao tempo composto do conjuntivo, mais cedo isto ficará gravado nos seus cérebros, o que, tal como referido no capítulo dedicado à análise do inquérito, significa que a situação de termos “Apenas 1.12 % das respostas de preenchimento sobre os tempos perfeitos do conjuntivo corretas” pode ser evitada.

3.2.4 Acentuar e enfatizar as relações entre os tempos

A chamada “ênfase na ligação entre tempos” significa que, ao aprender um novo tempo do conjuntivo, não devemos apenas ensinar aos alunos como usar este novo tempo, mas também dizer-lhes quais são as semelhanças ou diferenças entre o novo tempo e os anteriormente aprendidos, bem como as relações existentes entre eles. Ao ensinar aos alunos as relações existentes entre os diversos tempos, não só os ajudamos a compreender os usos de cada tempo do conjuntivo em si próprio, mas também lhes permitimos construir um

pensamento mais abrangente e sistemático. Este pensamento inclui todos os tempos do conjuntivo. Ao contrário da simples memorização do uso de cada tempo, este tipo de pensamento pode evitar que os alunos utilizem o tempo errado quando usam o conjuntivo na comunicação, ou que compreendam mal o significado das expressões dos outros tempos quanto ao conjuntivo.

3.2.4.1 Relação entre os tempos simples e os tempos compostos

Normalmente, no conjuntivo, todos os tempos simples, ou imperfeitos, designam o que está a acontecer, ou ainda não aconteceu, num determinado momento, ou seja, o que ainda não está concluído naquele momento. Com os tempos compostos, ou perfeitos, refere-se algo que se acabou num determinado momento, ou seja, algo que já está concluído naquele momento, e, por isso, os tempos perfeitos também têm um matiz de “passado”. Vejamos o exemplo mencionado em 3.2.3. Depois de explicarmos o presente do conjuntivo, falaremos do pretérito perfeito. Nesta altura, podemos dar vários exemplos de frases com os dois conjuntos para que os alunos possam comparar e identificar as semelhanças e diferenças entre os dois tempos.

Espero que estejas na exposição.

Espero que tenhas estado na exposição.

Será possível que, num próximo futuro, passemos férias na lua.

Será possível que, até a 2035, já tenhamos passado umas férias na lua.

Frases como estas, juntamente com explicações detalhadas do professor na sala de aula, tornam mais provável que os alunos compreendam os seus próprios usos, bem como as relações e diferenças entre eles. Na prática, no entanto, estes dois conjuntos de exemplos de orações substantivas estão longe de ser suficientes, no entanto, para não nos alongarmos demasiado na nossa exposição, limitamo-nos a estes. Idealmente, deve ser dado pelo menos um conjunto de frases exemplificativas de cada uso, ou seja, um conjunto de exemplos de

orações simples, um conjunto de exemplos de orações subjetivas, do tipo *é bom que...*, um de orações objetivas, como *espero que...*, um de objetivas como *suspeito que...*, um de adjetivas, um de concessivas, um de condicionais, e assim por diante.

Nesta secção, apresentámos um novo método para explicar os tempos simples e compostos do conjuntivo usando os tempos presente e pretérito perfeito como exemplos. No entanto, na verdade, este método pode ser aplicado igualmente para explicar os tempos futuro e futuro composto, assim como o pretérito imperfeito e mais-que-perfeito do conjuntivo.

3.2.4.2 Relação entre o futuro e o presente

Tendo sido explicado o pretérito perfeito do conjuntivo, parece-nos que o que deve ser ensinado e explicado a seguir são os tempos futuro e o futuro perfeito (o futuro composto). Tal como referimos na seção anterior, o tempo futuro aqui mencionado inclui o futuro imperfeito e o futuro perfeito. Julgamos que os principiantes tendem a cair no equívoco de que o presente do conjuntivo é usado para expressar o que está a acontecer, enquanto o futuro é usado para expressar o que vai acontecer no futuro. Nesta altura, é necessário sublinhar e enfatizar aos alunos que o futuro do conjuntivo é, de certa forma, um complemento do presente do conjuntivo, e que o futuro perfeito é também um complemento do pretérito perfeito. O presente do conjuntivo pode ser usado tanto no presente como no futuro, enquanto o futuro perfeito só pode ser usado no futuro em certos casos, e os tempos futuros do conjuntivo só podem ser usados num pequeno número de orações adjetivas e substantivas, bem como em algumas orações condicionais e temporais.

Na prática, podemos também mostrar aos alunos as semelhanças e diferenças entre o presente/pretérito perfeito e o futuro/futuro composto, bem como a sua relação de complementaridade e a ligação entre os seus usos, através de exemplos, como os três conjuntos de frases seguintes:

Caso tenhas visto (em vez de tiveres visto) o meu cão, debes dizer-mo agora.

Se tiveres visto (em vez de tenhas visto) o meu cão, deves dizer-mo agora.

Por favor, encontrem-me mais autocarros que cheguem a Madrid.

Por favor, encontrem-me mais autocarros que chegarem a Madrid.

Telefonem-me logo que completarem (ou completarem) o trabalho.

Telefonem-me quando completarem (em vez de completarem) o trabalho.

Ao utilizar exemplos como estes, os alunos terão uma compreensão integrada dos tempos futuro e presente do conjuntivo. Não só serão capazes de fazer melhor uso dos quatro tempos que tenham aprendido até agora, como também serão capazes de os compreender mais facilmente quando aprenderem os pretéritos imperfeito e mais-que-perfeito a seguir.

3.2.4.3 Relação entre o pretérito e o presente/futuro

Ao contrário da ordem geral de explicação na sala de aula ou nos livros didáticos, pensamos que o pretérito só deve ser ensinado depois de os outros quatro tempos do conjuntivo terem sido ensinados. Tal como nas duas seções anteriores, o pretérito que discutimos aqui inclui o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito, não o pretérito perfeito.

O pretérito pode ser relativamente complicado de explicar e ensinar porque tem três funções. A primeira função do pretérito é suavizar o tom, o que não tem nada que ver com o momento quando o verbo predicado acontece, quer passado, quer presente, quer futuro. O pretérito (imperfeito ou mais-que-perfeito, entenda-se) do conjuntivo está relacionado com o presente ou o futuro apenas quando serve as funções de “expressar algo que aconteceu ou teria acontecido no passado” e “expressar uma baixa probabilidade ou mesmo impossibilidade”. Por isso, quando falamos da ligação entre eles, temos de explicar aos alunos a relação entre estes três usos do pretérito e as diferenças entre eles. Os exemplos de frases que se seguem podem dar-nos ideias para explicar isto aos nossos alunos:

Eu pedia sinceramente que o administrador permitisse a minha solicitação.

*Era bom que o administrador permitisse o meu pedido. (mas é quase impossível)
(Naquela altura,) ele queria que o administrador permitisse a minha solicitação.
Oxalá o meu visto tivesse sido aprovado e estivesse no correio agora.
Eu estaria alegre se o seu visto tivesse sido aprovado, mas de facto não foi.
Ontem ele esperou que o seu visto tivesse sido aprovado e estivesse no correio naquele momento.*

Depois de ajudar os alunos a compreenderem os três usos do pretérito (imperfeito e mais-que-perfeito), podemos então relacioná-lo com o presente e o futuro, explicando a sua relação e as diferenças de uso. Para explicar o uso do pretérito perfeito, que “expressa uma baixa probabilidade ou mesmo impossibilidade”, podemos dar alguns exemplos como o seguinte conjunto:

(Eu sei que é quase impossível que dure tão pouco tempo, mas) se eles o tivessem permitido antes do fim deste mês, eu estaria alegríssimo.

(Eles trabalham muito depressa.) Caso eles o tenham permitido antes do fim do mês, eu estarei alegríssimo.

Quando explicamos o uso do pretérito do conjuntivo para “expressar algo que aconteceu ou teria acontecido no passado”, podemos dar exemplos como o seguinte conjunto de frases.

Ontem o meu projeto foi assim: assim que o alarme soasse, correríamos ao cimo do edifício. No entanto, isso não pareceu funcionar.

Por isso, eu alterei-o e hoje o meu projeto novo é o seguinte: assim que o alarme soar, correremos para fora do edifício.

Desta forma, os alunos podem construir uma rede de conhecimentos sólida e logicamente clara no meio destes seis tempos do conjuntivo. A sua aprendizagem é então

preparada para formar um sistema completo. Neste momento, no entanto, o sistema está longe de completo, porque ainda há um problema urgente a resolver: quando é que o modo conjuntivo deve ser usado? Qual é a diferença entre o uso do conjuntivo e o do indicativo?

3.2.5 Relação entre o conjuntivo e o indicativo

No nosso entender, o tempo e o modo são como a longitude e a latitude; só quando a latitude e a longitude são claras é que podemos determinar a posição de um ponto. Como referimos no subcapítulo 1.1, a definição de conjuntivo é muito abstrata e difícil de compreender. Alguns livros de gramática, como a *Gramática do Português* de Wang Suoying, nem sequer definem o conjuntivo, para não mencionar o facto de que existem alguns usos do conjuntivo que não estão relacionados com o significado semântico expresso pela frase, como as orações simples guiadas por *talvez* (que requerem o uso do indicativo quando o advérbio *talvez* é substituído por *provavelmente*).

Uma vez que é difícil dar uma definição universal do conjuntivo em si próprio, temos de nos contentar com a segunda melhor opção, que é definir os diferentes usos do conjuntivo, por exemplo, “nas orações objetivas, o conjuntivo deve ser usado se a oração exprimir uma vontade subjetiva em vez de um juízo subjetivo”, mas, mesmo assim, estas definições são ainda demasiado abstratas. Além disso, os contextos reais são muito complexos, como no exemplo da secção 1.3.2.2, em que ambas as frases são orações objetivas com o verbo predicado *creio que*, mas as orações usam modos diferentes devido aos diferentes significados que os falantes querem expressar.

Assim, a escolha e a compreensão do modo indicativo ou conjuntivo dependem muito de juízos de experiências, ou mesmo de vontades subjetivas, e é difícil fazer juízos lógicos a partir de definições, como no caso de *Cinéfilo refere-se a alguém que goste de filmes*, mas também pode ser *que gosta de filmes*. Depois de serem expostos aos seis tempos do conjuntivo, os alunos já estão, em certa medida, equipados com conhecimentos sobre o conjuntivo. É por isso que considero que as aulas sobre a seleção do tempo verbal devem preceder as aulas sobre a escolha do modo.

Embora seja difícil explicar o conjuntivo através de uma definição única e universal, ainda podemos fazer os alunos compreenderem o significado e conotação da definição dos diferentes usos através de exemplos e, gradualmente, fazemo-los desenvolver uma experiência e um padrão relativamente unificado e universal para a compreensão e uso de todos os usos do conjuntivo e sair do pensamento estereotipado. Em seguida, apresentaremos dois métodos para conseguir isso.

3.2.5.1 Criar frases exemplificativas, sobretudo contrastantes

Na verdade, nas secções anteriores sobre os tempos do conjuntivo, já utilizámos muitas frases de exemplo para ajudar os alunos a compreender a relação e diferença entre os vários tempos do conjuntivo. É que, no processo de aprendizagem dos tempos, podemos ainda partir das definições e deixar que os alunos façam juízos lógicos. Nesta altura, os pares de orações contrastantes servem apenas para ajudar os alunos a compreender. No entanto, como já foi referido, em muitos casos não existe uma definição uniforme de “se devem usar o conjuntivo”, e o juízo lógico é muitas vezes inútil e inseguro. Por conseguinte, os exemplos tornam-se mais importantes.

(1) Por exemplo, quase todos os estudantes universitários na China que acabaram de aprender o conjuntivo sabem que as orações subordinadas objetivas com verbo predicado que exprimem dúvida na oração principal, como *suspeitar* e *duvidar*, exigem o uso do conjuntivo. Muitos estudantes memorizam os verbos como “axiomas”, sem pensar no significado por detrás dos axiomas. Neste momento, precisamos de citar frases como os dois exemplos seguintes para os fazer sair do seu estereótipo e compreender o significado e conotação:

"Suspeito que a Terra gira em torno do sol", Giordano Bruno podia ter dito assim.

Nunca duvido que vocês são fiéis.

Essencialmente, embora ambas as frases de exemplo usem *suspeitar* e *duvidar* na

oração principal, ambas exprimem certeza, não dúvida. Por isso, ambas devem usar o indicativo na oração subordinada.

(2) Por exemplo, qualquer estudante universitário na China sabe que, quando o pronome indefinido, ou o artigo indefinido *um/uma*, é seguido por um substantivo que não tem um referente definido, a oração adjetiva que descreve este substantivo exige o uso do conjuntivo. É aqui que podemos dar dois exemplos de frases como os seguintes:

Encontrem-me mais autocarros que tenham chegado a Madrid.

Encontro agora mesmo mais um autocarro que chegou a Madrid.

Cinéfilo refere-se a alguém que goste de filmes.

Cinéfilo refere-se a alguém que gosta de filmes.

Com estes exemplos, os alunos podem ver que nunca é o artigo indefinido *um* que leva ao uso do conjuntivo numa oração adjetiva, mas o referente não especificado, ou "a possibilidade de existência do referente".

(3) Depois das orações substantivas e das adjetivas, daremos nesta secção um outro exemplo de oração adverbial. Sabemos que as orações subordinadas temporais usam o conjuntivo quando exprimem algo que ainda não está concluído, e o indicativo quando afirmam um facto estabelecido. No entanto, nas atividades reais de ensino, depois de aprenderem o conjuntivo, muitos alunos esquecem a possibilidade de utilizar o indicativo nas orações temporais têm. Neste caso, podemos citar o seguinte conjunto de frases de exemplo:

Assim que o alarme soasse, todos correríamos ao cimo do edifício,

Assim que o alarme soou, todos corremos para fora do edifício.

E há uma situação semelhante nas orações condicionais. Se uma oração condicional já for um facto dado, ou se a condição expressa pela oração condicional já tiver sido cumprida,

deve ser usado o indicativo. Mas este facto é frequentemente ignorado pelos alunos. De igual modo, podemos criar um conjunto de frases de exemplo para este fim:

Se és um homem, deves ser bravo e encarar a aventura.

Se fosses um avestruz, poderias enterrar a cabeça no solo e evitarias a aventura.

Com os exemplos acima apresentados, os alunos poderão compreender que nunca é *assim que* ou *se* que determina o uso do conjuntivo, mas o facto de a oração que conduzem não ser, ou pelo menos ainda não ser, um facto.

3.2.5.2 Estabelecer contextos, nomeadamente os contrastivos

Ao explicar o princípio do funcionamento do conjuntivo, se nos depararmos com um problema que não pode ser claro através de uma única frase ou através de um par/conjunto de frases de exemplo, podemos também criar uma situação e, se necessário, criar duas ou mais situações diferentes para comparação. Por exemplo, na frase *Suspeito que a Terra gira em torno do sol*, apresentada na secção anterior, criámos uma situação simples: *Giordano Bruno podia ter dito assim* para ilustrar o matiz de *acreditar*.

Outros exemplos da secção anterior também podem ser contextualizados para ajudar os alunos a compreendê-los mais facilmente. Por exemplo, os três exemplos seguintes podem ser todos transformados em contextos contrastantes:

(1) *Eu pretendia que, assim que o alarme soasse, todos correríamos ao cimo do edifício. No entanto, o facto é que, assim que o alarme soou, quase todos corremos fora dele.*

(2) — *Mãe, tive má notas em todos os últimos exames. Quero mesmo desistir.*

— *Se és um homem, deves ser corajoso e encarar as dificuldades. Só poderias enterrar a cabeça no solo e evitá-las se fosses uma avestruz.*

(3) — *É impossível! Lembro que há mais autocarros que tenham chegado cá. Encontrem-mos.*

— *Tens razão. Encontrei mais um que chegara há 10 minutos.*

Para além dos exemplos que apareceram anteriormente, podemos ainda criar as seguintes situações. Mesmo quando se está a explicar os tempos do conjuntivo, podemos também recorrer a contextos, se necessário:

(1) *Passou uma sombra preta. Creio que seja um gato, mas também acho possível que aquilo seja um cão.*

(2) *Que quente! Talvez eles tenham acendido (em vez de *acendam*) a fogueira. (porque é impossível estar quente demais antes de acenderem a fogueira)*

(3) *Vocês tinham mandado que eu usasse um microfone de forma que todos me ouvissem bem. Mas eu falei tão alto que todos me ouviram muito claramente.*

3.3 Uma questão de hegemonia cultural

De acordo com Zhang, a hegemonia cultural refere-se à utilização de vários instrumentos culturais, tais como teorias culturais, produtos culturais, recursos culturais e talentos culturais, para dominar a consciência social, a fim de alcançar o domínio nos aspetos políticos, económicos, culturais e sociais (2011, p.1). Esta seria, à partida, uma questão que nada tem que ver com o tema desta dissertação e que nem deveria ser discutida aqui. Contudo, no processo de preparação e redação deste documento, fomos apercebendo, cada vez mais, do impacto da hegemonia cultural na educação linguística. Parece-nos que, em termos do ensino do português nas universidades da China, os problemas relacionados com a teoria e metodologia de ensino do conjuntivo, na verdade, de muitos tópicos gramaticais, podem, na verdade, ser atribuídos à hegemonia cultural.

À semelhança do português, no francês e no italiano, e mesmo no inglês, que é uma língua germânica, existe o modo conjuntivo, ou pelo menos uma forma gramatical semelhante. Quando estudámos inglês no ensino secundário, nunca nos deparamos com um tópico gramatical que “não pudesse ser explicado ou pelos manuais ou pelos professores”.

Mesmo os tópicos mais pormenorizados eram explicados com muita clareza pelos livros ou manuais e pelos professores. Nas escolas secundárias, nas universidades e até nas organizações de ensino e formação da China, as gramáticas francesa e japonesa são também explicadas de forma muito clara, pelo menos não como em português. Verificámos que, passados três ou quatro anos de estudo, mais de metade dos estudantes universitários não conseguem dominar algum tópico gramatical importante e frequentemente usado. É para nós evidente que a culpa não é exclusivamente dos alunos, nem dos professores.

Parece-nos que a Grã-Bretanha, a França, os Estados Unidos e o Japão são civilizações poderosas, com uma forte influência internacional. Como tal, as suas línguas são inevitavelmente aprendidas por pessoas de todo o mundo. Isto faz com que o mercado do ensino do inglês, do japonês e do francês seja muito maior do que o do português. Por um lado, quanto mais chineses aprenderem inglês, francês e japonês, mais pessoas cometerão o mesmo tipo de erros e mais fácil será identificar problemas nos métodos de ensino. Por outro lado, um mercado mais vasto atrairá mais talentos para o ensino do inglês, do francês ou do japonês e, conseqüentemente, surgirão mais especialistas que dominam tanto o chinês como o inglês/francês/japonês. Um maior número de educadores, associado a uma maior base de estudantes, expõe problemas de ensino mais óbvios, pelo que quaisquer falhas nos métodos de ensino são rapidamente identificadas, quaisquer pormenores gramaticais são prontamente explicados por especialistas com autoridade, e novos métodos de ensino, mais adequados a aprendentes da língua, são constantemente propostos. O resultado final é um ciclo positivo em que o ensino do inglês, francês e japonês na China, tendo começado mais cedo e por si próprio já muito maduro (relativamente ao ensino do português no mesmo momento), está a tornar-se rápida e constantemente mais eficaz.

O português e o chinês enfrentam uma situação diametralmente oposta. Nem os países e regiões de língua portuguesa, como Portugal, o Brasil e Angola, nem os países e regiões de língua chinesa, como a China, Singapura, Malásia, etc., têm uma influência internacional suficiente. O resultado é um mercado mais pequeno de ensino do português/chinês e um menor número de educadores e especialistas. Isto leva, por conseguinte, a que muitos

pormenores gramaticais do português e do chinês não sejam explicados na outra língua e a que os métodos de ensino correspondentes não possam ser otimizados durante muito tempo. Tal reflete-se nos resultados do inquérito subjacente a esta dissertação, que mostra que mesmo os estudantes de pós-graduação não são capazes de compreender completamente um tópico gramatical tão importante e tão usado como o modo conjuntivo.

Podemos até encontrar vestígios do impacto da hegemonia cultural no ensino de línguas estrangeiras nas páginas *on-line* oficiais da *Apple* na China e em Portugal. Em apple.com/pt/, é possível encontrar as teclas ISO (79 teclas 75%) com *layout* de uma grande maioria das principais línguas europeias (graças, em grande parte, à UE e ao EEE), bem como do turco e do árabe. Em Portugal, por outro lado, o único teclado que está a ser oferecido pela *Apple* com a disposição ANSI (78 teclas 75%) é o inglês americano. Embora o chinês simplificado seja a língua mais falada no mundo (maior número de falantes nativos), não é oferecido o teclado do chinês simplificado, que tem a mesma disposição que a do inglês americano.

Da mesma forma, em apple.com.cn, é possível comprar teclados de chinês tradicional, chinês simplificado, coreano e inglês americano com a disposição ANSI, teclados japoneses com a disposição JIS e teclados de francês, alemão e inglês britânico com a disposição ISO. O espanhol, o árabe e o português, que têm muito mais falantes nativos do que o japonês, o coreano, o francês e o alemão, não aparecem nas páginas de compra de teclados. Vale a pena notar que, quando já existe uma linha de produção para uma determinada disposição de teclado, a produção de um *layout* adicional não representa um grande encargo para os custos de produção, transporte e pós-venda. E a única explicação para este fenómeno é a influência de uma língua num outro país. Na ausência de um acordo de comércio livre, como o do EEE, quanto maior for a influência de uma língua estrangeira num determinado país, e quanto mais pessoas aprenderem e utilizarem uma língua estrangeira, mais a *Apple* tende a oferecer o teclado correspondente nesse país.

Não se trata de criticar Portugal por não se ter tornado outra Grã-Bretanha, nem de pedir ao Brasil, à China ou a Singapura que se tornem os próximos EUA ou Japão. Se o português tivesse a mesma influência que o inglês tem atualmente, talvez alguns dos métodos propostos

por nós nesta dissertação, ou por outros, para melhorar o ensino e a aprendizagem do conjuntivo já tivessem sido propostos e postos em prática há 20 anos. Gostaríamos, no entanto, de acrescentar que, embora os problemas estruturais e sistémicos que a hegemonia cultural trouxe ao ensino do português na China não possam ser resolvidos com dissertações ou teses sobre o assunto, tal não significa que devamos ignorar a existência do que está na origem de todos os problemas. Uma vez que o título deste capítulo é “Reflexões e propostas de melhoria”, é natural que o conteúdo não se limite à proposta de estratégias de melhoria, sem uma reflexão sobre a realidade. Eis a razão pela qual decidimos incluir esta secção, que poderia parecer irrelevante, no final da nossa dissertação.

Conclusão

Desde que entrámos para a universidade, em 2018, e iniciámos a licenciatura em português, temo-nos vindo a aperceber da grande dificuldade que representa aprender o modo conjuntivo. Isso também nos levou a pensar mais sobre a conotação e a natureza do conjuntivo, bem como sobre a metodologia de ensino do conjuntivo, o que nos motivou a redigir esta dissertação.

No primeiro capítulo, começámos por fazer uma análise da bibliografia disponível sobre o tópico gramatical em estudo, citando uma variedade de fontes e aprofundando o estudo de obras autorizadas da gramática portuguesa sobre o conjuntivo. Depois disso, estabelecemos, com o máximo de rigor possível, a definição, a conjugação e os usos do conjuntivo do ponto de vista do tempo e do modo, respetivamente.

No Capítulo 2, apresentámos e explorámos os resultados de um inquérito composto por uma parte de *Verificação de Antecedentes* (seis perguntas) e uma parte de *Questionário de Conhecimentos* (39 perguntas de preenchimento e 8 perguntas de escolha múltipla), que foi distribuído por 100 alunos de diferentes universidades e com diferentes habilitações académicas. Tendo resumido e analisado as respostas aos inquéritos validados, identificámos os três erros técnicos mais comumente cometidos pelos estudantes universitários da China na aprendizagem do modo conjuntivo em português. São eles: a incapacidade de usar o conjuntivo no momento certo, a incapacidade de o usar no tempo correto e o uso incorreto de pessoa verbal e de conjugação. Destes, os erros de pessoa e de conjugação não são problemas exclusivos do modo conjuntivo, pelo que não os discutimos aturadamente neste trabalho. Em comparação com os tempos simples, é mais provável que os alunos cometam erros quando têm de utilizar os tempos compostos do conjuntivo. A partir destes problemas técnicos, bem como do próprio inquérito, identificámos as causas mais profundas destes problemas relacionadas com os livros didáticos e os métodos de ensino, que são, respetivamente, a dependência dos livros didáticos e o pensamento estereotipado.

Nos últimos anos, muitas pessoas têm considerado que a qualidade do ensino universitário na China se está a deteriorar. Por isso, muitas devem atribuir a culpa ao ensino

universitário no sentido em que os alunos dependem do manual, desenvolvem um pensamento estereotipado e não dominam bem o conjuntivo. Contudo, no Capítulo 3, através da explicação do conjuntivo num curso de português oferecido por uma organização de ensino e formação na China, e através das respostas ao inquérito apresentado a um imigrante localizado com antecedentes culturais chineses, mas a frequentar o ensino secundário em Portugal, refutámos esta visão. Apresentámos ainda um novo argumento: os métodos de ensino existentes não permitem que os estudantes universitários da China compreendam e dominem bem o modo conjuntivo, pelo que se deve explorar um novo método de ensinar o modo verbal, que seja mais adequado aos estudantes chineses. Depois, propusemos algumas estratégias para melhorar o ensino do conjuntivo. Em comparação com as estratégias tradicionais, julgamos que as nossas propostas são mais pormenorizadas e lógicas, tornando mais fácil ajudar os alunos a construir um sistema de pensamento completo e flexível na aprendizagem do conjuntivo.

No final do Capítulo 3, e ao longo deste trabalho de investigação, apontámos a causa, a montante, de todos os problemas identificados: a hegemonia cultural. Embora conscientes de que os efeitos da hegemonia cultural dificilmente possam ser alterados por uma pessoa ou por trabalhos de investigação como este, não podíamos ignorá-la e deixar de refletir sobre a sua pertinência.

Bibliografia

Apple. Inc. (Ed.). apple.com.cn

Apple. Inc. (Ed.). apple.com/pt/

Bechara, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Editora Lucerna.

Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa.

[Enciclopédia de Baidu. (Ed.). *Língua Portuguesa*.] 百度百科. (Ed.). 葡萄牙语. <https://baike.baidu.com/item/%E8%91%A1%E8%90%84%E7%89%99%E8%AF%AD/676611>

Liu, J. (2016). O Modo Conjuntivo Em Português Europeu. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro]. <https://ria.ua.pt/handle/10773/30335>

[Qiang, J. (2011). *Diminuição da qualidade do ensino superior à visão dos mecanismos de funcionamento das instituições de ensino superior*. Educação para a inovação e empreendedorismo.] 强建科. (2011). 从高校的运行机制看高等教育质量的下降. 创新与创业教育.

Raposo, E., Nascimento, M., Mota, M., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian.

[Universidade Politécnica de Macau (Ed.). *Uma panorâmica do desenvolvimento do ensino da língua portuguesa nas instituições de ensino superior chinesas*.] 澳门理工大学 (Ed.). 中國高等院校葡語教學發展概況.

<https://www.mpu.edu.mo/zh/highlights.php?hlight=30246>

[Wang, S., & Lu, Y. (1999). *Gramática do Português*. Imprensa de Educação de Línguas Estrangeiras de Xangai] 王锁瑛, & 鲁晏宾. (1999). *葡萄牙语语法*. 上海外语教育出版社.

[Ye, Z. (2010). *Português Universitário*. Imprensa de investigação e ensino de línguas estrangeiras] 叶志良. (2010). *大学葡萄牙语*. 外语教学与研究出版社

[Zhang, J. (2011) *Manifestações de hegemonia cultural e métodos de a combater*. Ideias Novas em Chengdu.] 张谨. (2011). *文化霸权的表现形式及其应对*. 天府新论.

Anexo: Inquérito original e resultados

Este inquérito por questionário é anónimo, não pontuado e não classificado. Os resultados do inquérito servem apenas para fins de investigação.

O inquérito está dividido em duas partes, uma destina-se à verificação de antecedentes, a outra é um questionário de conhecimento. Por favor, não utilize outros instrumentos além dos dicionários no preenchimento do questionário.

As suas compreensão e cooperação são muito apreciadas.

Parte A: Verificação de antecedentes

1. Há quantos anos estuda português? 您学习葡语几年了?

Estudo há _____ anos.

2. Está ou esteve a estudar num país lusófono? 您是否现在或曾经在葡语国家留学。

是Sim 否Não

(Por favor, classifique as próximas questões numa escala de 1 a 5, 1 por discordar fortemente, 2 por discordar, 3 por não estar seguro, 4 por concordar, 5 por concordar fortemente) 接下来的题目请根据您自己的主观看法评分，从1到5，1代表强烈反对，2代表反对，3代表不确定，4代表同意，5代表强烈同意)

3. Acho que tinha uma compreensão suficientemente boa do modo conjuntivo quando estudava português na China. 在中国学习葡语的过程中，我认为自己已经对虚拟式有了足够深的了解。

1 2 3 4 5

4. Acho que os livros didáticos da língua portuguesa escritos em chinês são muito úteis nesta fase para eu aprender o modo conjuntivo. 我认为现在以中文编写的葡萄牙语教科书对我学习虚拟式有很大帮助。

1 2 3 4 5

5. Nas minhas interações diárias com falantes nativos, ou durante as aulas com um professor lusófono, estou sempre atento/a às ocasiões e condições apropriadas para utilizar o modo conjuntivo com um tempo correto. 在与母语者的日常交流中，或者在与外教上课时，我总是留意在正确的时机和条件下使用虚拟式，同时使用适当的时态。

1 2 3 4 5

6. Quando outra pessoa usa o modo conjuntivo quando fala comigo, consigo compreender corretamente o que está a tentar expressar com o tempo do conjuntivo. 当其他人与我交谈时使用了虚拟式，我能够结合虚拟式的时态正确理解他想表达的意思。

1 2 3 4 5

Parte B: Questionário de conhecimentos

Preenchimento: Escreva a conjugação correta segundo as dicas entre parênteses. Preencha a resposta que achar mais precisa. 填空题：请根据括号中的提示，写出正确的动词变位。请填写您认为最准确的答案。

1. Suspeito que _____ (tu/estar) a mentir. Caso _____ (veres) o meu cão deves falar comigo agora mesmo.

2. Eles _____ (estar) nesta rua talvez naquele momento.

3. (O pedro disse-me “Venhamos à minha casa.”)

O pedro disse-me que _____ (nós/vir) à casa dele.

4. Será possível que, num próximo futuro, _____ (nós/passar) férias na lua.

5. Creio que _____ (ser) um gato, mas também acho que há a possibilidade de que _____ (ser) um cão.

6. Ela cantou com muita emoção, como se _____ (chorar)!

7. É sabido que o semestre _____ (acabar) amanhã.

8. Lamento que tenhas partido este copo. Se o _____ (partir), admite a tua culpa.
9. Nego que o João _____ (fugir). Tenho estado a olhar para a porta e ele não saiu.
10. Giordano Bruno podia ter dito assim: “Suspeito que a Terra _____ (girar) em torno do sol.
11. Pensei que _____ (eu/conseguir) apanhar o comboio para casa. Por isso voltei tão tarde.
12. Cuidado! É provável que _____ (surgir) animais selvagens na floresta.
13. Fale devagar! Isso faz com que todos o _____ (compreender).
14. _____ (ser) bom que tivesses chegado a horas. Quando apareceste, já tudo tinha acabado.
15. Por favor, encontrem-me mais autocarros que _____ (chegar) a Madrid.
16. No autocolante do frigorífico estava escrito: “Nossa Senhora de Fátima _____ (proteger) esta família”.
17. Estudei muito na escola secundária com a finalidade de que ninguém me _____ (ultrapassar).
18. Avisem-me logo que _____ (vocês/chegar) à estação de comboio. Eu irei burcar-vos.
19. Que quente! Talvez eles _____ (acender) o fogão.
20. Cheguei tarde à aula, mas não porque _____ (levantar-me) tarde naquela manhã.
21. _____ (eu/dizer) o que _____ (eu/dizer), ele não me acreditaria.
22. Ainda não é certo que _____ (tu/ser) admitido na universidade.
23. Que _____ (nós/ser) felizes. Ele assim desejou enquanto saía.
24. Nunca tenho dúvida de que vocês _____ (ser) fiéis.
25. Não tenho a certeza de que o assaltante _____ (fugir) nesta direção. Não o encontramos na CCTV.
26. Aonde quer que _____ (tu/ir), eu seguir-te-ia.

27. Eu falei disso contigo antes, de forma que agora _____ (saber) mais sobre o assunto.
28. Se _____ (você/ter) o bilhete, pode entrar diretamente no cinema.
29. É pouco claro que eu _____ (ser) um milionário no próximo mês.
30. Vou preveni-los sobre o que quer que eles _____ (fazer) amanhã.
31. Não consigo garantir que tudo _____ (correr) bem, a não ser que _____ (eles/contratar) um segurança ontem.
32. _____ (ser) bom que tivesses chegado a horas. Chegaste tão cedo ontem!
33. Devemos sair do salão de baile agora, antes que _____ (eles/dançar).
34. Se _____ (carregar) o teu carro elétrico antes das 3h, terás tempo e eletricidade. Assim, vens-me buscar.
35. Preciso urgentemente de um computador. Quem me dera que mo _____ (tu/comprar)!
36. _____ (ser) ele o culpado, ainda assim, lhe perdoariam.
37. Mandámos-te um email assim que _____ (chegar) ao destino.
38. Quem _____ (comer) tudo primeiro será o vencedor.
39. Quanto mais tu _____ (dizer), mais errarias.

Escolha: Há uma ou mais respostas corretas para cada espaço em branco. Por favor, selecione todas as respostas que achar corretas. 选择题：每个空有一个或几个正确答案，请选择所有您认为正确的答案。

40. “Cinéfilo” refere-se a alguém que _____ de cinema.

- A. gosta B. gostar
C. goste D. tenha gostado

41. Ele lamentou que eu não _____ o trabalho na última aula do mês passado. No entanto, eu acabei por entregá-lo na semana seguinte.

- A. entregue B. entregasse
C. tenha entregado D. tivesse entregado

42. Achei que _____ pelo menos uma pessoa no nosso grupo que _____ resolver o problema, e eles não me desesperançaram.

- A. houvesse B. havia
C. tivesse havido D. tem havido
E. conseguia

F.

consiga

- G. consegue H. conseguisse

43. Não acho que ele _____ no que dissera. Ele tinha um olhar suspeito.

- A. acredite B. tivesse acreditado
C. acreditasse D. tenha acreditado

44. Quem diria que ela _____ capaz disso

- A. era/seria B. foi
C. fosse D. tivesse sido

45. É uma pena que ele não _____ este trabalho antes do fim do prazo, ou seja, antes de sábado passado.

- A. completasse B. tenha completado
C. complete D. tivesse completado

46. Embora _____ muito rápido, não apanhei o autocarro.

- A. corresse B. tenha corrido

C. corra

D. tivesse corrido

47. O livro já foi publicado há muitos meses. As pessoas que _____ este livro vão certamente ver a sua adaptação ao cinema.

A. leram

B. lessem

C. tenham lido

D. tiverem lido

序号	Ano	Origem	A3	A4	A5	A6	P1.1	P1.2
序号 1	3	Aveiro	5	3	5	5	estejas	vejas
序号 2	3	Aveiro	2	4	2	2	estejas	vejas
序号 3	3	Aveiro	2	5	3	3	estejas	vejas
序号 4	3	Aveiro	4	5	4	2	estejas	veres
Número	3	Aveiro	4	4	4	4	estejas	veres
Número	3	Aveiro	3	4	4	3	estejas	vejas
Número	3	Aveiro	1	2	1	1	estejas	vejas
Nº 13	3	Aveiro	4	4	4	2	estejas	vejas
Nº 14	3	Aveiro	3	5	3	3	estejas	vejas
Nº 15	3	Aveiro	2	4	2	2	esteja	veres
Nº 16	3	Aveiro	4	4	4	4	estejas	vejas
Nº 17	3	Aveiro	1	1	1	1	estejas	vejas
Nº 18	3	Aveiro	4	5	5	5	esteja	veja
Nº 19	3	Aveiro	4	3	4	3	estejas	vejas
Nº 20	3	Aveiro	1	3	3	3	estás	vejas
Nº 21	3	Aveiro	4	5	3	4	estejas	vejas
Nº 22	3	Aveiro	3	4	4	4	estejas	vejas
Nº 24	3	Aveiro	2	4	5	5	esteja	veja
Nº 26	3	Aveiro	3	3	3	3	esteja	vejas
Nº 27	3	Aveiro	4	5	4	4	esteja	vejas
Nº 28	3	Aveiro	1	4	1	2	estejas	vejas
Nº 29	3	Aveiro	4	4	4	4	estejas	vejas
Nº 30	3	Aveiro	3	4	3	2	estejas	vejas
Nº 31	3	Aveiro	3	5	3	2	estejas	vires
Nº 32	3	Aveiro	4	5	4	4	estejas	vejas
Nº 35	3	Aveiro	3	4	4	4	esteja	vejas
Nº 36	3	Aveiro	2	4	4	4	estejas	vejas
Nº 37	3	Aveiro	3	4	4	3	estejas	vejas
Nº 38	3	Aveiro	4	4	4	4	estejas	vejas
Nº 39	3	Aveiro	3	5	3	4	estejas	vejas
Nº 40	3	Aveiro	3	4	2	2	estejas	vejos
Nº 41	3	Aveiro	3	5	4	2	esteja	vejas
Nº 42	4	Aveiro	2	4	3	3	estejas	vejas
Nº 43	4	Aveiro	2	4	3	3	esteja	vere
Nº 44	4	Aveiro	2	4	2	3	estejas	vejas
Nº 45	4	Aveiro	3	4	3	3	estás	vejas
Nº 46	4	Aveiro	3	4	4	3	esteja	veres
Nº 47	4	Aveiro	4	4	3	3	esteja	
Nº 48	4	Aveiro	2	5	2	4	estejas	venhas
Nº 49	4	Aveiro	2	3	1	1	esteja	vejas
Nº 50	4	Aveiro	4	3	3	3	estejas	vejas
Nº 51	4	Aveiro	4	5	4	4	estejas	veres
Nº 52	4	Aveiro	3	4	4	3	esteja	venhas

Nº 53	4	Aveiro	3	3	2	2	estejas	veres
Nº 54	4	Aveiro	3	4	2	2	estejas	vejas
Nº 55	4	Aveiro	2	3	2	2	estejas	veres
Nº 56	4	Aveiro	3	4	2	2	estaie	veres
Nº 57	4	Aveiro	3	3	3	3	estejas	vê
Nº 58	4	Aveiro	4	4	3	3	estejas	veres
Nº 59	4	Aveiro	2	3	3	2	estejas	vejas
Nº 60	4	Aveiro	3	5	1	1	estuda	veres
Nº 61	4	Aveiro	1	4	2	2	esteja	veres
Nº 62	4	Aveiro	2	5	2	3	estas	veres
Nº 65	4	Aveiro	3	4	3	4	esteja	
Nº 66	4	Aveiro	2	4	4	4	estejas	vejas
67	4	China	3	3	4	3	estives	ver
68	4	China	3	5	3	3	esteja	vejas
69	4	China	4	4	5	3	estejas	vejas
70	4	China	4	4	4	4	estejas	vejas
71	4	China	5	5	2	2	estejas	vejas
72	4	China	5	4	3	4	estejas	vejas
73	4	China	2	5	4	2	estejas	veres
74	4	China	4	5	1	3	esteja	vejas
75	4	China	1	4	3	3	estejas	venhas
76	4	China	4	3	5	4	estejas	vejas
77	4	China	3	3	3	3	estejas	vejas
78	4	China	4	4	3	4	esteja	vejas
79	4	China	3	5	5	2	estás	vejas
80	4	China	4	4	3	4	estejas	vejas
81	4	China	3	4	3	2	estejas	vejas
82	4	China	2	4	4	2	esteja	vejas
83	4	China	4	4	3	4	esteja	veja
84	4	China	3	4	2	3	estejas	vejas
85	4	China	3	4	4	1	esteja	vejas
86	4	China	3	4	3	4	estejas	vejas
87	4	China	2	3	4	3	estejas	veja
88	4	China	3	3	2	4	estás	vejas
89	3	China	3	4	4	2	esteja	vejas
90	4	China	4	4	2	2	estejas	vejos
91	3	China	4	3	2	3	estejas	vejas
92	3	China	4	4	2	3	estejas	veres
93	4	China	3	4	3	4	estaja	veres
94	4	China	3	4	1	3	estejas	veres
95	3	China	3	4	4	2	estejas	vê
96	3	China	3	3	4	3	esteja	vejas
97	3	China	3	5	3	4	estas	vejas
98	3	China	4	4	5	3	estives	vejas

99	4	China	2	4	3	2	estejas	vejas
100	6	Imigrante	2	3	2	3	estejas	veja

P2	P3	P4	P5.1	P5.2	P6
estão	viéssemos	passaremos	fosse	fosse	chorasse
estejam	venhamos	passemos	seja	seja	chores
estão	tivesse vindo	passarmos	seja	seja	chorasse
estavam	viéssem	passarmos	é	seja	chorar
estejam	passemos	passemos	seja	seja	chorasse
estejam	venhamos	passemos	seja	seja	chore
estão	venhamos	passemos	seja	seja	chorava
estejam	venhamos	passarem	seja	seja	chore
estejam	venhassemos	passarmos	é	seja	chorasse
estivem	estivessem	passassemos	fosse	fosse	chorasse
estaram	viéssemos	passaremos	sou	sou	chorasse
estavam	viéssemos	passemos	é	seja	chore
estava	viéssemos	passamos	é	seja	chorasse
estavam	viéssemos	passarmos	é	seja	chorasse
estejam	venhamos	passemos	é	seja	chore
estavam	vissemos	passarmos	é	seja	chorasse
estejam	viéssemos	passemos	seja	seja	chorasse
estejam	vamos	passemos	seja	seja	chore
estivessem					
esteirão	venhamos	passámos	é	seja	chore
estejam	viésseis	passarmos	seja	seja	chorou
estejam	venhamos	passarmos	é	seja	chorasse
estejam	venhamos	passemos	seja	seja	chore
estão	viéssemos	passarmos	seja	seja	chorasse
estejam	viéssemos	passarmos	seja	é	chorasse
estejam	venhamos	passemos	é	seja	chore
esteveram	viéssemos	passemos	é	seja	chora
estavam	viéssemos	passarmos	seja	seja	chorasse
	viéssemos	passarmos	seja	seja	chorasse
estejam	viéssemos	passaíemos	seja	seja	chorou
estejam	víssmos	passarmos	seja	seja	chorasse
estejam	venhamos	passemos	seja	seja	chore
estejam		passemos	é	seja	chore
estejam	vejamos	passamos	seja	seja	chore
estão	tinha vindo	passamos	seja	é	chorasse
estam	venhassemos	passassemos	seja	é	chorasse
estaram	venhassemos	passarmos	seja	é	chorasse
estejam	venha	passemos	seja	seja	chore
estejam	tínhamos vindo	passemos	seja	seja	chore
estejam	venhamos	passemos	seja	seja	chore
estajam	viésse	passarmos	seja	seja	chorasse
estavam	nos venham	passamos	seja	seja	chora
estão	viéssemos	passarmos	é	é	chorasse

estivessem	vissemos	passarmos	seja	seja	chorasse
estejam	venhamos	passámos	seja	seja	chore
estão	tenhamos vindo	passamos	seja	seja	chore
estejam	vinham	passarmos	fosse	seja	chorou
estejam	nós vissemos	passemos	seja	seja	chore
estivessem	tivessem vindo	passaremos	seja	seja	chorasse
estejam	viéssemos	passarmos	seja	seja	chorasse
estejam	vier	passamos	seja	é	chore
está			seja	seja	chora
estam	víssemos	passemos	seja	seja	estivesse chorando
estejam	viessemos	passarmos	sou	seja	chorasse
estiveram	venhemos	passarmos	é	seja	chore
estão	venhamos	passamos	era	era	chorasse
estejam	vinham	passaríamos	seja	é	chorasse
estivessem	viéssemos	passarmos	é	seja	chora
estivessem	viéssemos	passemos	seja	seja	chorasse
estão	viessemos	passemos	fosse	fosse	chores
estejam	venhamos	passarmos	é	seja	chore
estão	tivesse vindo	passemos	seja	seja	chore
estejam	venhassemos	passarmos	seja	seja	chorasse
estaram	venhamos	passemos	seja	seja	chorou
estavam	venhamos	passemos	seja	seja	chorasse
estejam	venhamos	passarmos	seja	seja	chore
estam	venhamos	passarem	fosse	seja	chora
estivessem	venhamos	passassemos	sou	seja	chorasse
estejam	venhamos	passemos	é	seja	chorasse
estejam	venhamos	passarmos	seja	seja	chore
estejam	venhassemos	passarmos	é	seja	chore
estão	venhamos	passarmos	seja	seja	chora
estejam	venhamos	passamos	é	seja	chorasse
estejam	venhamos	passemos	seja	seja	choras
estavam	venhamos	passarmos	seja	seja	chorasse
estejam	venhamos	passaeímos	seja	seja	chore
estejam	venhamos	passamos	seja	é	chore
estejam	venhamos	passemos	seja	ser	chorasse
estão	viemos	passamos	é	seja	chora
estaram	venhamos	passassemos	fosse	seja	chore
estejam	viessemos	passemos	seja	seja	chorasse
estejam	venhamos	passarmos	seja	seja	chorar
estejam	venhamos	passarmos	seja	seja	chorou
estivessem	venhamos	passarmos	seja	seja	chore
estejam	venhamos	passemos	é	sou	chore
estejam	venhamos	passarmos	seja	é	chorasse
estiveram	venhamos	passarmos	é	seja	chorasse

estejam	viessemos	passemos	é	seja	chore
estejam	veja	passarem	for	for	chore

P7	P8	P9	P10	P11	P12
acabe	partires	fuja	gire	consegui	surjam
acabado	parta	fuja	gire	consiga	surja
acabe	parta	fuja	gire	consiga	sig
acabe	partir	fuge	gire	consigo	surg
acabe	parta	fuja	gire	consigo	surja
acabe	partas	fuja	gire	conseguisse	surja
acabemos	parta	fuja	gire	consiga	surja
acaba	parta	fuga	gire	consegui	surgam
acabar	parta	fuja	gire	conseguisse	surja
acabe	parta	fuga	gire	consigo	surga
acabe	partir	fuge	gira	consegue	surja
acabará	partir	fuja	gire	consegua	surjas
acabar	partires	fuja	gire	conseguisse	surjam
acabará	partires	fuja	gire	conseguisse	surjam
acabe	parta	fuga	gire	consiga	sig
acabará	partisse	figa	gire	conseguisse	surga
acabe	partir	fuja	gire	conseguisse	surja
acabe	parta	fuga	gire	consiga	sirga
acaba	parte	fuja	gira	consiga	surja
acabou	parte	fuja	gira	consigo	surja
acabe	partires	fuja	gire	consegua	surjas
acabe	parta	fuja	gire	conseguisse	surja
acabe	partir	fuja	gire	conseguisse	surja
acaba	parta	fuja	gire	consigo	surja
acabará	partir	fuga	gire	consegue	surga
acabe	partires	fugiu	gire	conseguisse	surge
acabar	partir	fuga	gire	conseguisse	surga
acabará	partir	fuge	gire	consigo	surja
acaba	partas	fuja	gire	consigo	surjam
acabe	partas	fuga	gire		sujam
acabe	parta	fuga	gire	consegue	surga
acabe	parta	fuga	gire	consegua	surge
acabe	partir	fugir	gire	consegue	surgir
acabe	partir	fuga	gire	consiga	surge
acabe	partásse	fuja	gire	consigasse	surje
acabe	partirá	fuja	gire	conseguisse	surja
acabe	parta	fuga	gire	conseguisse	sirga
acabe	partia	fuge	gire	consiga	surga
acabe	partia	fuga	gire	consiga	sugua
acabe	partir	fuja	girasse	conseguisse	surja
acabe	parta	fuje	gire	consigasse	surge
acabe	partir	fujo	gire	consigo	surja

acabar	partir	fuja	gire	conseguisse	sigá
acabe	partir	fugue	gire	consiga	surgue
acaba	parte	fuge	gire	consiga	surge
acabasse	partisse	fugiste	girasse	consegue	surgiste
acabe	parta	fuja	gira	consiga	surge
acabar	partisse	fugisse	gire	consiga	surgam
acabe	parta	fuja	gire	consiga	surja
acabe	parta	fugei	gire	consegue	surge
acabe	parta	fugia	gire	consegua	surgia
acaba	partires	tenha fugido	gire	conseguisse	surjam
acaba	partir	fuja	gira	consigasse	surja
acabar	parta	fuja	gire	consiga	surjas
acabe	parta	fugir	gire	conseguesse	surja
acabe	parte	fugiu	gire	conseguesse	surja
acabe	parte	foga	girasse	consigo	surja
acaba	partires	tivesse fugido	gira	consegui	surjam
acabe	partir	fuja	gire	consigo	surje
acaba	parte	fuja	gire	consigasse	surge
acabe	partas	fuja	gire	consiga	surgia
acabe	partásse	fuga	gire	consigo	surja
acabasse	parta	fuja	gire	conseguisse	surjam
acaba	partir	fuga	gire	consegue	surgam
acabe	partisse	fuja	gire	consequia	surga
acabar	partir	fuga	gire	conseguisse	surja
acabe	partia	fuja	gira	consiga	surja
acabe	parta	fuja	gire	conseguisse	sigá
acabe	parta	fuja	gire	consiga	surga
acabes	partires	fuja	gire	consiga	surjas
acabe	parte	fuja	gire	conseguisse	surja
acabar	parta	fuga	gire	conseguisse	surja
acabe	parta	fuja	gire	consiga	surja
acabar	parta	fuga	gire	consegue	sujam
acabará	partésse	fuja	gire	consegue	surja
acaba	partir	fujo	gire	consigo	surjas
acabe	partir	fuja	girasse	consiga	surga
acabe	parta	fugue	gire	consiga	surja
acabe	parta	fuge	gire	conseguisse	surjam
acabar	partir	fugia	gire	consigo	surge
acabe	partir	tenha fugido	gire	consegui	surja
acabe	partirá	fuja	gire	consiga	surjam
acabe	partir	fuja	girasse	consiga	surja
acabará	partisse	fugir	gire	consegue	surjam
acabe	partir	fugiu	gire	conseguisse	sirga
acaba	partas	foga	gire	consigo	surja

acabe	parta	fuga	gire	consege	surja
acabe	parta	fuja	gire	consiga	surja

P13	P14	P15	P16	P17	P18
compreendam	era	chegam	proteje	ultrapasse	cheguem
compreendo	seja	chegue	protegiu	ultrapasse	cheguem
compreendam	era	cheguei	proteg	ultrapasse	cheguem
compreendem	era	chegar	proteje	ultrapassava	chegue
compreendem	era	cheguem	proteje	ultrapasse	cheguem
compreendam	era	chegues	proteja	ultrapassasse	cheguem
compreenda	é	chegue	proteja	ultrapasse	cheguemos
compreendem	era	cheguem	protege	ultrapassou	cheguem
compreendam	era	cheguem	protegesse	ultrapassassem	cheguem
compreenda	era	chegassem	protege	ultrapassei	chegassem
compreendem	foi	chego	proteje	ultrapassaste	chegarem
	seja	chegará	protege	ultrapassou	terão chegado
compreendam	era	chegar	protege	ultrapassassem	chegarem
compreendam	era	chegarem	protege	ultrapassasse	chegarem
compreenda	será	chegue	protegue	ultrapassa	chegue
compreendem	era	chegam	protege	ultrapasse	chegarem
compreender	era	chegarem	proteger	ultrapassar	cheguem
compreenda	seja	cheguem	proteja	ultrapasse	cheguem
compreenda	era	chegue	protege	ultrapassa	chegassem
compreenda	era	chegue	protege	ultrapassa	chegassem
compreendam	era	cheguem	protejasse	ultrapassasse	cheguem
compreenda	fosse	chegem	protege	ultrapassasse	chegem
compreenda	era	cheguem	protege	ultrapassar	chegarem
compreenderem	foi	chegarão	protege	ultrapasse	cheguem
compreendem	era	chegam	protege	ultrapassasse	chegarem
compreendam	era	cheguem	protege	ultrapassasse	chegarem
compreender	seria	chegarem	protegerá	ultrapassasse	chegarem
	era	cheguei	protege	ultrapassa	
compreendem	era	chegam	projete	ultrapasse	cheguem
compreendem	fora	chegam	progete	ultrapasse	cheguem
compreendam	seja	chegue	protego	ultrapasse	cheguem
compreendem	é				
compreenda	seja	chegue	protege	ultrapasse	cheguem
compreende	é	chegam	protege	ultrapassa	cheguem
compreendem	era	chequem		ultrapassassem	
compreenda	era	chegaram	protegeu	ultrapassei	chegarem
compreenda	seja	chegue	protega	ultrapasse	cheguem
compreenda	seja	cheguem	protega	ultrapass	cheguem
compreendi	seja	chegui	protegar	ultrapasse	chegi
compreenda	foi	cheguem	proteja	ultrapasse	chegue
compreenda	seja	chguem	proteja	ultrapasse	cheguem
compreendam	foi		protegeu	ultrapasso	cheguem

compreendam	seja	cheguem	protegesse	ultrapassasse	chegarem
compreendam	era	chegue	protege	ultrapasse	chegues/chegares
compreendem	foi	chegam	protege	ultrapassou	chegarem
compreendem	seja	chegasse	protegissem	ultrapassasse	chegasse
compreendam	seja	chegue	proteja	ultrapasse	cheguemos
compreendam	seja	chegarem	protegesse	ultrapassasse	chegarem
compreendem	era	chegam	proteja	ultrapassasse	cheguemos
compreenda	é	cheguei	protege	ultrapassa	cheguei
compreendem	é	chegue	protege	ultrapassei	chegue
compreendam	seria	cheguem	proteja	ultrapasse	chegarem
compreendam	fui	chegassem	proteja	ultrapassasse	chegasse
compreendam	era	chegar	protege	ultrapasse	cheguemos
compreendo	ser	cheguei	proteger	ultrapassar	chegue
compreendem	será	chega	proteja	ultrapasse	cheguemos
compreendam	era	chegarem	protegerá	ultrapassasse	cheguemos
compreendam	foi	chegam	protege	ultrapassou	chegarem
compreenda	seja	cheguemos	proteja	ultrapassasse	cheguemos
compreendem	foi	chegue	proteje	ultrapasse	cheguemos
compreendem	seja	cheguemos	protejam	ultrapassassem	cheguemos
compreendem	foi	chegam	proteje	ultrapasse	chegue
compreendam	foi	chegam	proteja	ultrapassou	cheguemos
compreendi	é	chegarem	proteje	ultrapasse	chegarem
compreenda	seja	chegasse	protege	ultrapasse	terão chegado
compreenderem	fosse	cheguemos	protegesse	ultrapassa	chegue
compreendam	seja	chegar	proteje	ultrapassasse	chegarem
compreenda	era	chegassem	protege	ultrapassa	cheguemos
compreendam	é	cheguemos	proteger	ultrapassou	cheguemos
compreenda	era	chegue	protege	ultrapassei	cheguemos
compreendam	era	chegam	proteja	ultrapassou	cheguemos
compreenda	era	chegar	protege	ultrapassassem	cheguemos
compreendem	era	chegue	protegem	ultrapassasse	cheguemos
compreendam	seria	cheguei	protege	ultrapasse	cheguemos
compreende	é	cheguemos	protege	ultrapassar	chegarem
compreendam	era	cheguemos	protege	ultrapassa	chegarem
compreendem	seja	chegue	proteja	ultrapassasse	chegasse
compreendam	seja	cheguei	proteja	ultrapassasse	cheguemos
compreenda	seja	cheguemos	proteja	ultrapassar	cheguemos
compreendem	era	chegam	protege	ultrapassa	cheguei
compreendam	seja	chegue	protegissem	ultrapasse	chegam
compreenda	seria	cheguei	protegesse	ultrapasse	chegasse
compreende	fui	chega	protege	ultrapasse	cheguemos
compreenda	era	chegarem	protege	ultrapasso	chegue
compreenda	é	chegarem	proteja	ultrapassar	cheguemos
compreende	é	chegam	proteja	ultrapasse	chegarem

compreendi	era	cheguem	proteja	ultrapassar	cheguem
compreenda	seja	chege	proteja	ultrapasse	cheguem

P19	P20	P21.1	P21.2	P22
acendam	me levanta	diga	disser	sejas
acendam	me levante	diz	disse	sejas
acendam	me tivesse levantado	diz	dizesse	sejas
acendem	me levantava	disse	tenho dizido	sejas
acendam	me levanta	diga	dizer	sejas
acendam	me levante	digo	diga	seja
acendam	levante	disse	dizia	sejas
acendam	me levantei	diga	dizer	sejas
acendam	me levantasse	disse	dizer	sejas
acenda	me levanta	disse	tenha dito	seja
acendam	me levantei	diga	disseste	és
acendessem	me tinha levantà	dizerei	disse	sejas
acendam	me levantei	diga	disser	sejas
acendam	me levantei	diga	disser	sejas
acendam	me levantasse	diz	diga	és
acendam	me levantasse	disse	dizer	seja
acendam	me levantou	diga	disser	sejas
acendam	me levantasse			sejas
acendam				sejas
acendam	me levante	diria	dizido	sejas
acendam	me levante	dizia	tinha dizido	sejas
acendam	me levantasse	diga	disser	sejas
acendam	me levant	diga	dizer	seja
acendam	me levantasse	diga	disser	sejas
acendam	me levante	diga	disser	sejas
acendam	me levantasse	disse	tinha dito	sejas
acendam	me levantei	diga	dizer	sejas
acendam	me levantou	disse	dizer	sejas
acendam		diga		és
acendam	levantava-me	dizia	disse	seja
acenguem	levantava-me	diza	disse	seja
acendam	me levante	diz	diga	sejas
acendam	levante-me	diga	disse	és
acendam	me levante	digo	dizer	sejas
acendam	me levantei	digo	disser	seja
acendem	me	diga		sejas
acendam	me levantei	diga	disser	sejas
acendam	se levante	diga	diga	sejas
acendam	me levanto	dogo	dizer	és
acendam	me levante	disse	diga	sejas
acendam	levantasse	diga	disser	sejas
acendam	me levantasse	disse	dito	sejas
acendam	me levantei	disser	diga	és

acendam	me levantasse	dizer	diga	sejas
acendam	me levantei	diga	disse	seja
acendam	me levante	digo	disse	sejas
acendisse	levansse-se	digo	disse	seja
acendam	me levante	digue	disse	sejas
acesam	me levantasse	digo	disse	és
acendam	me levantasse	digo	diz	sejas
acenda	me levantou	disse	dize	sejas
acendam	me levanta	digo	digo	seja
acendido	me levantei	se eu dissesse	eu disse	sejas
acendam	me levantasse	diga	disser	sejas
acendam	me levantei	digo	digo	sejas
acendam	me levantas	digue	dizesse	era
acendam	me levante	diz	diga	sejas
acendam	me levantasse	digo	disse	sejas
acendam	me levantasse	diga	disser	sejas
acendam	me levantou	disse	dizer	sejas
acendam	me levante	digo	disse	sejas
acendam	levante	diga	dizer	sejas
acendam	me levante	diga	disser	sejas
acendam	me levantasse	diga	diga	seja
acendam	me levanta	dizia	disseste	sejas
acendam	levantava-me	disse	tinha dito	seja
acendam	me levantas	digo	digo	sejas
acendam	me levantei	disse	disse	seja
acendam	me levantei	diz	disser	era
acendam	levante-me	diga	disse	sejas
acendam	me levantasse	diga	dizer	sejas
acendam	levantava-me	diga	disser	sejas
acenuquem	me levanta	diz	disser	sejas
acendam	me levantasse	dizia	diga	sejas
acendam	me tivesse levantado	disse	tenho dizido	sejas
acendam	me levante	digo	disse	sejas
acendam	me levantei	diga	diga	és
acendam	me levantei	diz	dizer	seja
acendam	me levanta	diga	dizer	sejas
acendam	me levante	diga	diga	seja
acendam	me levantei	diga	disse	sejas
acesam	me levante	diga	dizer	sejas
acendam	me levantasse	disse	dizido	sejas
acendido	me levanta	digue	disse	sejas
acendam	me levantei	disse	disser	seja
acendam	me levantasse	disse	disse	sejas
acendam	se levante	digo	disser	és

acendam	me levante	dizia	disser	sejas
acendam	me levante	diga	diga	sejas

P23	P24	P25	P26	P27	P28	P29
somos	sejam	fuja	fores	soubesses	tiver	seja
seja	sejam	fuju	vás	soubesse	tenha	for
tivéssemos sido	sejam	fuja	iria	sabesse	tenhas	seja
fomos	eram	fuge	fores	soubesse	tiver	for
sejamos	são	fuja	vás	sei	tiver	seja
fosse	sejam	fuja		soubesse		seja
sejamos	sejam				tenha	seja
somos	são	fuga	vás	soubesse	tenha	seja
fossemos	são	fuja	fores	soubesse	tiver	seja
sejamos	são	fuga	irás	soubesse	tivesse	seja
samos	teejam	fuja	fosse	soubeste	tiverem	sou
sejamos	sejam	fugissem	vás	sei	tiver	seja
fomos	sejam	fugisse	fores	saiba	tiver	seja
sejamos	sejam	fuja	fores	saiba	tiver	seja
sejamos	sejam	figa	vás	saiba	tenha	seja
formos	sejam	fuga	vais	saiba	tenha	for
fôssemos	forem	fuja	fores	s	tiver	seja
sejamos	sejam	fuga	vás	soube	terem	ser
					tenha	sou
eramos	são	fuja	vá	sabe	tenha	será
eramos	são	fuja	vá	sabe	tenha	serei
fomos	são	fuja	fosses	soubesse	tiver	seja
sejamos	sejam	fuja	vás	soubesse		
sejamos	sejam	fuja	fores	souber	tiver	seja
fôssemos	sejam	fuja	fores	ser	tiver	for
somo	sejam	duga	fores	soubesse	tiver	seja
fossemos	são	fugisse	fores	saiba	tiver	seja
fôssemos	sejam	fugasse	fores	saiba	tiver	seja
somos	são	fuga	vais			
são	são	fuja	vás	sabes	tenha	seja
são	são	fuja	vás	sabe	tenha	seja
sejamos	sejam	fuga	vás	saiba	tenhas	seja
somos					t	seja
sejamos	sejam	fugir	ires	saiba	teja	seja
sejamos	são	fuge	vais	soube	tem	sou
fôssemos	fossem		fosses		tivesse	seja
somos	sejam	fuja	sejas	sei	tivessem	sou
sejamos	sejam	fuga	ia	saiba	tenha	seja
sejamos	sejam	fuga	vás	soube	tenha	sou
sejamos	sejam	fuga	ias	sabias	tinha	seja
sejamos	sejam	fuja	vás	sabesse	tiver	seja
sejamos	sejam		vás	saibam	tenham	seja
sejamos	sejam	fuja	fosses	soubesse	tiver	sou

fossemos	sejam	fuja	ires	sabesse	tenha	seja
sejamos	sejam	fugue	fores	sei	tiver	seja
somos	são	fuge	vás	sei	tenha	seja
sejamos	fossem	fugisou	fosse	sei	tenha	seja
sejamos	sejam	fuja	vás	saiba	tenha	seja
fôssemos	são	fugiu	vás	saiba	tivesse	sou
sejamos	sejam	fuja	vás	sabesse	tenha	seja
somos	sejam	fugi	vir	sabia	tenha	seja
sejamos	sejam	fuja/fugia	vá	saba	tenha	sou
sejamos	são	tenha fugido	vás	soube	estiveres	serei
fomos	são	fuja	vás	soubesse	tiver	seja
sejamos	sejam	fuja	ires	saiba	tenha	seja
tive	são	fugir	vão	saiba	tive	é
sejamos	sejam	fugiu	vás	saiba	tenha	seja
sejamos	sejam	foga	iria	sei	tenha	seja
fôssemos	sejam	fugisse	fosse	sabes	tiver	serei
seja	sejam	fuja	vás	soubesses	tiver	seja
sejamos	eram	vás	iria	soubesse	tiver	for
sejamos	são	fuja	fores	sei	tivesse	seja
fosse	sejam	fuga	vás	saiba	tenhas	seja
somos	sejam	fugissem	vás	soubesse	tenha	seja
samos	sejam	fuga	vás	sabe	tenha	sou
fomos	são	fuja	vás	soubesse	tiverem	serei
somos	tengam	fuga	vás	soubesse	tiver	seja
sejamos	sejam	fuja	vás	sei	tenha	seja
eramos	são	fuja	vás	saiba	terem	for
eramos	forem	fuja	fosses	soube	tenha	seja
fomos	sejam	fuja	fores	sabe	tenha	seja
sejamos	sejam	fuja	fores	soubesse	tenha	seja
sejamos	sejam	fuga	fores	souber	tiver	seja
sejamos	sejam	fugir	vás	soubesse	tiver	seja
fossemos	sejam	fuge	vás	saiba	tiver	sou
somos	são	fuja	ires	sabes	tenha	seja
são	são	fuga	ia	sabe	tenha	seja
sejamos	sejam	fuga	vás	saiba	tenha	sou
sejamos	sejam	fuja	vás	sabias	tiver	seja
sejamos	sejam	fuja	ires	sabesse	tenham	seja
sejamos	sejam	fuja	vás	sei	tiver	sou
somos	sejam	fuge	vás	sei	tenha	seja
sejamos	sejam	fuja	vás	sabesse	tenha	seja
sejamos	sejam	fugiu	vir	sabia	tenha	serei
fôssemos	sejam	fugia	ires	soube	tiver	seja
fomos	sejam	fugiu	vás	saiba	tenha	seja
sejamos	são	foga	iria	sei	tive	serei

eramos	sejam	fuga	fores	soubesse	tenha	seja
sejamos	sejam	fujam	vós	sabia	tenhas	seja

P30	P31.1	P31.2	P32	P33	P34
fizerem	corra	contratassem	era	dancemos	carregares
façam	correu	contratou	fui	dançamos	carregues
faça	correm	contratem	seja	dançem	carregue
fizerem	corra	contratarem	era	dançarem	carregar
façam	corra	contratem	era	dancem	carregar
fizerem		contratem	era	dancem	carregue
			é		
fizessem	corra	contratem	era	dancem	carregues
façam	correu	contratassem	era		
fazerem	corra	contratasse	era	dançassem	carregar
façam	corre	contratem	foi	dancem	carregares
fazerão	correr	contratarem	seja	tiverem dançado	carregares
fizessem	corra	contratem	era	dançarem	carregares
fizerem	corra	contratem	era	dançarem	carregares
façam	corre	contratam	será	dançam	carregue
façam	corra	contratam	era	dancem	carregues
fizer	correr	contratassem	era	dancem	carregares
fizem	correm	contratem	seja	dançem	carregue
façam	corra	contratassem	foi		carregue
façam	corre	contrata	era	dançassem	carrega
façam	corre	contrata	era	dançam	carrega
façam	corra	contratassem	era	dancem	carregares
fizerem	corra	contrarem	era	dancem	carregar
fizerem	corra	encontrassem	foi	dançassemos	carregares
fizerem	corra	encontrem	era	dançem	carregares
façam	corra	comtratam	era	dancem	carregares
façam	corra	contratam	era	dancem	carregues
façam	corra	contra	era	dancem	carregues
faça	correm	contratem	seja	dançem	carregue
		contraten	é	dançam	carrege
feitam	corre	contratem	seja	dançe	carrega
fazer	corre	contratam	é	dançamos	carrega
			era	dançaram	carrequesse
fazerem	corre	contratem	era	dançem	carregares
fa	corra	contratem	seja	dançem	carrege
façam	corra	contratem	seja	dançam	carregasse
feitam	corra	contratem	seja	dançem	carrege
façam	corra	contratem	foi	dançasse	carregares
fariam	corra	contratem	seja	dancem	carregue
fizerem	corre	correm	foi	dancem	carregares

fazerem	corra	contratem	seja	dançarem	carregar
façam	corra	contratem	seja	dancem	carregue
fazem	corre	contratram	seja	dancemos	carregue
fazem	correm	contrasse	fosse	dançasse	carregasse
façam	corra	contratemos	seja	dancem	carregue
fizerem	corra	contratem	seria	dançem	carregasses
façam	corra	contratem	era	dance	carregares
foz	correi	contratam	é	dance	carregei
façam	corram	contratem	sejam	dançem	carrege
farei	corra	tenham contratado	seria	comecem a dançar	carregares
fizessem	coma	contratassem	fui	dancessemos	carregares
fazerem	corra	contratem	fosse	dançarem	carregue
faça	corra	contratar	será	dançar	carregasse
façam	corra	contratem	será	dancem	carregas
farão	corra	contratem	era	dancem	carregues
fizerem	corra	contratassem	foi	dançarem	carregares
façam	correm	contratou		dançam	carregares
façam	corra	contratem	fui	dançem	carregei
fazerem	corra	contratarem	seja	dançasse	carregue
façam	corra	contratem	era	dancem	carregasse
fizerem	correu	contratarem	era	dancem	carregue
façam	corra	contratem	era	dançarem	carregasses
fizerem	corre	contratem	era	dançamos	carregues
fizessem	corra	contratassem	era	dançem	carregue
fizerem	correr	contratem	seja	dançarem	carregue
fizer	correm	encontrem	era	dancem	carregues
fizerem	corre	contratam	era	dançassem	carregar
fizerem	corra	contra	seja	dance	carregares
fizerem	corra	contratem	foi	tiverem dançado	carregares
feitam	corra	contratem	era	dançarem	carregares
fazerem	correm	contratam	era	dançarem	carregares
feitam	corre	correm	era	dançassem	carregues
fariam	corre	contratem	era	dançam	carregue
fizerem	corre	contratem	era	dance	carrega
fazem	corra	contratram	seja	dancem	carregares
fizerem	corra	contrasse	é	dançassemos	carregar
façam	corre	contratem	seja	dançem	carregares
forz	corra	contratem	foi	dançem	carregares
façam	corra	contratam	seja	dancem	carregues
farei	corra	contratem	era	dançe	carregasse
fazerem	corram	contratassem	sejam	dancessemos	carrege
faça	corra	contratem	seria	dançem	carregue
façam	corra	contratar	era	dançar	carregares
farão	corre	contratassem	foi	dançarem	carregares

façam	corre	correm	era	dançarem	carregues
façam	corra	contrate	seja	dance	carreja

P35	P36	P37	P38	P39	E40	E41
comprasses	fosse	chegares	comer	dirás	C	D
compres	foi	chegaria	comeu	dizes	C	B
compre	seja	chegues	coma	digas	C	A
comparaes	será	chegar	comer	dissesses	B	D
compres	ser	chegasse	coma	diz	C	D
compres	fosse	chegues	coma	dissesses	C	B
	seja	chegues		disseste	B	B
compres	era	chegássemos	coma	digas	A	D
					C	D
comprares	foi	chegue	comer	dizesses	A	B
	será	chegaste	come	digas	C	B
compraste	é	chegados	coma	dizerias	A	D
compres	foi	chegassêmos	comer	dissesses	A	BD
compres	foi	chegarmos	comer	disses	C	BD
compra	seja	chegue	coma	diga	D	D
compres	era	chegássemos	comer	disser		
compres	seja	cheguemos	comesse	digas	C	B
	fosse	chegêssemos	coma	dissesses	C	D
compras	seja	chegamos	coma	dizes	A	B
compres	era	chegamos	coma	dizes	D	B
compres	era	chegasse	coma	disses	C	B
compres	seria	chegarmos	comer	dizerias	C	B
comprares	foi	chegassemos	come	dizeres	A	D
compre	era	chegarmos	coma	dissesses	C	B
comprasses	era	chegasses	coma	disses	C	D
compres	seja	chegam	comes	dizes	A	A
compres	seria				C	B
compre	seja	chegues	coma	digas	C	A
compras		chegue	com	dighas	C	A
compra	seja	chegua	come	digas	A	A
compras	é	chega	come	dizes	C	B
compres	fosse	chequemos	come	digas	C	D
compres	é	chegue	comer	dizes	A	D
compres	seja	chegue	coma	digas	C	B
comprem	seria	chegue	coma	dizia	B	B
compres	sejam	chegemos	comece	disses	A	B
comprares	foi	chegues	coma	digas	C	B
comprasses	seja	chegue	coma	digas	A	B
compres	foi	chegássemos	coma	digas	C	B

compres	seja	cheguemos	coma	digas	C	D
compres	seja	cheguemos	coma	digas	C	A
compres	seja	cheguemos	coma	dizes	A	B
compra	foi	chegamos	coma	disse	C	D
compres	seja	chegue	coma	digas	D	B
compre	seria	chegemos	coma	digas	C	B
compre	fosse	chegue	coma	digas	C	B
compre	é	chege	come	diz	B	A
compre		chegues	coma	digas	C	B
compres		chegares	comer	disseres	A	A
compres	era	chegar	coma	digas	A	BD
compres	seja	chegarmos	coma	digas	A	B
comprasses	ser	cheguei	comer	dizer	CD	B
comprares	será	chegue	coma	digas	C	B
compres	seria	chegássemos	come	dissses	CD	B
comprasses	seria	tenhamos chegado	coma	disssesses	C	BCD
compres	seja	chegaria	coma	digas	C	A
compre	será	chegues	comer	diz	C	D
compres	ser	chegar	coma	disssesses	B	A
comparaes	fosse	chegasse	coma	disses	C	C
compres	era	chegues	coma	disser	D	B
compres	seja	chegássemos	comer	digas	C	B
comprares	era	chegue	come	dizes	C	D
compraste	seja	chegaste	coma	dizes	A	D
compres	fosse	chegados	comer	disses	D	B
compre	seja	chegassêmos	coma	dizerias	C	D
compra	era	chegarmos	come	dizeres	C	BD
compres	seria	chegue	coma	disssesses	C	BD
compras	foi	chegassemos	coma	disses	C	D
compres	era	chegarmos	comes	dizes	A	B
comprasses	era	chegasses	coma	dizes	A	B
compres	seja	chegues	coma	digas	C	D
compras	seria	chegue	come	dizes	C	B
compres	seja	cheguas	coma	digas	A	B
comprem	é	chega	coma	dizia	C	B
compre	seja	chegue	coma	disses	C	B
compras	sejam	chegue	coma	digas	A	D
compres	seja	chegemos	come	digas	C	B
compre	seja	chegues	coma	diz	C	A
compre	seja	chegássemos	comer	digas	C	B
compres	foi	chegemos	coma	digas	A	D
compres	seria	chegar	coma	digas	CD	B
compres	era	chegarmos	coma	digas	CD	A
comprasses	seja	cheguei	come	dissses	C	B

compre	será	chegues	coma	dizes	A	B
compre	seja	chegamos	come	dirias	D	C

E42.1	E42.2	E43	E44	E45	E46	E47
B	F	A	C	C	C	A
A		D	A	B	B	BD
B	F	C	D	B	D	D
B	G	A	C	C	C	B
A	H	A	D	A	A	D
B		A	B	C	D	B
C		C	B	A	D	A
D	G	B	C	A	A	C
A	G	A	A	B	A	C
C	H	A	C	C	A	A
C	H	A	C	C	A	A
AC	H	B	C	C	D	D
AB	H	A	A	B	B	C
D	H	A	C	D	A	D
B	G	B	C	B	B	D
A	E	A	C	C	A	A
B	H	C	C	D	B	C
B	D	C	A	D	C	B
B	H	C	C	C	D	B
		A		A	A	B
C	H	C	B	D	A	D
B	H	A	C	C	A	C
A						
C		B	A	A	A	C
		B	C	A	A	B
B	G	A	C	C	C	A
B		A	B	A	C	D
B	D	A	A	C	C	C
C	B	A	D	B	C	C
B	H	D	D	C	A	A
B	G	A	C	B	D	C
B	H	A	B	C	A	A
B	C	B	D	D	A	C
A	F	C	C	B	C	D
A	E	A	C	C	D	B
A	D	A	D	C	A	B
B	H	A	C	C	A	C

D	G	CD	CD	AB	BD	BC
A	G	A	C	D	D	D
A	B	A	C	D	A	B
B	H	B	D	B	D	A
A	D	B	D	D	D	D
A	G	C	A	C	D	B
A	F	B	C	D	D	D
B	H	A	B	B	A	C
B	G	A	A	D	D	B
A	D	D	A	B	B	A
A	E	C	C	B	B	D
B	H	A	B	D	A	A
C	G	A	C	C	C	C
A	H	B	A	D	A	B
B	G	A	C	C	A	A
B	H	A	A	B	B	A
B	H	D	D	B	A	A
A	G	C	D	B	B	C
B	F	A	C	C	A	C
B	G	A	B	C	A	C
B	B	C	C	C	A	D
A	D	C	C	A	A	B
B	C	B	B	A	C	D
B	H	A	A	A	C	A
D	H	A	C	C	D	B
B	E	A	B	C	B	D
B	G	B	C	B	A	D
A	G	A	B	C	B	B
A	D	C	C	B	B	A
A	H	A	A	C	B	BD
C	E	C	C	B	D	C
A	F	B	B	A	A	D
AC	H	B	D	B	A	B
C	H	A	C	C	A	B
A	H	A	C	A	C	C
B	G	D	C	D	B	B
B	H	C	D	C	D	C
C	H	A	CD	D	A	C
B	D	B	C	C	B	A
A	H	A	D	D	D	A
B	G	C	B	B	D	D
A	H	A	A	A	D	C
AB	G	A	D	AB	D	A
A	H	A	C	D	A	D

D	G	C	C	B	D	A
D	E	C	C	B	C	B